

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Cinthia de Carvalho Lourenço

Saídas e retornos ao lar parental sob o olhar da diferenciação

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Cinthia de Carvalho Lourenço

Saídas e retornos ao lar parental sob o olhar da diferenciação

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

SÃO PAULO

2012

ERRATA

Folha 69

Leia-se

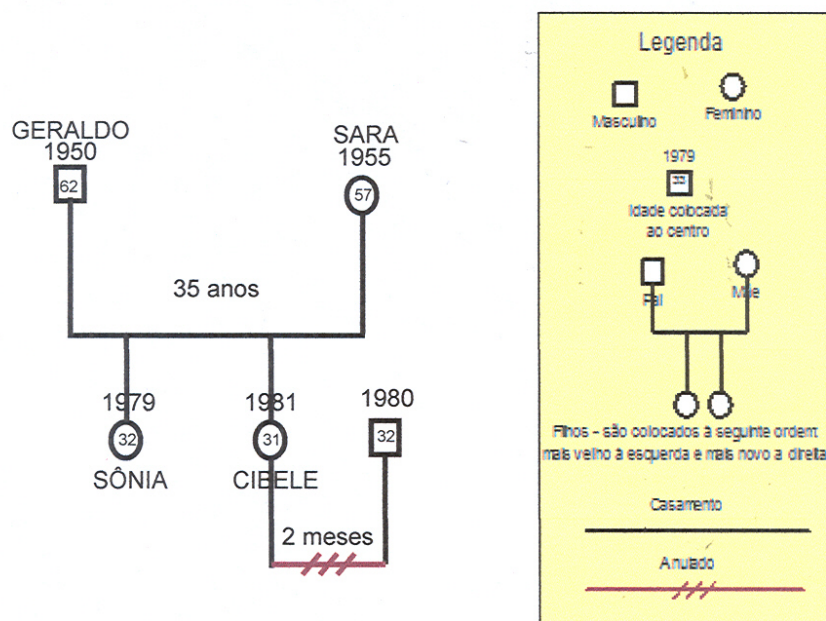


Figura 1 – Genograma da família de Sônia

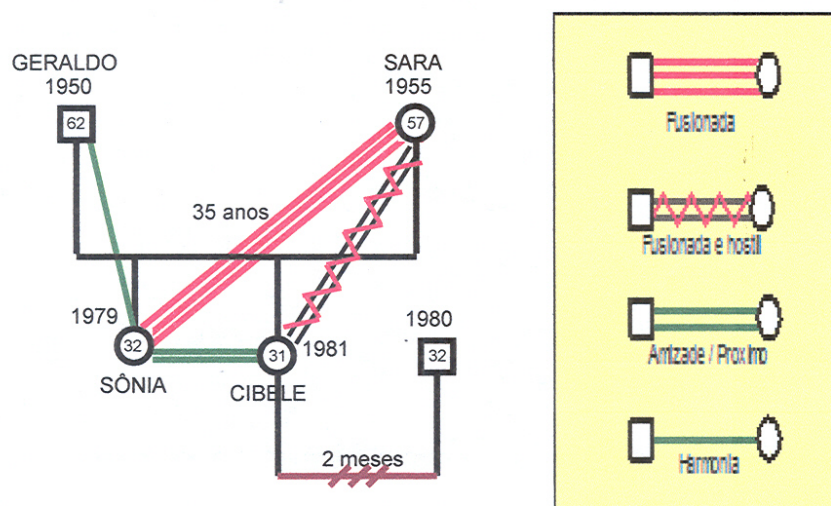


Figura 2 – Genograma do relacionamento emocional da família de Sônia

Banca Examinadora

A meu filho Renan

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à Nossa Senhora por me guiarem e iluminarem para trilhar o caminho que me trouxe até aqui.

Agradeço à minha família, em especial, a meus pais e irmãos, minha essência se baseia nos momentos que vivenciamos juntos, o que revela minha, nossa, força e união.

Às minhas primas, tios e tias queridos, que sempre nos acompanharam da mesma forma.

A meus avós paternos, Vó Zú, Tia Lúcia, Deta e Rui, agradeço todo ensinamento, apoio e carinho sempre transmitidos.

Agradeço às minhas amigas e amigos pelo apoio, pelos momentos de confiança e descontração que suavizaram as dificuldades encontradas.

Agradeço à Zélia, minha psicóloga, que há anos me acompanha, depositando imensa confiança em meu potencial.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny, que ao longo desses dois anos me ensinou muito, não somente academicamente, mas sobre a vida e a beleza da família. Obrigada pelo apoio, acolhimento e orientações oferecidas com tanto carinho.

Agradeço igualmente à coordenadora do Programa de Estudos Pós Graduated do Curso de Psicologia Clínica, Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza, que sempre foi uma referência de força e sabedoria na qual me espelho.

Agradeço a meu companheiro, que me apoiou, me deu forças, entusiasmo, acreditou em minha capacidade, bem como pelo amor e carinho dispensados.

Agradeço acima de tudo a meu filho, Renan, a quem dedico esse trabalho com todo meu amor e carinho. Ninguém menos merecedor que ele, que vivenciou todos os momentos desse Mestrado comigo, desde a matrícula até a conclusão do curso. É com muita alegria que concluo essa etapa a seu lado.

Agradeço às famílias participantes dessa pesquisa pelo carinho e prontidão com que o fizeram, e finalmente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) por ter contribuído com parte dos custos dessa pesquisa.

RESUMO

No contexto da Pós-Modernidade deparamo-nos com inúmeras modificações nos contornos familiares. Uma delas é a tentativa dos filhos de saírem e retornarem ao lar parental. Buscando compreender quais fatores motivam esse fenômeno foi realizada uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso. Os pressupostos teóricos utilizados neste trabalho envolveram pesquisas e literatura que abordam o tema, bem como os autores da Teoria Sistêmica, com vistas no processo de diferenciação. A análise do conteúdo das entrevistas foi realizada em torno de dois eixos: diferenciação e aspectos gerais das saídas e retornos do filho à casa dos pais, elaborado um resumo sobre a história de vida dessa família e construído seu genograma. O conhecimento gerado demonstrou que as idas e vindas à casa dos pais relacionam-se aos aspectos da dinâmica familiar, ao vínculo e relacionamento estabelecido entre pais e filha, e as características do contexto socioeconômico da contemporaneidade. Averiguou-se que há pouco registro de estudos sobre o assunto, principalmente no que se refere aos aspectos psicológicos que o permeiam. Os dados encontrados na literatura atêm-se ao prolongamento dos filhos na casa dos pais, portanto, fazem-se necessárias novas pesquisas acerca do tema em questão.

Palavras-chave: Família; pais e filhos adultos; saídas e retornos da casa dos pais; diferenciação.

ABSTRACT

“Exits and returns to the parental home under the eye of differentiation”

In the context of Post-Modernity society has been facing numerous changes in the families' shapes. One of them is the attempt of a young adult to leave and, later, return to the parental home. In order to understand what motivates such phenomenon, a qualitative research including case study was made. The theoretical assumptions underlining this paper are researches and literature discussing the subject, as well as authors of the Family Systems Theory, but aiming for a differentiated interpretation. The analysis of the interviews was conducted under two guidelines: differentiation and general aspects of the exits and returns of the son to the parents' house, a summary about the family's life history and a genogram. The research provided data showing the cycle of leaving and coming back to parent's house is related to certain aspects of a family dynamics, to the relationship between parents and sons and social and economic characteristics of our contemporary reality. It was noted there are few researches about the subject, especially related to its psychological aspects. Data found in current literature refers mainly about the prolonged stay of young adult with his/her parents. Therefore, it is necessary to further research on the topic in question.

Keywords: Family, parents and adult children, exits and returns to parent's houses; differentiation.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA.....	17
1.1 Construções sobre a família contemporânea	17
1.2 Novos contornos da família contemporânea relacionados às saídas e retornos dos filhos ao lar parental	21
CAPÍTULO 2 – FILHOS, PAIS E O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO	30
2.1 A Teoria Sistêmica Familiar de Bowen.....	30
2.2 O <i>Self</i>	33
2.3 A diferenciação do <i>self</i>	35
2.4 Escala de Diferenciação do Self.....	38
2.4.1 O perfil dos níveis baixos de diferenciação	40
2.4.2 Perfil moderado de diferenciação do <i>self</i>	40
2.4.3 Perfil moderado a bom de diferenciação do <i>self</i>	41
2.4.4 Perfil de diferenciação máximo do self.....	43
2.5 A diferenciação do <i>self</i> na família de origem.....	44
2.6 Conceitos de Bowen associados à diferenciação do <i>self</i> e ao fenômeno das saídas e retornos do filho ao lar parental	46
CAPÍTULO 3 – O CICLO VITAL DA FAMÍLIA	53
3.1 Características do Ciclo Vital da Família	53
3.1.1 Reflexões sobre a Fase de Aquisição e Adolescente associadas às saídas e retornos do filho adulto à casa dos pais	54
3.2 A Fase Madura do Ciclo Vital Familiar	56
3.2.1 Quando o primeiro filho sair... ..	57
CAPÍTULO 4 – MÉTODO	62
4.1 Caracterização da pesquisa	62
4.2 Participantes da pesquisa	63
4.3 Instrumentos.....	63
4.3.1 Entrevista semi-estruturada.....	64
4.3.2 Genograma	64

4.4 Procedimento	64
4.5 Análise dos dados e discussão dos resultados	65
4.5.1 Resumo da história de vida da família	67
4.5.2 Genograma	68
4.5.3 Eixos.....	70
4.5.4 Diferenciação	70
4.5.5 Aspectos gerais das saídas e retornos dos filhos a casa dos pais.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE 1	115
APÊNDICE 2.....	116
APÊNDICE 3.....	117

INTRODUÇÃO

Ao pensar em família deparamo-nos com um universo amplo, complexo e rico de relações entre seus membros. Esse universo vem se modificando ao longo do tempo, a família contemporânea se vê diante de novas relações, novos contextos e novas situações.

Dentre essas novas situações, observa-se um fenômeno em função do qual vários estudos vêm sendo realizados. Trata-se da geração de filhos que prolonga a permanência na casa dos pais. A fim de caracterizar tal fenômeno surgem termos como “ninho cheio”, “geração canguru” que são utilizados quer pela academia, quer pela mídia.

Em tal contexto chama-me a atenção os filhos adultos que saem de casa e, posteriormente, retornam ao lar parental, em vez de continuarem suas vidas de forma independente e autônoma, como se observava com mais frequência no passado. Esse fenômeno é nomeado de “filhos bumerangues” ou “condição iô-iô”.

O levantamento da literatura realizado, no período compreendido entre os meses de novembro de 2010 e 2011, sobre o fenômeno de saídas e retornos dos filhos à casa dos pais foi feito mediante pesquisa no banco de dados das bases American Psychological Association (APA); PsycINFO e MedLine; Biblioteca Virtual em Saúde (LILACS); Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Organização Mundial de Saúde (OMS) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), a qual indicou a escassez de estudos acerca do tema em questão, principalmente na literatura nacional. Já na revisão estrangeira há maior ênfase sobre o assunto no âmbito sociológico, com pouco enfoque nas questões emocionais, afetivas e psicológicas que envolvem o fenômeno de saída e retorno ao lar parental.

A ampla gama de material encontrado restringe-se ao prolongamento da permanência do filho adulto na casa dos pais (FIGUEIREDO, 2008; CAIRNS, 2006; HENRIQUES, FÉRES-CARNEIRO E MAGALHÃES, 2006; SILVEIRA E WAGNER, 2006). Sob esse aspecto, verifica-se que os fatores da realidade socioeconômica que se vivencia atualmente associados aos aspectos intergeracionais das famílias e à própria dinâmica familiar contribuem para o prolongamento da permanência dos filhos adultos no lar de origem (FIGUEIREDO, 2008; LECCARDI E RUSPINI, 2006;

HENRIQUES, FÉRES-CARNEIRO E MAGALHÃES, 2006; SANTORO, 2006; WAGNER E SILVEIRA, 2006).

Mediante esses dados, comecei a pensar sobre os motivos promotores do prolongamento da permanência do filho adulto no lar parental e a tentativa de deixá-lo e retornar a casa dos pais como fenômenos que se interpõe à família na contemporaneidade.

Vale destacar que um retrato da família atual se configura por meio de situações diversas como, por exemplo, filhos que vão para faculdade e voltam para casa dos pais, ou aqueles que perdem emprego e devido à dificuldade financeira encontram no lar de origem o apoio necessário, ou ainda aqueles casos em que o casamento não deu certo, e com a separação encontram dificuldades para seguirem em frente sozinhos, voltando para casa.

Ainda dentro do contexto de filhos que retornam para o lar paterno não se pode esquecer dos filhos que trabalham, têm autonomia financeira, mas preferem voltar a morar com os pais para economizar, por comodismo ou pela ligação afetiva estabelecida com a família de origem. Essas situações de idas e vindas chamam-me muito a atenção, o que me impulsionou a conhecer algumas razões que motivam o retorno à casa dos pais.

Assim, todos esses contextos que, hoje, perpassam a família, levaram-me a refletir se essa é uma maneira da família se apresentar ou pode haver algo patológico nas relações estabelecidas entre os membros da família, como algo que dificulta ou impede emocionalmente a separação entre pais e filhos.

Ainda refletindo sobre o fenômeno de retorno ao lar de origem, surgiu-me a indagação: Até que ponto esse processo de diferenciação acontece naturalmente, diante do tempo e/ou necessidade de cada pessoa ou cada família? Por ocasião da elaboração de meu projeto de pesquisa, eu e minha orientadora ao olharmos para questão histórico-cultural e econômica, as escolhas vocacionais dos jovens, as questões de gênero, entre outros fatores, deparamo-nos com uma vasta gama de possíveis discussões e reflexões que nos levam a questionar sobre esse processo entre filhos e pais, na família contemporânea.

Vale ressaltar que a família é vista como meio de desenvolvimento do ser humano e os diferentes sistemas humanos criam diferentes significados. Segundo Minuchin e Nichols (1993), a família é um sistema cuja estrutura envolve um

conjunto de regras que regulamentam as atitudes de seus membros, além disso, a estrutura familiar sofre influências do meio cultural.

Do ponto de vista sistêmico a família é constituída pela interrelação entre seus membros, influenciando uns aos outros e ao meio, de forma contínua, recursiva, complexa e imprevisível (MACEDO, 1994).

Ao se olhar para as famílias intersistemicamente, Minuchin (1999) aponta que os membros estabelecem uma relação que pode ser mais ou menos permeável, segundo o estilo relacional e o padrão de funcionamento das famílias.

A propósito desta questão, o trabalho de Bowen (1989) aponta que o sistema familiar possui funções específicas e definidas por uma ampla diversidade e multiplicidade de padrões interativos e comportamentais. O autor define a família como "uma combinação de sistemas emocionais e relacionais. O termo 'emocional' refere-se à força que motiva o sistema e 'relacional' ao modo como se expressa. Este último compreende a comunicação, a interação e outras modalidades de relação" (BOWEN, 1989, p.33)

Cerveny (1994) acrescenta que na família, segundo a Teoria de Sistemas, o comportamento de cada um dos membros do grupo familiar é interdependente do comportamento do outro, o que se assemelha a uma ligação entre redes.

Assim, o comportamento de um membro afeta o do outro e vice-versa, gerando comportamentos ou reações no(s) outro(s). Tais influências mútuas são consideradas no cotidiano da vida familiar, assim como aponta a autora supra mencionada: "Os sistemas interpessoais como a família, podem ser encarados como circuitos de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas" (CERVENY, 1994, p. 31).

Além disso, há entre os membros da família uma circularidade na dinâmica ou estrutura familiar que configuram a maneira como as pessoas dessa família se relacionam, definindo papéis e funções dentro da dinâmica estabelecida nesse sistema (FIGUEIREDO, 2008; SILVEIRA E WAGNER, 2006).

Diante do exposto, julgo que seja interessante conhecer como cada membro da família vivencia e percebe as saídas e retornos dos filhos à casa dos pais, assim como pensar se há uma retroalimentação ligada a essa situação que favoreça, então, o retorno do filho ao lar de origem.

Somado aos fatores acima, referenciei-me na teoria de Bowen (1989) sobre a *diferenciação do self*, cujo autor postula sobre o nível de fusão ou diferenciação do indivíduo, em relação aos outros membros da família, ao longo da vida.

Esse autor define: “Penso que o nível de diferenciação de uma pessoa está determinado pelo momento em que abandona a família parental e pretende viver sua vida” (1989, p. 99).

É importante frisar que tal definição é datada de 1989, e desenvolvida no contexto de uma cidade provinciana dos Estados Unidos. Porém, muitas mudanças ocorreram no cenário mundial desde então, inclusive, na instituição familiar que também vem se modificando ao longo do tempo.

É importante enfatizar que a cultura das famílias brasileiras, em toda sua diversidade, difere-se bastante da realidade apresentada por Bowen. Dessa forma, no presente estudo transitei entre os conceitos elaborados por Bowen (1989) e a realidade cultural da família contemporânea e, em especial a família brasileira.

Nesse sentido, podemos nos questionar se o processo de diferenciação existente entre os membros da família intervém no processo de desenvolvimento da autonomia dos filhos e pode ser considerado um dos fatores responsável e/ou facilitador do prolongamento da estada na casa parental ou pelo retorno do filho adulto a casa dos pais.

Outro fator importante a ser abordado nesse processo refere-se ao período do ciclo vital familiar e a faixa etária dos participantes escolhidos para o estudo. Relacionado a esse aspecto, referenciei-me nos estudos sobre o Ciclo Vital da Família que, segundo Cervený (1997), é caracterizado pelas fases que passam as famílias desde seu início até a morte dos membros que a iniciaram.

Nessas fases encontram-se vivências relacionadas ao processo evolutivo familiar ao longo do tempo e suas repercussões nas demais outras gerações. Assim, o Ciclo Vital da Família é assinalado segundo as etapas do desenvolvimento da mesma, e classificado em fases: aquisição, adolescente, madura e última.

Os momentos de transição entre uma fase e outra do ciclo evolutivo podem gerar conflitos devido às mudanças inesperadas e, então, desencadear a desorganização da família, sendo que algum membro pode ser mais afetado que o outro (BERTHOUD E CERVENY, 1997).

O que me motivou a compreender o fenômeno que leva o filho adulto, após ter saído da casa dos pais optar pelo retorno, ao invés de continuar a viver sozinho,

de forma independente, foi o fato de eu também em meu percurso evolutivo ter sido protagonista desse mesmo fenômeno.

Isso remeteu-me à reflexão de que por mais que a instituição família seja um sistema que vem se modificando em seus contornos ao longo do tempo, pode haver questões intergeracionais na dinâmica familiar, no processo de diferenciação, nas triangulações, entre outros, que podem levar seus membros a retroalimentarem ou repetirem a situação.

Portanto, minha busca alinhou-se à relevância desse estudo, que se encontra em conhecer como se perpetuam as relações entre os membros da família na contemporaneidade, principalmente os aspectos relacionados à escolha do filho adulto de voltar à casa dos pais. Além disso, trata-se de um fenômeno atual, que cresce em diversos países (LECCARDI E RUSPINI, 2006).

Sob o olhar sistêmico, o significado desse fenômeno só pode ser compreendido dentro do contexto em que está inserido. De acordo com o posicionamento de Cervený (1994, p.40), respaldando-se no pensamento sistêmico, não estamos preocupados com os *porquês*, e sim, em tentarmos responder o *como*.

Para a realização do presente estudo, fundamentei-me nos pressupostos da Teoria Sistêmica da Família, que compreende o sistema familiar de forma circular, complexa, recursiva e interdependente que nos possibilita o conhecimento das relações entre seus membros.

Vasconcellos (2005) considera a Teoria Sistêmica um novo modo de pensar que se constitui mediante três pressupostos: o da complexidade, o da instabilidade e o da intersubjetividade, todos os três implícitos no fenômeno em questão.

Segundo essa autora, a complexidade refere-se aos sistemas amplos, a relação entre as redes, a causalidade circular, a recursividade, as contradições e ao pensamento complexo; a instabilidade relaciona-se com a desordem, a evolução, a imprevisibilidade dos acontecimentos e fatos, aos saltos qualitativos; e, finalmente, a intersubjetividade, que se relaciona à inclusão do observador nas pesquisas, ou seja, a influência da subjetividade do mesmo, o pensamento relacional, o significado da experiência na conversação e co-construção (VASCONCELLOS, 2005).

Por meio dos conceitos mencionados, defini enquanto pesquisadora, olhar o fenômeno, sob as lentes da Teoria Sistêmica Familiar, assim como para a compreensão do fenômeno, tomei como suporte teórico o pensamento de Bowen

(1989), em relação aos aspectos da diferenciação, e aos conceitos de Cervený (1997) quanto aos pressupostos do Ciclo Vital da Família.

Objetivo Geral

- Compreender as saídas e retornos dos filhos adultos à casa dos pais, sob o olhar da diferenciação.

Objetivos Específicos:

- a) Investigar quais fatores levam filhos adultos a saírem da casa dos pais,
- b) Conhecer quais fatores levam os filhos adultos a retornarem à casa dos pais,
- c) Analisar como os pais percebem o retorno dos filhos às suas casas,
- d) Compreender como os filhos percebem seu retorno às casas dos pais,
- e) Identificar as demandas do processo de diferenciação relacionadas às saídas e retornos dos filhos à casa dos pais.

Para compreensão teórica da presente pesquisa, apresentarei no primeiro capítulo a família contemporânea e a compreensão sobre a mesma, a partir do ponto de vista sistêmico. No segundo capítulo, enfatizarei o processo de diferenciação entre pais e filhos. O Ciclo Vital da Família será abordado no terceiro capítulo. O método será apresentado no quarto capítulo, como também a análise dos dados e discussão dos resultados.

Fortalecendo minha decisão sobre a escolha desse tema, baseei-me no princípio de que não se pode separar o interesse acerca do tema estudado da história de vida do próprio pesquisador, tendo em vista a relação da subjetividade da epistemologia contemporânea e intergeracionalidade na produção do conhecimento (CERVENÝ, 2011).

Por meio de tal princípio, justifico como um de meus interesses o fato de me considerar uma filha “bumerangue”, posto que tentei por duas vezes sair da casa dos meus pais, mas retornei. Por fim, ao me casar consegui conhecer alguns aspectos sobre minha família e o processo de diferenciação que, naquele momento, haviam me conduzido a retornar ao lar.

Ao estudar tais aspectos de forma teorizada e profunda, percebo que compreendo melhor a busca que me acometeu e me direcionou para conhecer esse

fenômeno que atinge as famílias na contemporaneidade, aliada à curiosidade das transformações pelas quais vem passando as relações entre os membros das famílias.

CAPÍTULO 1 – A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Nesse capítulo tratarei de alguns aspectos que permeiam a família desde o passado à atualidade, baseando-me nas inúmeras mudanças que ocorreram no perfil da mesma. Tendo em vista esse processo de transformação deixou-se de lado a visão idealizada da família nuclear, abrindo o leque para novos arranjos, configurações e possibilidades de se constituir uma família. Dentre as diversificadas formas de convivência familiar fazemos menção ao fenômeno estudado, dos filhos que prolongam a estadia na casa dos pais, bem como retorno dos mesmos ao lar parental quando necessário, como algo advindo da contemporaneidade.

1.1 Construções sobre a família contemporânea

A família da atualidade, que já foi definida por obrigatoriedade, ou seja, antigamente não era constituída por escolha ou afetividade, e sim por casamentos arranjados devido à necessidade da mulher casar cedo porque não trabalhava, ou porque o casal não tinha liberdade na casa dos pais como tem hoje. Contemporaneamente, a família é definida pelo afeto e pela pouca distância de hierarquia entre as gerações. Assim como cada vez mais é debatido o presente e o futuro da instituição família e o valor da mesma diante da generalização do individualismo (PEREIRA, 2003).

A união de duas pessoas, o casamento, por exemplo, acontece principalmente por razões afetivas e sexuais, diferente do passado, o que resulta em profundas mudanças na experiência conjugal e familiar. Assim, com o declínio do autoritarismo, surgem relações mais dialógicas entre pais e filhos, bem como o reconhecimento e a estimulação da autonomia de filhos e filhas, assim como a flexibilização dos padrões de gênero (CASTRO, 2008).

Nas décadas de 1960 e 1970, os filhos, geralmente, saíam de casa casados até os 25 anos e uma das razões para que isso acontecesse era a restrição sexual e a falta de liberdade na casa dos pais. Hoje há maior flexibilidade nas relações entre pais e filhos, assim as pessoas acabam se casando com mais idade, em torno de 32 anos ou mais, o que resulta em filhos morando mais tempo com os pais.

Ao olhar o retrato das famílias atuais, pode-se deparar com os mais diversos arranjos familiares: famílias homoafetivas, pais ou mães solteiros, avós que moram e cuidam dos domicílios e outras situações familiares que, nos tempos atuais, estão cada vez mais frequentes (CASTRO, 2008).

É interessante notar que algumas situações temporárias acabam por se tornarem definitivas, é o caso do homem que se separa da mulher e volta a morar com os pais, “apenas por alguns dias”, ou a situação em que os filhos adultos permanecem residindo na casa dos pais e retardam ao máximo o grito de independência, prolongando a convivência familiar e saindo, apenas, quando julgam que está na hora de constituir uma nova família ou de morar sozinho (NASCIMENTO, 2006).

Outro fato relacionado à população em geral e que merece destaque, e se relaciona a esse tema de estudo é o crescente número de filhos e enteados que residem na casa dos pais, entre 1970 e 2000, o número de filhos adultos residindo com os pais aumentou de 9,92% para 13,47%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esses nem chegam a deixar a casa paterna (NASCIMENTO, 2006).

Um dado interessante apresentado pelos resultados da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) - 2008 é que nos últimos anos, diferente do passado, a consanguinidade é o eixo principal de união das pessoas que vivem juntas, pois 88,1% dos arranjos são de pessoas com parentesco.

Segundo dados do IBGE, 2009, o tamanho médio dessas famílias no país é de 2,6 pessoas por família. As pessoas que representam o fenômeno que investigo têm forte ligação de parentesco com a pessoa de referência pelo domicílio: 97,6% são parentes, sendo 71,5% filhos. Em 39% dos casos, o motivo alegado para a convivência por parte dos filhos adultos foi “vontade própria”. Apesar da motivação financeira fundamentar essa convivência prolongada, em algumas unidades da federação, como Santa Catarina (48,4%), Rio Grande do Sul (47,8%) e Mato Grosso (55,1%), o motivo “vontade própria” é maior que o financeiro.

Estatísticas do IBGE de 2009 registraram aquilo que há muito doutrinadores e especialistas em estudos sobre a família afirmam: o perfil da família atual mudou. Antes, quando se projetava a imagem familiar, automaticamente se tinha em mente a figura dos pais casados ladeados por seus filhos.

Macedo (1994, p. 66) aponta que o modelo apresentado para compreensão da família tem na mutualidade das interrelações seu ponto chave: “[...] a família evolui junto com seus membros no decorrer do ciclo de vida das gerações sucessivas, assumindo particularidades específicas em cada momento dessa evolução”.

Novamente chega-se à reflexão de que o contorno da família atual difere daquele do passado com hierarquias mais horizontalizadas, limites mais fluidos, e com mais trocas afetivas. No passado a relação entre pais e filhos era permeada por limites claros e regras rígidas. As famílias eram grandes, a família extensa participava e se envolvia mais nas questões cotidianas. Hoje, família tornou-se menor, os pais trabalham fora, as avós e tias também, e há preocupação com a qualidade das relações familiares (CERVENY, 2008).

Assim, a família compreendida em seus moldes tradicionais muda e se adapta às circunstâncias históricas, às características sociais, econômicas e às injunções de poder. Sob essa perspectiva, a família de cada um está sujeita a todas as pressões do contexto em que se insere, além das pressões internas relativas ao desenvolvimento dos que a constituem, isso porque a mudança de cada membro implica em mudanças no sistema total.

Hoje, entretanto, com o aumento da expectativa de vida, o que acarreta num período maior de vida produtiva, com a diminuição da taxa de nascimento, o tempo dispensado pela família na criação dos filhos é menor, ou seja, enquanto no passado essa tarefa ocupava toda a vida dos adultos, atualmente, pode ocupar menos da metade desse período (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Além disso, essas autoras pontuam que os papéis não estão bem definidos em relação à sexualidade, organização, obrigações, autoridade, direitos e deveres na família. O estilo de vida contemporâneo apresenta um conjunto de características contraditórias.

De um lado, os casais sofrem pressão para manterem valores e padrões morais tradicionais, como adotar modelos pré-existentes de sexualidade e uma divisão rígida de papéis e funções na família de acordo com o sexo. Por outro lado, veem-se forçados a se adequar às transformações sociais, como as exigências do mercado de trabalho, a valorização do crescimento individual, da independência financeira e da flexibilidade no exercício dos papéis de gênero (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; MORICI, 2008).

A mulher procura firmar sua identidade pessoal além do reino do lar, buscando satisfação em projetos pessoais que envolvam um trabalho profissional, uma carreira. As mulheres, cada vez mais, assumem posições de chefia, o que muda a configuração familiar, com a introdução de cuidados alternativos para prole e maior responsabilidade dos pais frente às rotinas familiares (MACEDO, 1994; MORICI, 2008).

Em muitas famílias já se percebe uma relativa divisão de tarefas, na qual pais e mães compartilham aspectos referentes às tarefas educativas e à organização do dia-a-dia da família. Contudo, a falta de igualdade na divisão de tarefas domésticas, na administração da casa e na educação e cuidado dos filhos são fatores geradores de estresse na esfera familiar, pois, aparentemente, a mulher ainda toma a dianteira nas questões da casa e da família (DINIZ, 1999).

Esses diversos fatores, somados às percepções diferentes entre os parceiros acerca de seus papéis no casamento e na família transformam-se em dilemas e desafios que precisam ser enfrentados pelos casais e famílias da atualidade.

O caráter relacional da família corresponde à lógica de sua própria constituição, pois embora comporte relações igualitárias, a família ainda implica em autoridade e hierarquia. Nota-se também uma continuidade natural da família patriarcal burguesa, centrada na criação dos filhos, cujas relações se encontram em um patamar muito diferente do que já foi outrora (MACEDO, 1994).

Diante do exposto, pode-se dizer que vivenciamos a ruptura do autoritarismo e poder do homem no relacionamento, em prol de uma maior autonomia da mulher e dos filhos, o que vem se modificando para reciprocidade e interdependência na sociedade contemporânea, resultando na constituição de novos padrões de relacionamentos entre os membros da família e novas formas de vivenciar o contexto familiar.

Doherty (1997) compara a família contemporânea como uma canoa que deve ser dirigida, remada, guiada, ou então ela vai para onde o rio levar. Segundo o autor, a família segue um caminho natural, como se estivesse à deriva. Ele acrescenta que é preciso planejar, trabalhar e criar planos entre os membros da família para construir os fortes laços familiares, assim como é preciso manejar a canoa para chegar aonde se deseja.

Mediante a literatura apresentada, observei elementos que marcaram a estruturação e o funcionamento das diversas maneiras de ser família. Sob meu ponto de vista, os arranjos familiares sempre foram e permanecem diversificados.

Na atualidade, pode-se perceber que as mudanças que ocorrem na estrutura econômica e social têm impacto sobre as organizações familiares, gerando diferentes expectativas sobre os papéis e as funções de homens e mulheres nas famílias e na sociedade.

Vale ressaltar a peculiaridade dos padrões interacionais de cada família, por meio da observação das transformações que a família vem apresentando a partir das mudanças contextuais, utilizando como eixos norteadores o ciclo vital, a etnicidade, a cultura, questões gênero e nível socioeconômico, entre outros aspectos.

1.2 Novos contornos da família contemporânea relacionados às saídas e retornos dos filhos ao lar parental

Marcados por inúmeras transformações, os relacionamentos entre os membros das famílias assumiram, atualmente, novos contornos, entre eles a existência de condições habitacionais diferenciadas do passado, nas quais os filhos, em geral, assim que atingiam a idade adulta ou até mesmo com menor idade saíam de casa com um projeto de constituição de família.

Romanelli (1998) estudou famílias de classe média, com ênfase no relacionamento entre pais e filhos, na fase de transição para a maturidade dos mesmos e averiguou mudanças, principalmente, em relação à proximidade dos pais com os filhos. Um dos indicadores encontrados é que, os pais proporcionam mais disponibilidade para diálogo e negociação, diferente das gerações passadas.

Cairns (2006, p.1264) escreveu um artigo baseado em uma análise social apresentando quatorze estudos de jovens durante a transição para a vida adulta em contextos europeus. O autor dimensionou aspectos que vão desde as relações familiares intergeracionais aos desafios da realidade contemporânea e concluiu que: “[...] independentemente do país onde vivem, os jovens parecem ter dificuldades de realizarem a transição para o mercado de trabalho e para a vida adulta, bem como em estabelecerem uma residência independente da família”.

Para que se possa ter uma visão das transformações que vem sofrendo a família brasileira contemporânea, julguei interessante apresentar alguns dados referentes a indicadores sociais anteriores. O IBGE mediante os resultados da Síntese dos Indicadores Sociais (SIS) revelou que, no Brasil, em 2005, havia quase seis milhões de pessoas morando sozinhas, unidades unipessoais, e que, de 2004 para 2005, a proporção de mães adolescentes passou de 6,8% para 7,1%. Em 2005, a região metropolitana de São Paulo concentrava 10,5% da população. Na região Norte, esse tipo de arranjo é menos freqüente, e sua presença chama atenção nas regiões metropolitanas de Porto Alegre (15,0%) e Rio de Janeiro (13,8%). A maior parte dos que moram sozinhos é de pessoas de 60 anos ou mais (40,6%) e mulheres (50,1%) (IBGE, 2006).

Relacionado a esse assunto, também é interessante pontuar sobre uma estatística realizada pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) que detectou mulheres sem cônjuge com filhos, únicas responsáveis na maioria das vezes pela sobrevivência familiar, muitas vezes em função de separação, divórcio ou morte do parceiro, e mulheres que moram sozinhas e em grande parte dos casos são as próprias responsáveis por sua subsistência, ao contrário do que acontece entre os homens na mesma condição, observou-se elevação da taxa de participação no mercado de trabalho, que passou de 57,6%, em 1988/89, para 62,6%, em 2000/01, e no caso das mulheres que moram sozinhas, de 46,2% para 49,2% (FUNDAÇÃO SEADE, 2001).

Nesse aspecto, entre 1995 e 2005, o IBGE detectou mudanças na estrutura familiar brasileira, associando-as a fatores como o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho. Vale ressaltar que esse aumento vem ocorrendo mesmo nas famílias onde há a presença do cônjuge (IBGE, 2006).

Os registros nos padrões demográficos das famílias brasileiras também apontam para a queda da fecundidade e da mortalidade, aumento de separações e o avanço da expectativa de vida da população, que afetam diretamente o modo de vida das famílias (FUNDAÇÃO SEADE, 2001).

Portanto, segundo os dados da FUNDAÇÃO SEADE (2001) essas mudanças causam impacto na redução do número médio de filhos e do tamanho médio das famílias, bem como na alteração do perfil etário de seus componentes, sendo que os efeitos de tais mudanças ainda continuam valendo para os dias de hoje. Vários estudos também têm identificado mudanças na configuração típica das famílias, com

a redução das organizações familiares formadas por casal com filhos, isto é, a típica família nuclear, que, no entanto continua predominante. Em contrapartida, verificou-se aumento das famílias formadas por chefe sem cônjuge com filhos, monoparentais, e indivíduos morando sozinhos, unipessoais.

Leccardi (2006) apresenta um estudo baseado nas narrativas de jovens italianos e conclui que, hoje, se precisa de mais tempo e engenho para um jovem tornar-se adulto. Assim, a autora analisa os projetos e planos de vida dos jovens que resultam em sentimentos de insegurança e dificuldade de planejar uma vida no futuro, o que denota em uma juventude instável em termos temporais e, portanto, prolongam a permanência na casa dos pais.

Do ponto de vista de Santoro (2006), nota-se claramente que a permanência prolongada dos filhos na casa familiar é justificada por duas razões: em primeiro lugar, pelos fatores culturais e sociais associados a um abrandamento de um processo de abandono da casa dos pais e, em segundo, a falta de recursos financeiros dos jovens. Em uma análise mais profunda, essa autora revela que tais razões aparentam constituir justificações insuficientes, mascarando na realidade o fato destes jovens simplesmente não desejarem ser independentes, pois o abandono da casa dos pais não é por eles entendido como um passo necessário e inevitável para se tornarem pessoas autônomas.

Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006) relacionam o prolongamento da coabitação de pais e filhos adultos, em famílias de classe média, com a insegurança inerente à contemporaneidade:

[...] a insegurança afeta o indivíduo na medida da sua imersão num mundo que não oferece proteção, não auxilia o enraizamento e o compromisso através dos laços afetivos e sociais, e que a sensação de deriva representa o estar em uma sociedade em movimento. Tanto a incerteza quanto a instabilidade completam o solo fértil para o aparecimento do já conhecido mal-estar da Pós-Modernidade. (HENRIQUES, FÉRES-CARNEIRO E MAGALHÃES, 2006, p.331).

No que cabe aos filhos, existe uma vivência de provisoriedade das experiências sociais, provenientes da atualidade, geradoras de incerteza e insegurança. Em contrapartida, o mundo privado da família oferece suporte e segurança, favorecendo o prolongamento dos filhos na casa dos pais. Os jovens sentem na família segurança e pertencimento que encobrem as tensões da sociedade contemporânea.

Biggart e Andreas (2006) concordam a respeito das incertezas com que os jovens se deparam atualmente, alternando-se entre emprego e desemprego, moradia própria e a residência dos pais. A análise realizada pelas autoras, em regiões da Europa, encontrou fatores de dependência econômica e habitacional dos jovens adultos em relação aos pais. Essa situação foi nomeada de condição iô-iô.

Em contrapartida, as experiências subjetivas e individuais de cada jovem contribuem para o crescimento profissional e pessoal, mas, muitas vezes, evidenciam o estado de semidependência desses jovens em relação aos pais, que mesmo alcançando a independência econômica, continuam dependentes do apoio cultural e emocional oferecidos pela família.

Sob a ótica dos filhos adultos Silveira e Wagner (2006) sugerem três aspectos principais apontados pelos jovens: os projetos vitais, os aspectos da dinâmica familiar e as características do contexto social atual. O primeiro refere-se aos planos para o futuro, o segundo caracteriza-se pelos vínculos e relações estabelecidos entre os membros da família e, finalmente, o terceiro, que se depara com questões socioeconômicas da realidade atual, como a carreira profissional e a questão financeira.

Figueiredo (2008, p. 71) sintetiza alguns fatores que contribuem na relação de dependência dos filhos segundo a perspectiva dos pais: “insegurança, bom convívio familiar, apego à família, situação econômica do país, necessidade de fazer pós-graduação, poupar dinheiro, o fato de ainda não ter casado, a liberdade de que dispõe em casa e o conforto da casa dos pais”. Além disso, os pais avaliam a presença dos filhos em casa como positivo:

[...] não apareceu nas famílias pesquisadas uma preocupação significativa dos pais e mães com o tempo de saída dos filhos. De forma geral, os pais e mães parecem encarar esta como uma realidade que deva acontecer naturalmente, mesmo que em comparação com as gerações passadas, esteja ocorrendo tardiamente. (FIGUEIREDO, 2008, p.100).

Em seguida, Henriques, Ferés-Carneiro e Magalhães (2006) mencionam que além dos fatores sociais apresentados, há diferentes representações entre as gerações dos pais e dos filhos. Na geração dos pais desses jovens adultos,

conhecida pelo lema “Paz e Amor”¹, tudo era proibido, restrito, as fronteiras existentes na família eram rígidas e hierárquicas.

Havia uma cobrança associada ao crescimento dos filhos: eles deveriam deixar o lar parental e seguir adiante de forma autônoma, constituindo suas próprias vidas. As mulheres ‘deveriam’ casar-se por volta dos 20 anos, caso contrário, ficariam para ‘titias’ (grifo nosso). Eles ansiavam e lutavam para conquistar ideais libertários, sexuais e ideológicos.

Desde as últimas décadas, a família modificou-se bastante, tornou-se composta de diversas estruturas e arranjos, como pais solteiros, recasados, famílias homoafetivas, entre outros. Além disso, é caracterizada por sentimentos de intimidade entre os membros da família somada à flexibilidade exigida pela contemporaneidade, cabendo à família se adaptar ao mundo moderno.

Ainda as mesmas autoras continuam afirmando que, nesse sentido, também podemos refletir sobre a liberdade que as famílias contemporâneas oferecem aos filhos em virtude das mudanças entre os relacionamentos de pais e filhos. Hoje, os padrões sexuais diferem do passado, não existe limitação em relação à vida sexual e essa era uma das razões que motivavam o casamento, o namorado não podia dormir na casa dos pais como acontece atualmente.

Os problemas discutidos são refinados e tratados entre seus membros, entre o casal parental, e não mais compartilhados com a comunidade ou parentes como no passado. Por essas razões, hoje, esses pais tornaram-se mais democratas, segundo Henriques, Ferés-Carneiro e Magalhães (2006):

¹ “Paz e Amor” é uma das frases idiomáticas associada ao movimento hippie. O movimento ocorreu por volta de 1960, e os membros adotavam um modo de vida comunitário, tinham um estilo de vida nômade e viviam em comunhão com a natureza, negavam o nacionalismo e todas as guerras. O movimento de paz e amor foi criado inicialmente na Inglaterra, onde duas organizações inglesas promoveram uma manifestação em Londres iniciada com uma campanha pelo Desarmamento Nuclear, uma vez que o próprio símbolo é formado pelas letras N e D (Nuclear Disarmament). Logo após, tanto o símbolo, como o lema foram adotados pelos hippies, que imortalizaram a expressão. Disponível em: <<http://www.osignificado.com.br/paz-e-amor/>>. Acesso em: 21 fev. 2012.

[...] os papéis familiares sofreram mudanças expressivas, o território familiar deixou de ser uma microarena, como na geração passada, e tornou-se um espaço democrático e privilegiado, em que sobressaem a segurança, a confiança e o apoio entre os membros. (HENRIQUES, FÉRES-CARNEIRO E MAGALHÃES, 2006, p.333).

A família atual vem desenvolvendo relações horizontais, dialógicas e democráticas entre seus membros. Há entre os papéis familiares uma complementaridade funcional, em que pais e filhos dialogam e se beneficiam na convivência.

Conviver com a família pode gerar sentimento de segurança, diante das inseguranças pertinentes à contemporaneidade, retardando a separação entre os membros da família. O prolongamento dos filhos na casa dos pais poderia ser considerado “[...] uma atitude de não enfrentamento da sensação de insegurança que afeta os que vivem no mundo de hoje, visto como imprevisível e incerto” (HENRIQUES, FÉRES-CARNEIRO E MAGALHÃES, 2006, p. 333).

Oliveira (2003) acrescenta que, além das necessidades próprias do desenvolvimento familiar, há constantes mudanças no sistema, que decorrem das informações culturais e sociais. Assim, a família não é a única responsável pela construção de seus valores, ela sintetiza, em suas interações, as demandas externas, ajustadas à sua história intergeracional.

O exposto remete-nos a pensar nas questões que permeiam a família atual, assim como as demandas sociais e culturais que podem influenciar na permanência prolongada do filho adulto na casa dos pais ou nas suas saídas e retornos.

Outro fator que contribui para a estada dos filhos na casa dos pais apontada por Figueiredo (2008, p.100). Trata-se da existência de complementaridade das figuras parentais, representada como apego excessivo e dependência dos filhos: “[...] fica evidenciada a circularidade do fenômeno ninho cheio nas famílias pesquisadas, uma vez que os filhos vão permanecendo em casa e encontrando muitas vezes no apoio dos pais uma razão para acomodarem-se ali”.

Esse sentimento de complementaridade dos pais pode dificultar aos filhos atingirem um maior grau de diferenciação, tornando-se um obstáculo para os projetos de vida desses jovens adultos. A autora utiliza o termo “bengala” emocional, referindo-se ao temor dos pais de sentirem solidão, desencadeando essa complementaridade e instituindo, então, a circularidade no sistema, que contribui e dificulta a saída desses filhos do lar parental (FIGUEIREDO, 2008, p. 73).

Além disso, soma-se outro aspecto que é a supervalorização desses pais referente ao papel parental em detrimento aos papéis conjugais. Figueiredo (2008) questiona se os pais percebem que deixam a conjugalidade de lado em prol do papel de cuidadores, mesmo com os filhos já adultos. Nesse caso, a figura materna sente a separação dos filhos adultos com mais dificuldade.

Berthoud (2003) reforça essa ideia afirmando que quando chega o momento da saída dos filhos da casa dos pais, esses vivenciam uma crise mediante essa separação. As questões apontadas pela autora podem ser relacionadas ao filho que sai e retorna à casa paterna, o que nos leva a questionar sobre uma tentativa mal sucedida do filho adulto de se libertar dos fatores que o mantém vinculado aos pais, retornando ao lar parental. A meu ver, tal fenômeno pode ser pensado tanto pela ideia da complementaridade dos pais em relação aos filhos quanto da dificuldade emocional dos filhos de se separarem de seus pais.

Em relação a essa dificuldade, Hobdy et al., em 2007, estudaram nos Estados Unidos, 328 indivíduos recrutados em universidades, agências de emprego, por meio de anúncios em jornais e locais de suporte para pessoas desempregadas, no Texas. Dessas pessoas, 211 (64 homens e 147 mulheres) faziam parte da amostra do *ninho vazio*, pois não tinham mais filhos residindo com eles (77% casados, 18% divorciados e 5% viúvos). Os sujeitos responderam a questionário enviado pelo correio, que incluía questões detalhadas sobre a perda do emprego e a saída do jovem da casa dos pais. O objetivo do estudo era saber a relação entre o estilo de apego na vida adulta e a predisposição para aguentar as mudanças nesse mesmo período. Para dimensionar o apego, os autores utilizaram aspectos como ansiedade, dependência e proximidade. Os resultados sugeriram que o *ninho vazio* é encarado como uma fase natural da vida, diferentemente do que ocorre com a perda do emprego, para a qual a maioria não está preparada.

Outro estudo realizado pelo autor e que pode nos servir para reflexão foi também Hobdy (2000), com 227 homens adultos, na fase de transição para o *ninho vazio*, com intuito de analisar os níveis de individuação e separação em relação à família de origem, a esposa e os filhos, através da aplicação de escalas. Os resultados encontrados pelo autor mostram que os pais mais diferenciados dos próprios pais, da esposa e dos filhos, lidam melhor com a fase do *ninho vazio*, ao contrário dos pais menos diferenciados de seus entes, que apresentam maior

dificuldade, ficando mais estressados, mal humorados e sentindo menos satisfação na vida.

Cabe ressaltar que a expressão *ninho vazio*, citada anteriormente, foi usada nos anos de 1980 para denominar a fase do Ciclo Vital Familiar onde os pais ficam novamente sós devido à saída dos filhos de casa (CARTER; McGOLDRICK, 1995).

Sartori e Zilberman (2009) realizaram uma revisão da literatura, utilizando as bases de dados MedLine e PsycINFO, sem limite de tempo, sobre a Síndrome do Ninho Vazio e puderam concluir que a mesma parece estar ligada à cultura do país. Assim, nos países onde as pessoas estão acostumadas e preparadas para se separarem dos filhos, a síndrome parece não trazer grandes mudanças ou conflitos. Já, em culturas em que as pessoas, principalmente as mulheres, se dedicam exclusivamente à criação dos filhos, foi observado que existem sofrimento e sentimento de solidão.

Em relação à cultura brasileira, Cervený (1997) pesquisou 1.105 famílias em 60 cidades paulistanas e concluiu que a saída dos filhos da casa dos pais em nossa cultura não é vista como algo natural, sendo normalmente acompanhada por brigas ou casamentos prematuros. Além disso, 46% das famílias percebem a saída dos filhos de casa como um período de mudanças, tanto financeiras quanto em relação aos papéis dos membros da família.

Dessa forma, as experiências de separação e individuação do passado e do presente interferem diretamente na maneira como o indivíduo reagirá à fase do *ninho vazio*. Hobdy (2000) enfatiza a importância das primeiras experiências de individuações e pontua que, sendo saudáveis ou positivas, levam o indivíduo que é mais flexível a lidar melhor com as adversidades e a apresentar mais facilidade para lidar com separações e perdas.

Referendados nessa última colocação, Silveira e Wagner (2006, p. 447) apontam que em alguns casos há dependência dos filhos pela mãe, pai ou até ambos, o que “revela uma confusão de papéis familiares e fronteiras difusas entre os seus membros”.

Cervený; Berthoud (1997) referem-se sobre a existência de famílias que não favorecem a individuação de seus filhos de forma apropriada. Nesses casos, a família acaba reforçando a dependência emocional com os filhos, não os libertando, controlando-os e exercendo uma relação de superproteção.

Rosen; Ackerman; Zosky (2002) confirmam na literatura que a forte proximidade entre os membros da família torna mais difícil a saída dos filhos do lar parental. Assim, a relação entre os pais e filhos e vice-versa é predominantemente voltada ao excesso de cuidado, o que denuncia a fragilidade existente em relação aos vínculos dos subsistemas familiares: conjugal, parental e fraterno (SILVEIRA E WAGNER, 2006).

CAPÍTULO 2 – FILHOS, PAIS E O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO

Dentre os pioneiros da Terapia Familiar, a escolha do referencial teórico de Murray Bowen (1989) justifica-se pela dinâmica existente no sistema familiar, principalmente a diferenciação do *self*, conteúdo que se associa ao contexto do filho adulto que deixa sua família de origem, porém, posteriormente, retorna.

Nichols e Schwartz (2007) fazem referência a Bowen, afirmando que os outros pioneiros da Terapia Familiar eram mais pragmáticos, mais preocupados com ação do que com o *insight*, assim como mais interessados na técnica do que na teoria. Já Bowen (1989, p. 130) “[...] sempre foi mais comprometido com a teoria sistêmica como uma maneira de pensar do que como um conjunto de intervenções”.

2.1 A Teoria Sistêmica Familiar de Bowen

No processo de sistematização de sua teoria, Bowen começou olhar mais profundamente e aplicar os conhecimentos teóricos em sua própria família de origem, em 1966, devido a uma crise emocional vivenciada pela mesma. Dessa experiência, provinda de sua própria família, o autor desenvolveu uma série de conceitos que contribuíram para sua teoria. Por doze anos, ele se empenhou nessa tarefa e, em 1967, apresenta um artigo em uma conferência nacional, em Georgetown, sobre seu empenho de diferenciar-se da sua própria família de origem.

Entre 1967 e 1969, o autor trabalhou com a experiência de diferenciação dos estudantes de psiquiatria no campus de medicina da Universidade de Georgetown, em suas próprias famílias de origem, obtendo mais resultados para completar seu trabalho (BOWEN, 1989).

Vale ressaltar que naquela época o contexto de vida desses jovens e de seus pais, portanto, a família norte-americana, era muito diferente da realidade atual, bem como da cultura de nosso país. Muitos jovens procuravam afastar-se da família de origem buscando situações que lhes proporcionassem a liberdade, que eles não possuíam em casa junto aos pais.

No início de seus estudos, Bowen (1989) enfatizava a investigação sobre as relações entre os familiares de esquizofrênicos sob a ótica do pensamento sistêmico. O autor averiguou que nas famílias dessas pessoas havia interferência da

relação entre a mãe e o filho, mas que não era exclusiva e, sim, se constituía em um sistema maior, proveniente das relações, dos vínculos e da interação entre os membros da família toda, que é o sistema familiar.

Portanto não cabia apenas a uma relação, a um único membro da família, no caso à figura materna, a centralização e a responsabilidade da saúde mental do filho, como fora pontuado por teóricos do passado.

Nichols e Schwartz (2007) pontuam a descoberta de Bowen de ciclos alternados entre proximidade e distância, com delicada sensibilidade às mudanças de tensão emocional ou na mãe, ou na criança, ou no relacionamento entre elas. Acreditava-se que a alternância entre a ansiedade de separação e a ansiedade de incorporação era a dinâmica subjacente.

Seguindo nesse percurso, Bowen (1989, p. 82) estudou o sistema familiar, os membros que o compõem, pai e irmãos e suas relações como partes constituintes e operantes do sistema que circulavam a esquizofrenia: “[...] via-se claramente que a relação mãe-filho era constituída a partir de um fragmento dependente da unidade maior que é a familiar”.

A evolução da teoria se deu a partir da investigação com as famílias focalizadas na unidade familiar nuclear completa. Os conceitos teóricos de Bowen (1989) compreendem toda a gama de procedimentos pelos quais os membros da família aderem emocionalmente entre si e as maneiras como esta adesão-união ocorre, mesmo em segundo plano, e independente da maneira como as pessoas neguem ou finjam estar separadas dos demais.

Bowen (1989) começa a perceber que as famílias com problemas de nível neurótico, assim com as normais apresentam questões sobre os relacionamentos semelhantes às famílias de esquizofrênicos:

[...] pouco a pouco, tornou-se cada vez mais claro que as diretrizes dos relacionamentos, tão nítidas nas famílias com esquizofrenia, estavam presentes em todas as pessoas de alguma forma e que a intensidade dos padrões que foram observados estavam relacionados com a ansiedade do momento, mais do que com a gravidade da enfermidade a ser estudada. (BOWEN, 1989, p. 85).

Em aproximadamente seis anos, de 1957 a 1963, a Teoria de Bowen (1989) evoluiu bastante. Nesse período conceitos como o processo emocional da família nuclear, o processo de projeção familiar, a diferenciação do *self*, triângulos, o

processo de transmissão multigeracional e a posição de nascimento entre os irmãos foram desenvolvidos pelo autor.

Em 1966, esses seis conceitos entrelaçados se integraram em um sistema teórico coerente e consolidado. Assim como as noções da dinâmica e do equilíbrio entre as relações dos membros do sistema familiar. Em 1975, alguns refinamentos e extensões foram realizados e somaram-se dois novos conceitos: rompimento emocional e o processo emocional societário.

A Teoria Sistêmica Familiar foi formalmente reconhecida por meio da Teoria de Bowen (1989, p.87). O autor conclui: “Minha teoria familiar sistêmica consiste em uma teoria específica sobre ações funcionais do funcionamento emocional”. Dessa forma, os conceitos do autor foram desenvolvidos a partir de eixos funcionais dos sistemas de relações: “A Teoria Sistêmica Familiar, tal como eu a defino, consiste em uma teoria particular sobre o funcionamento das relações humanas...” (BOWEN, 1989, p.88).

Nichols e Schwartz (2007) apropriam-se dos conceitos bowenianos e mencionam que os relacionamentos humanos são impulsionados por duas forças de vida que se equilibram: a individualidade e a proximidade: “O sucesso em conciliar essas duas polaridades da natureza humana depende do quanto a pessoa aprendeu a lidar com suas emoções ou, para usar o termo de Bowen, “da sua diferenciação do self” (NICHOLS E SCHWARTZ, 2007, p.129).

A Teoria Sistêmica Familiar de Bowen (1989) descreve a família como uma rede multigeracional de relacionamentos. Proveniente desse sistema de relações, o autor se debruça no conceito de diferenciação e fusão do self, estudando como os membros da família moldam a interação entre individualidade e proximidade entre seus membros.

Em outros termos, a Teoria de Bowen gira em torno das relações entre os membros da família. Para tanto, engloba duas vertentes importantes: a ansiedade e a integração do self.

Segundo Bowen (1989), todos os organismos possuem um grau de ansiedade e todos dispõem de mecanismos internos para lidar com a mesma. Essa ansiedade é o que determina a diferenciação do self.

Quando o grau de ansiedade é pequeno, o organismo apresenta-se normal, ou seja, livre dos sintomas. Quando a ansiedade aumenta ou permanece crônica

durante um período, o organismo desenvolve uma tensão, que pode ser interna ou acometer o sistema de relações que o cerca.

No que se refere à primeira hipótese, essa tensão pode produzir sintomas fisiológicos, enfermidades físicas, disfunções emocionais e enfermidades sociais, como impulsividade ou problema de conduta social. No segundo caso, estende-se por meio da família e/ou da sociedade (BOWEN, 1989).

Um dos conceitos mais importantes de toda a Teoria de Bowen, segundo o autor, é a escala de diferenciação do *self*, que foi apresentada em um simpósio em Georgetown, em outubro de 1971 (BOWEN, 1989).

Vale ressaltar que como o autor desenvolveu sua teoria mediante o estudo com sua própria família de origem, ele achava inoportuno trabalhar a família nuclear, na qual vivem juntas (cônjuges e filhos), considerando que esses membros não conseguiriam vivenciar esse processo entre si.

A justificativa do mesmo é que o casal e os membros da família nuclear estão tão fusionados emocionalmente entre si, entre os filhos, que seria difícil vencer a fusão, assim como reagir e contra reagir emocionalmente na relação.

Bowen (1989) finaliza: “As tentativas de ganhar o controle da objetividade e da reatividade emocional na família nuclear pode manter-se durante muito tempo num plano de jogo emocional em que os jogos de cada cônjuge anulam os ganhos potenciais de ambos” (p.258).

Nichols e Schwartz (2007, p.151) pontuam que “[...] a maior deficiência da teoria de Bowen é concentrar-se nos indivíduos e em seus relacionamentos com a família ampliada, negligenciando o poder de trabalhar diretamente com a família nuclear”

Autores posteriores e contemporâneos trabalham de forma eficaz e muito positiva a família nuclear, não perdendo de vista a importância de compreendermos as relações da família de origem (NICHOLS E SCHWARTZ, 2007).

2.2 O Self

Inicialmente iremos apresentar algumas definições de *self*, segundo diferentes abordagens, para continuarmos enfocando a Teoria de Bowen (1989), uma vez que o autor utiliza o termo ao longo de suas colocações.

Na perspectiva psicanalítica temos a definição de *self* de acordo com Melaine Klein (1970). A autora pontua que a criança irá desenvolver sua própria representação de *self* a partir da internalização da figura materna, que ocorre inicialmente por meio da representação corpórea, e posteriormente junto a um conjunto de sensações e experiências percebidas como próprias. Portanto, é mediante essa relação objetal primária que a criança adquire um senso de si mesma, de um *self* separado e distinto de sua mãe (KLEIN, 1970).

Winnicott (1975) apresenta uma definição de *self* baseada nos aspectos ambientais e, especificamente, na importância da função materna nas relações objetais do bebê, assim, o autor considera que o *self* é a própria pessoa, constituída pela totalidade, num sentido interior-exterior, e auxiliado pelo ambiente humano que o permeia. (WINNICOTT, 1975).

Já no contexto dos estudos pós-modernos, sob o olhar do Construcionismo Social, o *self* é entendido enquanto uma construção social, produto das trocas discursivas, portanto, o *self* depende das práticas discursivas por meio das quais as pessoas dão sentido ao mundo e às suas próprias ações (GUANAES; JAPUR, 2003).

Segundo Bowen (1989), o *self* da pessoa é construído individualmente mediante os relacionamentos com a família, durante a infância e a adolescência, o que determinará o quanto o *self* será diferenciado ou não. Uma vez estabelecido, o nível de *self* raramente muda, a menos que a pessoa faça um esforço estruturado em longo prazo para mudá-lo.

Esse autor ainda pontua que o *self* é incorporado a partir das experiências vitais da pessoa, mediante um processo de raciocínio intelectual e as considerações minuciosas de alternativas que estejam na eleição. Outra questão importante da diferenciação do *self* refere-se aos níveis de *self* sólido e *pseudoself* de uma pessoa (BOWEN, 1989).

O *pseudoself* é composto por uma massa de fatos, crenças e princípios heterogêneos adquiridos por um sistema de relações no qual a emoção prevalece. Inclusive, os fatos aprendidos pelos demais são aceitos a fim de concretizar sua posição com os outros. Assim, o *pseudoself* se constitui mediante pressão emocional, seja da família ou da comunidade, fazendo com que a pessoa se conforme com as ideias, crenças, filosofias e princípios que o grupo considere importante e correto. Já o *self* sólido é intelectualmente consciente, a decisão de

incorporar ou rejeitar sua participação relacionada às ideias dos grupos implica num processo fundamentado, intelectualmente, em um contrapeso de suas vantagens e desvantagens. Ele difere do *pseudoself* no que se refere à incorporação do *self*, que traz consigo um raciocínio lógico e minucioso. Portanto, o *self* sólido é estável, há equilíbrio entre a emoção e o intelecto (BOWEN, 1989)

2.3 A diferenciação do *self*

O conceito de Bowen pode nos ajudar a refletir sobre o processo de diferenciação nas famílias. Vale ressaltar que não se pode deixar de lado fatores pertinentes sobre o tema, em virtude da discrepância cultural onde o estudo foi realizado, portanto, as diferenças existentes entre as famílias norte-americanas e brasileiras; a questão temporal, ou seja, a data em que foi desenvolvida a teoria do autor; e outros fatores que nos conduzem a refletir com mais cuidado sobre a questão apresentada.

Além disso, não podemos inferir utilizando a família entrevistada em um único momento, mas podemos nos pautar pela reflexão de como as famílias vivenciam essa forma de viver a diferenciação do *self* do filho adulto.

A diferenciação do *self* é apresentada por Bowen numa conferência, em 1967, em que relewa o estudo realizado sobre o processo de diferenciação em si próprio e em sua família de origem. Ele relata sobre as visitas e a forma como destriangulou as relações com seus pais e irmãos, diferenciando-se e relacionando-se de forma mais saudável e positiva com eles. Além disso, menciona que a relação na família nuclear, nos termos de si próprio, esposa e filhos, também foi beneficiada.

Bowen (1989) postula a diferenciação do *self* como um conceito universal que define os indivíduos segundo o nível de fusão ou diferenciação que adquirem em relação à família de origem ao longo da vida.

Para esse autor, há uma classificação dos níveis de funcionamento humano: de um lado a intensidade máxima da indiferenciação do eu familiar e a presença máxima de indiferenciação e fusão e de outro lado, o predomínio da diferenciação, com pouca presença da fusão do eu, a individualização no seu ponto máximo (BOWEN, 1989).

As famílias diferem-se em intensidade em termos de interdependência emocional dependendo dos níveis da diferenciação de seus membros. Quanto mais intensa a interdependência, menor é a capacidade do indivíduo de se adaptar a situações adversas, estressantes que gerarão uma ansiedade crônica.

Em cada família existe uma identidade emocional aglutinada, a qual Bowen (1989) denominou massa indiferenciada do eu familiar. O nível de intensidade desse processo varia para cada família e também no curso de sua história. O nível de compromisso de cada membro da família depende do grau de compromisso básico na massa do eu familiar. Nesse sentido, há um processo para que o indivíduo se liberte parcialmente da aglutinação emocional da própria família.

De acordo com Bowen (1989), o termo libertar-se refere à análise feita sobre o próprio papel da pessoa como um participante ativo no sistema de relacionamentos, ao invés de culpar todo o mundo, exceto a si mesmo, pelos problemas. Portanto, segundo o autor, há dois pólos relacionados à diferenciação: em um vértice superior estão às pessoas mais diferenciadas e, no inferior, encontramos as pessoas menos diferenciadas ou mais indiferenciadas.

Nos indivíduos mais diferenciados, há separação entre o funcionamento emocional e intelectual. Trata-se de pessoas mais flexíveis, adaptáveis e independentes emocionalmente dos que os rodeiam. Nichols e Schwartz (2007) exemplificam que a pessoa diferenciada:

[...] é capaz de equilibrar pensamento e sentimento, capaz de fortes emoções e espontaneidade, mas também possui a autocontenção que acompanha a capacidade de resistir a pressão dos impulsos emocionais. É capaz de assumir uma posição em qualquer assunto, pois pode refletir sobre as coisas, decidir no que acredita e, então, agir em função dessas crenças (NICHOLS E SCHWARTZ, 2007, p.131).

Com elevados níveis de diferenciação, a fusão dos sistemas emocional e intelectual pode ser distinguida mais claramente. Nesse caso, existem as mesmas forças emocionais automáticas que regem a conduta instintiva, contudo o intelecto é suficientemente autônomo para racionalizar logicamente e tomar decisões baseadas no pensamento.

Bowen (1989) pontua:

[...] um *self* diferenciado é aquele que pode manter a objetividade emocional enquanto permanece no meio de um sistema emocional agitado e ao mesmo tempo é capaz de relacionar-se ativamente com as pessoas chaves do sistema (BOWEN, 1989, p. 202).

Nas pessoas indiferenciadas, as emoções e intelecto são tão fusionados que suas vidas são dominadas por um sistema emocional automático, ou seja, são guiadas segundo a emotividade. Assim independente do intelecto que o sujeito tem, ele ficará sempre à mercê desse sistema emocional. São pessoas pouco flexíveis, pouco adaptáveis e mais dependentes emocionalmente dos que as rodeiam, são reativas aos que as cercam, e facilmente afetadas por uma disfunção.

Nichols e Schwartz (2007, p.131) apontam que a pessoa pouco diferenciada: “[...] reage impetuosamente, com submissão ou desafio, tem dificuldade de manter sua autonomia, especialmente com relação a questões que despertam ansiedade”.

Bowen (1989, p.248) afirma: “As pessoas menos diferenciadas são movidas como peões pelas tensões emocionais. Os indivíduos melhor diferenciados são menos vulneráveis à tensão”.

Entre esses dois pólos há um grande número de misturas entre o funcionamento emocional e intelectual.

Em relação ao indivíduo e sua família, o grau de vinculação emocional mal resolvido equivale ao grau de indiferenciação da pessoa. Quanto mais baixo é o nível de diferenciação, mais forte é o vínculo emocional não resolvido com os pais, mais intenso são os mecanismos para enfrentar a indiferenciação (BOWEN, 1989).

Nichols e Schwartz (2007) nomeiam de apego ansioso essa proximidade patológica criada pela ansiedade, mediante a qual os membros da família tornam-se prisioneiros emocionais da maneira pela qual os outros se comportam. Tais relacionamentos são fundidos e levam à falta de autonomia pessoal.

Esses mesmos autores afirmam: “A fusão emocional baseia-se no apego ansioso, que pode manifestar-se como dependência ou isolamento. Ambos respondem ao estresse com reatividade emocional” (NICHOLS E SCHWARTZ, 2007, p.130).

Bowen (1989, p.243) complementa:

A premissa central da Teoria familiar Sistêmica está em sermos pobremente diferenciados, ou à medida que estamos indiferenciados, ou o grau de nossos vínculos emocionais não resolvidos com nossas famílias de origem. Todos esses se referem ao mesmo fenômeno.

Concordando com esses argumentos, Nichols e Schwartz (2007) pontuam que temos menos autonomia em nossa vida emocional do que imaginamos. A maioria de nós é mais reativo e dependente em relação aos outros do que pensamos.

Para finalizar, Bowen reforça a ideia de que o nível de diferenciação do *self* pode impactar no funcionamento total da vida do sujeito, tais como a longevidade, a estabilidade marital, a reprodução, a saúde, realizações educacionais, e o sucesso ocupacional, bem como evidencia a diferenciação existente nas vidas dos membros de uma família por gerações, ou seja, de forma multigeracional.

2.4 Escala de Diferenciação do Self

Bowen (1989) desenvolve uma escala que avalia os níveis de diferenciação do *self* do sujeito, segundo seu estilo de vida. A escala vai de 0 (zero), que representa o nível de funcionamento humano mais baixo, ao 100 (cem), que representaria a máxima diferenciação, hipoteticamente a perfeição. Entre esses números estão os mais variados níveis, que oscilam de 0 a 25, 25 a 50, 50 a 75 e 75 a 100. Os níveis de diferenciação podem permanecer os mesmos ou em alguns casos mudar ao longo da vida.

Segundo Bowen, as escalas podem ser aplicadas a todas as pessoas e evidenciam as diferenças entre a esquizofrenia, as neuroses e a normalidade, transcendendo categorias de gênero, classe social e diferenças culturais e de etnias. Quanto maior é o grau de indiferenciação, maior é a fusão em um *self* comum com as outras pessoas, denominado por Bowen (1989) de massa de ego indiferenciado.

Em contrapartida,

[...] um *self* diferenciado é aquele que pode manter a objetividade emocional enquanto permanece no meio de um sistema emocional agitado e ao mesmo tempo é capaz de relacionar-se ativamente com as pessoas chaves do sistema. (BOWEN. 1989, p.202).

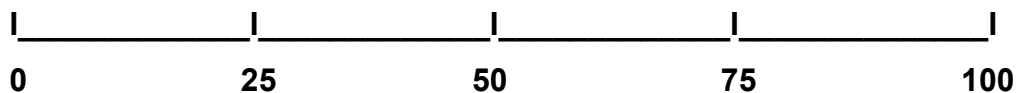
Nos níveis superiores da escala encontramos pessoas que vivem a vida em equilíbrio emocional, livres de sintomas psicológicos. Essas pessoas conseguem diferenciar e discernir os sentimentos dos pensamentos. Estão habituados a tomar decisões a partir de seus pensamentos.

As pessoas situadas em níveis inferiores da escala possuem níveis mais baixos de diferenciação ou mais altos de indiferenciação. São pessoas que desenvolvem sintomas em situações de forte tensão e estresse, são mais vulneráveis ao estresse, sendo que a recuperação a partir de sintomas é mais lenta. Pessoas na zona mais alta recuperam-se mais facilmente, lidam melhor com as situações.

Portanto, na parte inferior da escala encontramos as pessoas que são vulneráveis ao estresse, lidam com mais dificuldade com os problemas vitais e possuem alta incidência de enfermidades e problemas humanos. Já na parte superior estão as pessoas que se adaptam melhor ao estresse, têm menos problemas vitais e, em geral, sabem lidar melhor com os mesmos (BOWEN, 1989, p.248).

A escala de diferenciação tem o intuito de avaliar o nível de diferenciação do *self* da pessoa, uma vez que cada indivíduo possui um estilo vital distinto referente à maneira como funciona o intelecto e a emoção. O autor finaliza: “A um nível simples revela que as pessoas são basicamente distintas entre si e podem ser classificadas de acordo com essas diferenças” (BOWEN, 1989, p. 248).

Conforme apontado o autor desenvolve a escala de diferenciação do *self* representando-a por uma linha:



O 0 (zero) representa o nível mais baixo de funcionamento humano, que seria considerado a pessoa menos diferenciada. Entre esses números estão os mais variados níveis, de diferenciação, oscilando de 1 a 25; 25 a 50; 50 a 75 e 75 a 99. E o 100 (cem) representaria hipoteticamente a perfeição, ou seja, o sujeito mais diferenciado. A seguir, descrevo detalhadamente os níveis definidos pelo autor.

2.4.1 O perfil dos níveis baixos de diferenciação

Nesse patamar, o intervalo existente na escala varia de 0 a 25, a fusão emocional é intensa, Bowen (1989) nomeia-a massa de ego familiar indiferenciado. Essas pessoas vivem num mundo controlado pelas emoções, em que o sentimento e a subjetividade prevalecem sobre o processo da razão e da objetividade a maior parte do tempo, pois não conseguem separá-los do resto.

Não distinguem os sentimentos dos fatos e baseiam suas decisões vitais mais essenciais no que sentem ser correto, pois o funcionamento intelectual fica submerso, o que dificulta as escolhas e decisões dessas pessoas.

Consequentemente, não se esforçam para atingir metas, não conseguem fixar objetivos em longo prazo. Crescem como apêndices, dependentes de seus pais e buscam outras relações igualmente dependentes para conseguirem tomar por empréstimo a força suficiente para atingirem seus objetivos (BOWEN, 1989).

Os objetivos primordiais dessas pessoas são totalmente orientados pelas relações, buscando sempre amor, aprovação, conforto e segurança. Conservam as relações com certa harmonia, temendo contrariá-las e não obter aprovação. Caso não consigam aprovação, provavelmente, irão buscá-la ao longo da vida. Quando não a encontram, retiraram-se do sistema de relação que proporcionou esse sentimento de fracasso ou não aprovação.

Acontecimentos que despertem tensão e/ou ansiedade interrompem ou ameaçam o equilíbrio da relação. Uma interrupção crônica do sistema de relações pode desencadear uma disfunção ou uma série de problemas, incluindo enfermidade física e emocional, assim como uma disfunção social. Vale ressaltar que, com pouca ansiedade, estes mecanismos são menos intensos.

2.4.2 Perfil moderado de diferenciação do *self*

As pessoas que se encontram nos níveis moderados de diferenciação, intervalo da escala de 25 a 50, possuem um *self* mais autônomo, pode-se dizer menos fusionado emocionalmente nas relações íntimas, quanto no primeiro nível da escala.

Existe uma pequena diferenciação entre os sistemas emocional e intelectual. O *self* se expressa na maioria das vezes em forma de *pseudoself*. Essas pessoas são mais guiadas pela emoção, contudo, os estilos vitais são mais flexíveis que os níveis inferiores de diferenciação.

Dessa forma, a flexibilidade confere uma visão melhor da interação entre a emoção e o intelecto. Quando há pouca ansiedade seu funcionamento se assemelha aos níveis mais altos de diferenciação do *self*.

Grande parte de sua energia vital está voltada para as relações, são orientados a amar e serem amados, por isso, buscam mais aprovação nas relações do que em metas e objetivos concretos, sua auto-estima depende dos demais, assim, buscam agradar os outros, objetivam harmonizar-se aos outros sistemas de relação. Já os sentimentos são expressos de forma mais aberta que no primeiro caso. Precisam de menos energia para manter o *self* nas relações, então, disponibilizam sua energia para atividades e metas que geram mais satisfação (BOWEN, 1989).

O sistema emocional diz ao intelectual o que pensar e decidir, ou seja, quais decisões devem tomar em situações críticas. Naquilo que se refere aos assuntos pessoais, falta intelecto atuante e, muitas vezes, suas vidas pessoais tornam-se um caos.

A enfermidade emocional pode surgir de problemas internalizados em nível neurótico e problemas de conduta, como, por exemplo, o uso de drogas, álcool, cujo intuito é aliviar a ansiedade momentaneamente. Portanto, os transtornos sociais desse grupo de pessoas resultam em comportamentos impulsivos e irresponsáveis.

Manifestam sua dependência emocional por meio dos outros, assim como buscam uma relação ideal via envolvimento emocional. Há momentos que se aproximam intensamente e há momentos que se distanciam. Caso não consigam intimidade nos relacionamentos podem retirar-se e buscar isso em outra relação.

2.4.3 Perfil moderado a bom de diferenciação do *self*

Nos níveis mais altos da escala de diferenciação, entre 50 e 75, encontramos os sujeitos que possuem uma capacidade cada vez maior para diferenciar os

sentimentos da realidade objetiva. Bowen (1989) aponta que são pessoas com convicções fortes e opiniões definidas sobre os que lhes rodeiam.

As pessoas desse perfil possuem uma diferenciação básica suficiente entre os sistemas emocional e intelectual de modo que ambos funcionam de forma cooperativa. Assim, o sistema intelectual é suficientemente desenvolvido sem ser dominado pelo sistema emocional quando a ansiedade aumenta.

O *self* sólido atua na maior parte das decisões importantes na vida, portanto, não é prisioneiro do mundo emocional. As pessoas são capazes de viver com mais liberdade e crescer emocionalmente de uma forma mais satisfatória.

Há momentos em que o sistema emocional toma o controle absoluto, mas quando surgem os problemas, eles se recuperam, apaziguando a ansiedade, evitando, então, uma situação de crise vital. Algumas decisões são baseadas nos sentimentos para não arriscarem a desaprovação de outras pessoas, as quais são consideradas importantes para elas.

Essas pessoas têm mais clareza entre as diferenças da emoção e do intelecto. São capazes de afirmar suas próprias convicções e crenças tranquilamente, sem depreciar os demais.

O sistema intelectual está bastante desenvolvido para tomar decisões por si só, de forma automática. Bowen (1989) relembra que o sistema emocional controla uma forma de vida eficaz em muitas áreas de funcionamento, mas em situações críticas, as decisões emocionais automáticas, desencadeiam complicações duradouras no organismo de forma global. O intelecto, por sua vez, adverte que para anular o sistema emocional requer um pouco de disciplina e esforço em longo prazo.

Um dos fatores apontados por Bowen (1989) é que as pessoas desse perfil formam no casamento uma sociedade funcional, parceira. Os pais deixam seus filhos desenvolverem seus próprios *self* autônomos, sem torná-los imagens e semelhanças ao *self* dos pais e sem desenvolver neles uma ansiedade excessiva.

Tanto os pais, quanto os filhos, são responsáveis e não necessitam culpabilizar os demais pelas próprias falhas, assim como acreditaram em seus êxitos. Conduzem bem os relacionamentos humanos, manejam bem suas vidas e estão mais aptos a lidar com as adversidades.

2.4.4 Perfil de diferenciação máximo do self

Esse perfil é mais hipotético que real, cujo nível de diferenciação varia de 75 a 100. Ao elaborar a escala Bowen (1989, p.98) menciona que o nível 100 (cem) assemelha-se a perfeição em todos os níveis de funcionamento emocional, celular e fisiológico. O autor ainda afirma que “[...] é igualar a pessoa mais diferenciada com o individualismo acentuado”

Para o autor, o individualismo acentuado é uma postura fingida, pertencente a um indivíduo que luta contra a fusão emocional. Esse indivíduo diferenciado considera os demais e é consciente do sistema de relações que se envolve.

Bowen (1989) supôs que haveria alguma figura extraordinária na história da humanidade que se aproximaria de um dos escores mais alto, aproximadamente 95 (noventa e cinco). O autor considera que o nível 75 (setenta e cinco) é um número bastante elevado na escala.

Finalmente, Bowen (1989) aponta que os níveis de diferenciação do self podem permanecer os mesmos ou em alguns casos mudar ao longo da vida. Um fator considerável abordado por esse autor é que, ao deixar a família de origem, a pessoa está caminhando para subir um degrau em seu processo de diferenciação: “Penso que o nível de diferenciação de uma pessoa está determinado pelo momento em que abandona a família parental e pretende viver sua vida” (p. 99).

Na Teoria de Bowen, a fusão emocional é universal, presente em todas as pessoas, a não ser na pessoa completamente diferenciada, que conforme o autor pontuou anteriormente, provavelmente essa pessoa ainda não exista. Bowen (1989, p. 211) faz menção aos diferentes estilos de pessoas segundo a fusão emocional:

Existem pessoas que são capazes de se observar mais e reagir menos com suas famílias. Há outros que estão tão intensamente fusionados que provavelmente não conhecerão nunca o mundo da objetividade emocional que existe entre seus pais. Poucas pessoas conseguem ser objetivas com seus pais, vê-los e pensar neles como pessoas, sem desvalorizar ou supervalorizá-los. Algumas pessoas sentem-se numa situação tão confortável e comodamente fusionados, já outras se sentem tão incomodados por serem fusionados que utilizam o ódio ou outra atitude negativa encoberta para evitar o contato com seus pais. Existem também os que manifestam uma fusão forte, permanecendo tão apegados, que nunca abandonam o lar. Há também aqueles que se iludem, acreditando que tem uma relação bem resolvida com os pais, mantém uma relação formalmente em casa, sem comunicação pessoal, utilizando como prova de maturidade que não são seus pais.

O autor aponta que muitas pessoas deixam a família devido à fusão emocional, iludindo-se que estão desapegadas, bem resolvidas, longe dos membros da família. Assim como há pessoas que podem ser diferenciadas dos outros membros da família e morar no mesmo ambiente, na mesma casa.

Bowen (1989, p. 193) conclui que “[...] há muitas experiências que podem na vida elevar ou reduzir os níveis de funcionamento do *self*, se bem que poucas podem modificar o nível de diferenciação adquirido na convivência com a família parental”.

Ao analisar a realidade cultural brasileira em relação ao pensamento de Bowen (1989) pode-se sugerir que as famílias latinas, talvez, tendam a ser menos diferenciadas do que as americanas em virtude da educação e socialização que vivenciaram.

Somada a essa colocação, a realidade das famílias em nosso país, desde o contexto da colonização, deu-se fortemente mediante a proximidade entre os membros da família, bem como da família extensa. As famílias do passado conviviam com inúmeras pessoas debaixo do mesmo teto, apesar dos contornos atuais modificarem os padrões de convivência, ainda continuamos próximos dos familiares.

Além disso, cabe lembrar que os estudos de Bowen foram realizados numa cidade provinciana, entre famílias norte-americanas, cuja realidade cultural e social é bastante diferente da nossa, bem como foi elaborado nas últimas décadas do século passado, tempos muito diferentes da atualidade.

2.5 A diferenciação do *self* na família de origem

Existem forças emocionais que se instituem nas relações entre os membros da família constituindo a dinâmica familiar do sistema, sendo que este pode ser estruturado por forças voltadas para união, que mantêm o sistema emocional da família estático, dificultando a diferenciação do *self* de seus membros. Tais “[...] forças da união definem os membros da família como semelhantes em termos de crenças, filosofia, princípios vitais e sentimentos” (BOWEN, 1989, p.211).

Assim, o valor atribuído ao *self* dos membros da família é conferido por meio dessa união, resultando em viver e responsabilizarem-se uns pelos outros. Bowen

(1989, p.211) exemplifica: “[...] caso o outro não esteja feliz, as forças da união fazem o indivíduo sentir-se culpado”.

Pessoas indiferenciadas tornam-se prisioneiras das amarras dos membros da família. No geral são reativas e sempre fazem algo esperando algo em troca, geralmente estão em busca de amor e aprovação (BOWEN, 1989).

Caso um membro de uma família indiferenciada busque sua diferenciação, as forças da união o tratarão como uma forma de ser egoísta e hostil. Essas forças existentes no sistema familiar buscam o equilíbrio que já foi estabelecido anteriormente. Bowen (1989, p.212) explica detalhadamente como ocorre esse processo nos sistemas familiares:

Um sistema familiar em equilíbrio emocional está livre de sintomas a qualquer nível de diferenciação. O sistema se vê alterado quando qualquer membro familiar move-se para a regressão. Então, o sistema se ativará em seguida para restaurar o nível de equilíbrio buscando livrar-se de sintomas, se é que é possível. O sistema familiar também se vê perturbado quando qualquer membro familiar se move a um nível de diferenciação ligeiramente superior, e se moverá da mesma maneira, automaticamente, a fim de devolver ao sistema familiar seu equilíbrio anterior.

Existindo qualquer movimento em direção à diferenciação, haverá automaticamente uma tentativa de resgate da dinâmica do sistema familiar anterior. A reação da família frente à diferenciação pode ser de retaliação, como dizer que a pessoa que ela está errada, lutar contra a mudança, reagir de forma inapropriada, fazer esse membro da família sentir-se culpado e até mesmo puni-lo.

Quando a pessoa diferenciada segue em frente sem se defender ou contra-atacar, a reação emocional será breve, sendo que o sistema familiar expressará apreciação.

A diferenciação somente acontece na relação com os outros, em contextos significativos, em que o outro tenha que respeitar a crença e a postura ativa que possui. Portanto, conforme postulado e realizado pelo próprio autor, a diferenciação ocorre primeiramente junto com a família de origem (BOWEN, 1989).

2.6 Conceitos de Bowen associados à diferenciação do *self* e ao fenômeno das saídas e retornos do filho ao lar parental

Apontarei a seguir, sucintamente, os conceitos desenvolvidos por Bowen (1989) relacionando-os ao fenômeno dos filhos que retornam ao lar parental. Primeiramente discorrerei sobre o conceito de triângulos, que se caracteriza por uma configuração emocional composta de três pessoas, que denuncia um funcionamento do sistema emocional existente na família.

É interessante notar que, quanto mais baixo é o nível de diferenciação e quanto mais importante é a relação, mais intensos acontecem os triângulos. Em contrapartida, os mesmos são menos intensos nos níveis de diferenciação mais altos e em relação aos filhos mais periféricos (BOWEN, 1989).

Nichols e Schwartz (2007, p.131) ao refletirem sobre o que foi apontado anteriormente sobre a intensidade dos triângulos, afirmam que “[...] no processo de triangulação, uma terceira pessoa, que se torna sensível à ansiedade de um casal, entra em cena para oferecer reassseguramento ou acalmar as coisas”.

Bowen (1989) nos oferece um exemplo clássico da constituição de um triângulo, que ocorre entre pai, mãe e filho. As configurações variam, mas geralmente a tensão inicia-se no casal. Geralmente, a mãe e o filho formam o casal e o pai ocupa a posição externa, que provavelmente lhe cabe por se mostrar passivo e distante, deixando que o conflito se desenrole entre a mãe e o filho. A mãe que, frequentemente, se mostra dominante, conquista o filho.

Assim, o filho acaba aceitando o resultado de perder sempre, cada vez com mais facilidade, inclusive acaba desejando e aceitando voluntariamente essa posição. O filho nessa posição pode desenvolver uma perturbação funcional crônica. Esta pauta é descrita por Bowen (1989).

Segundo esse autor, o problema inicial para formação de triângulos pode ocorrer em três áreas onde a indiferenciação é absorvida em uma família nuclear: no conflito conjugal, na disfunção com um dos cônjuges e/ou na projeção em um ou mais filhos. Independente da área que aconteça, os triângulos denunciam a pauta do sistema emocional referente ao triângulo central da família, que afetará todos os outros membros automaticamente (BOWEN, 1989).

Outro conceito desenvolvido por Bowen é o Processo Emocional da Família Nuclear, quando descreve o funcionamento emocional de uma família, a qual se inicia por meio dos primeiros planos para a união do casal, assim como a determinação do relacionamento com as famílias de origem, o ajuste dos cônjuges antes de terem os filhos, a chegada do primeiro filho, o ajuste destes em uma relação de três pessoas e a adição dos outros filhos (BOWEN, 1989).

Bowen (1989) pontua que o sistema emocional da família é determinado pelos padrões de relacionamento desenvolvidos entre pai-mãe-filho. Tais padrões de relacionamento são semelhantes às gerações passadas e podem se repetir nas próximas gerações. Certamente que existem variações que determinam a maneira como a família, da geração atual, funcionará:

Ambos os cônjuges lidam com o matrimônio segundo seus estilos de vida e níveis de diferenciação desenvolvidos em suas famílias de origem. O matrimônio e as reproduções estão governados segundo o grau dessas forças emocionais-instintivas... Quanto mais baixo é o nível de diferenciação, maiores são os problemas potenciais que o casal encontrará no futuro. (BOWEN, 1989, p.104).

Nichols e Schwartz (2007, p.132) retratam o processo com mesmo significado utilizando outras palavras: “[...] trata-se das forças emocionais na família que operam ao longo dos anos em padrões recorrentes”.

Outro termo, o Processo de Projeção Familiar, também conceituado pelo autor, é o processo por meio do qual a indiferenciação dos pais é projetada ou transmitida a um ou mais filhos (BOWEN, 1989).

O processo de projeção, geralmente, parte da ansiedade materna devido ao grau de apego emocional da mãe, que acaba sendo correspondido pelo filho. Assim, a mãe mediante o mecanismo de projeção permite baixar sua ansiedade centrando-se em um filho. O pai por sua vez desempenha um papel de apoio nesse processo.

Convenientemente, a mãe interpreta tal ansiedade como problema e acaba infantilizando o filho, que se vê cada vez mais perturbado e incapacitado. Bowen (1989) exemplifica esse processo automático:

Em uma situação corriqueira, possivelmente surgirá na forma de sintomas esporádicos, derivados de momentos de estresse na infância, que paulatinamente se transformará em sintomas mais sérios durante e após a adolescência; o que denuncia uma fusão emocional intensa entre a mãe e o filho, em que a relação entre ambos se mantém em equilíbrio positivo, livre de sintomas, até a adolescência, quando a relação do filho com a mãe ou com ambos os pais, pode tornar-se negativa e desenvolver sintomas mais graves. As formas mais intensas de fusão mãe-filho podem permanecer relativamente livres de sintomas até os primeiros anos da vida adulta, momento em que o filho pode ter uma crise psicótica tentando fugir dos pais (BOWEN, 1989, p.108).

Contribuindo para um melhor entendimento do processo de projeção, Nichols e Schwartz (2007) citam uma situação comum entre as famílias: o marido relaciona-se de maneira distante dos parentes, filhos e esposa. Essa, por sua vez, concentra-se e apegar-se aos filhos, contudo de forma ansiosa, devido ao distanciamento do marido e, normalmente, com maior intensidade a um filho específico.

Esses mesmos autores mencionam que o cuidado e o zelo da mãe não se traduzem por uma preocupação carinhosa, mas sim “[...] uma preocupação ansiosa, emaranhada. Como isso alivia a ansiedade do marido, ele aceita o grande envolvimento da mulher com os filhos, o que, por sua vez, reforça o emaranhamento deles e a distância do marido” (NICHOLS E SCHWARTZ, 2007, p. 133).

Um dos filhos eleito é receptor de uma grande quantidade de projeção, enquanto os outros ficam de fora. Esse filho, que se tornou o objeto de projeção, é mais apegado emocionalmente aos pais e acaba tendo um nível de diferenciação baixo do *self*.

A seleção pelo filho ocorre dependendo do nível de indiferenciação dos pais, o momento de vida dos mesmos, as circunstâncias positivas ou negativas que acometem a família no momento da concepção e no nascimento da criança, assim como com o enfoque dos pais em relação ao casamento e aos filhos (BOWEN, 1989).

Bowen (1989, p. 108) afirma que “[...] os filhos selecionados para o processo de projeção familiar são aqueles que foram concebidos e nasceram em estresse da vida materna; o primeiro filho, o filho do único sexo, é aquele que significa algo emocionalmente especial para a mãe ou é o que a mãe crê ser especial para o pai”.

Nichols e Schwartz (2007, p. 133) acrescentam:

Quanto mais a mãe focaliza sua ansiedade em um filho, mais o funcionamento desse filho é tolhido. Esse subdesenvolvimento incentiva a mãe a pairar sobre a criança, o que a distrai de sua ansiedade, mas incapacita emocionalmente a criança.

Outro conceito desenvolvido por Bowen (1989) refere-se à Desconexão Emocional, que conforme leitura e análise realizada sobre a indiferenciação seria o extremo oposto no sentido de distanciamento físico, contudo similar à indiferenciação da família de origem.

A desconexão emocional é determinada pela maneira como as pessoas resolvem seus vínculos emocionais com seus pais, separando-se do passado para iniciar uma vida com a geração atual. A desconexão refere-se ao processo de separação, isolamento, fuga ou negação entre o indivíduo, sua família e seus pais. Além disso, está associada à intergeracionalidade, ou seja, transmissão de padrões familiares que são passados de geração a geração (BOWEN, 1989).

A desconexão emocional é descrita por Nichols e Schwartz (2007, p.134) “[...] como as pessoas manejam a indiferenciação (e a ansiedade associada) entre as gerações. Quanto maior é a fusão emocional entre os pais e filhos, maior é a probabilidade de rompimento”

Segundo Bowen (1989), as pessoas que fogem da família de origem são tão dependentes emocionalmente que na realidade carregam-na consigo. Em contrapartida, o filho que fica na casa dos pais ou nas proximidades, maneja o vínculo.

Já o filho que foge geograficamente, interpreta que morar longe dos pais é sinal de independência, no entanto, é apenas uma fuga intensificada da fusão emocional da família. Assim, algumas pessoas confundem rompimento emocional com maturidade.

É importante frisar que essa pessoa que foge está “[...] tão emocionalmente apegada como a que permanece em casa e utiliza mecanismos internos para controlar o vínculo” (BOWEN, 1989, p. 249).

Esse conteúdo é importante para nossa análise uma vez que esse distanciamento físico pode representar a tentativa do filho distanciar-se ou diferenciar-se dos pais. No entanto, reforça nossa idéia de que o apego excessivo

continua existindo e, talvez, a questão geográfica seja tão difícil de manejar que o traz de volta.

Outro conceito muito importante associado à diferenciação é o Processo de Transmissão Multigeracional, que descreve como as pequenas diferenças nos níveis de diferenciação entre pais e sua prole conduzem sobre muitas gerações às diferenças marcadas na diferenciação entre os membros de uma família (BOWEN, 1989).

Esse processo transmite os diferentes níveis de diferenciação, mais altos, iguais ou mais baixos, aos filhos. Como o processo emocional se repete por meio das múltiplas gerações, as diferenças entre as linhas da família crescem cada vez mais marcadas.

A cada geração, o filho mais envolvido na fusão familiar avança para um nível mais baixo de diferenciação do *self*, enquanto o filho menos envolvido avança para um nível mais elevado de diferenciação, que gera menos ansiedade (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

De acordo com Nichols e Schwartz (2007), quanto mais ansiedade for canalizada em um dos filhos, menos ele será capaz de regular sua própria emotividade e se tornar uma pessoa madura. Em contrapartida, quanto menos ansiedade for canalizada nos filhos, mais eles poderão crescer de forma autônoma, com maior diferenciação do que os pais.

Os pais que impõe suas preocupações aos filhos deixam a eles pouca escolha além de se conformar ou se rebelar. Em vez de aprender a pensar por si mesmos, esses filhos funcionam em reação aos outros. Quando saírem de casa, terão a expectativa de serem autores de sua própria vida. Não, serão igual aos pais! Infelizmente, embora possamos lutar contra nossa herança, ela em geral nos alcança (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007, p.133).

É importante mencionarmos que o processo de transmissão multigeracional busca compreender as forças emocionais que se desenvolvem em cada família nuclear e as gerações anteriores mediante a compreensão dos mitos familiares, das reivindicações e opiniões emocionalmente tendenciosas, a fim de conhecer a história familiar e identificar padrões e repetições das mesmas.

Outro fator estudado por Bowen (1989) é a Posição de Nascimento entre os Irmãos, que desenvolve características de personalidade no indivíduo segundo a posição ocupada na família. Além disso, quanto mais intenso é o processo de

projeção, mais infantil se torna esse filho, independente da posição que ocupa entre os irmãos em relação ao nascimento.

Finalmente, o ultimo termo elaborado por Bowen (1989, p.113) é o Processo Emocional Societário, em que “a família passa pela sociedade e a sociedade possui um sistema emocional cíclico”.

Assim, ambos estão interligados num processo complexo e circular, em que a funcionalidade da família é diretamente afetada pela sociedade. O autor conceitua a influência social existente na maneira como as famílias funcionam.

Concluindo, Bowen (1989) enfatiza a importância das relações familiares iniciais, reforçando que o maior problema nas famílias é a fusão emocional e o principal objetivo deveria ser a diferenciação do indivíduo.

Nichols e Schwartz (2007, p. 154) dizem: “[...] Murray Bowen fez imensas contribuições ao nosso entendimento de como funcionamos como indivíduos, como nos relacionamos com nossas famílias e como esses dois aspectos estão relacionados”.

Buscamos nos diferenciar da nossa família de origem, muitas pessoas seguem nessa busca, já outras estão tão indiferenciadas que não sentem necessidade de percorrer esse trajeto e continuam vivendo até que a vida traga situações diversas que movimentam e modificam o sistema, tentando restabelecer seu equilíbrio.

Conforme apontado por Bowen (1989), em sua escala de diferenciação, o perfil bom e moderado de diferenciação leva-nos a equilibrar a emoção e a razão, inclusive nos momentos de ansiedade.

Portanto, após essa reflexão sobre os conceitos de Bowen, fui levada a questionar: Quando o filho adulto sai da casa dos pais, será que busca alcançar a diferenciação?

Muitos acabam retornando por motivos que tentaremos conhecer, mas, conforme apontado por Bowen (1989) e confirmado por Nichols e Schwartz (2007) ao deixarmos nossas famílias de origem, temos a sensação de que deixamos todo o resto para trás e não é isso que realmente acontece, a família continua conosco.

Após rever estudos como os de Bowen e de Nichols e Schwartz, penso que posso sugerir que a indiferenciação ou falta de diferenciação entre pais e filhos contribui para o retorno ao lar parental, assim como as características da contemporaneidade. Cabe, então, ainda questionar: Será que a necessidade de

proximidade entre os membros da família, independente da maneira como as pessoas se diferenciam ou se relacionam, torna-as menos diferenciadas?

Acredito que posso associar o contexto acima com a metáfora de um rio que faz seu caminho e desemboca no mar, contudo, o importante é o percurso desse rio, o trajeto percorrido entre seu início e o fim. Sob meu ponto de vista, o importante é o que escolhemos fazer nesse período e como escolhemos viver esse trecho. Esse caminho é de responsabilidade da pessoa e são determinados por suas próprias escolhas. No entanto, julgo igualmente relevante pensarmos sobre o como nos prepararmos para esse trajeto e o como buscamos a diferenciação, considerando-se as diversidades culturais, sociais, econômicas e afetivas advindas da contemporaneidade, que certamente inferem no momento da saída e retorno da casa dos pais, bem como no processo de diferenciação do indivíduo e os membros de sua família.

Além disso, não se pode deixar de considerar o contexto cultural de nosso país, cujo nível de diferenciação entre os membros da família não é elevado. Inúmeros fatores me levam a refletir sobre o que seria patológico ou o que poderia ser considerado simplesmente um processo natural desse momento do ciclo de vida das famílias diante da realidade contemporânea. Portanto, diante do contexto apresentado, pareceu-me que cada pessoa e cada família têm seu próprio tempo para realizar de forma positiva ou saudável o processo de diferenciação com a família de origem.

CAPÍTULO 3 – O CICLO VITAL DA FAMÍLIA

Outro fator importante a ser abordado no trajeto dessa pesquisa são as fases do Ciclo Vital Familiar e as características singulares e peculiares correspondentes a cada momento vivenciado pela família.

Segundo Cervený (2002), o Ciclo Vital da Família:

[...] é caracterizado pelas fases que passam as famílias desde seu início até a morte dos membros que a iniciaram. Nas fases encontramos vivências relacionadas ao processo evolutivo da família através do tempo e as repercussões nas outras gerações (CERVENY, 2002, p.21).

3.1 Características do Ciclo Vital da Família

As fases do Ciclo Vital Familiar são assinaladas segundo as etapas do desenvolvimento da família. Os momentos de transição, entre uma fase e outra do ciclo evolutivo da família, podem gerar conflitos devido às mudanças inesperadas, desencadear a desorganização da estrutura ou dinâmica familiar e até afetar mais um membro da família do que os outros (CERVENY, 1997).

O ciclo da família é caracterizado por quatro fases: aquisição, adolescente, madura e última. Essa autora ressalta que as fases não podem ser rigidamente definidas, muitas vezes, ocorrem sobreposições, ou ainda existem famílias em que um ciclo é avançado sobre o outro (CERVENY, 1997).

Além disso, a contemporaneidade auxilia a promoção de novos arranjos intervindo nessas fases, como é o caso do prolongamento ou retorno dos filhos adultos ao lar parental, pois, como iremos averiguar na teoria, na fase madura os filhos costumavam deixar a casa dos pais.

Farei um breve resumo sobre os fatores que vivenciam o filho adulto segundo as etapas do ciclo, enfatizando a fase madura.

3.1.1 Reflexões sobre a Fase de Aquisição e Adolescente associadas às saídas e retornos do filho adulto à casa dos pais

O filho adulto que saiu da casa dos pais, alvo desse estudo, em algumas ocasiões pode estar vivenciando a Fase de Aquisição que se caracteriza pela união do casal, reconstrução e re-elaboração de valores e padrões, tanto os familiares quanto os individuais.

De acordo com Bergami e Berthoud (1997), o equilíbrio na relação do novo casal somente é possível quando eles conseguem diferenciar-se emocionalmente de suas próprias famílias de origem, enquanto indivíduos e enquanto casal. Essas autoras ainda contribuem:

Dependendo do grau de maturidade dos cônjuges, da forma como elaboraram a saída da casa paterna e das regras que foram construídas pelo casal, os modelos antigos podem ser revistos, transformados e adaptados para atenderem as necessidades da família atual. Quando isso não é possível, padrões rigidamente repetidos podem dar origem a crises e conflitos entre o casal (BERGAMI E BERTHOUD, 1997, p.57).

Outra contribuição sobre as fases do Ciclo Vital Familiar, realizada mediante estudos com famílias americanas, é fornecida por Carter e McGoldrick (1995). As autoras mencionam que no primeiro estágio de Ciclo de Vida Familiar, os jovens adultos têm como princípio emocional de transição a aceitação da responsabilidade emocional e financeira pelo eu.

As mudanças no status familiar devem ocorrer através da diferenciação do eu em relação à família de origem, o desenvolvimento de relacionamentos íntimos com adultos iguais e o estabelecimento do 'eu' com relação ao trabalho e independência financeira (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 17).

As autoras consideram importante que o jovem adulto consiga diferenciar-se da família de origem de maneira saudável, tranquila, para que possa, então, estabelecer objetivos pessoais antes de formar um novo subsistema familiar. “Um encerramento adequado desta tarefa requer que o jovem adulto se separe da família de origem sem romper relações ou fugir reativamente para um refúgio emocional substituto” (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 16).

Assim, eles podem decidir o que gostariam de levar consigo ou não dos valores e crenças da família de origem. No entanto, caso não consigam separar-se

adequadamente da família de origem podem apresentar mais de dificuldade de lidar com situações corriqueiras das etapas seguintes do ciclo vital.

Além disso, os pais podem encorajar os filhos a serem independentes ou não, e os filhos podem permanecer dependentes ou rebelarem-se, distanciando-se, o que na realidade causa um “rompimento de relações pseudo-independente com seus pais e famílias” (CARTER E MCGOLDRICK, 1995, p. 16).

O ideal é o estabelecimento de uma relação de adulto para adulto, com reconhecimento das mudanças de status de filhos e pais.

Outro momento relevante na fase de aquisição inicia-se com o nascimento de um filho. Há mudanças profundas e irreversíveis nos níveis individuais, conjugal e familiar. O desenvolvimento físico e psicológico da criança alterará paralelamente o sistema familiar.

Nessa fase do Ciclo Vital os elementos do grupo familiar são especialmente sensíveis à mudança uns dos outros, pois é uma fase na qual tanto as crianças quanto os adultos exibem contínuas e constantes transformações (BERGAMI E BERTHOUD, 1997, p. 72).

Já a Fase Adolescente do Ciclo Vital Familiar será abordada de forma sucinta, pensando na hipótese dos jovens adultos arrastarem características dessa etapa à próxima fase do ciclo vital, a madura, que é a fase pertinente ao momento de vida da família, pais e filho adulto, referente ao nosso estudo, como um todo.

Essa fase é definida pelo ingresso dos filhos na adolescência, a família tem que mudar velhos padrões, é mais uma etapa de transição do ciclo vital. Tanto os pais quanto os filhos passam por mudanças (BERGAMI E BERTHOUD, 1997).

Algumas características presentes nessa fase são os conflitos gerados pelas novas relações entre os pais e os filhos. O diálogo e as negociações entre ambos podem desenvolver um bom relacionamento e promover a autonomia do filho. As dificuldades da tarefa de separação são maiores quando a família não está disponível ou não há adultos que possam proporcionar assistência.

Cangelli e Luisi (1997, p.83) consideram que psicologicamente um dos critérios para pensarmos no término da adolescência não é apenas a idade cronológica, mas sim as experiências de vida e ajustamentos característicos da fase adolescente, no âmbito sexual, social, ideológico e vocacional, que a pessoa vivenciou. Assim, experiências como sair da casa dos pais, trabalhar, adquirir

recursos financeiros próprios, casar, entre outros, contribuem para esse crescimento. Ao contrário de uma pessoa que pode ter uma idade cronológica mais avançada “[...] mas apresentar ainda, características sociais e de comportamento próprias de um adolescente”.

Entretanto, existem outras maneiras de se delimitar esse término, Nascimento (2006) compreende que a adolescência não é uma fase natural do desenvolvimento humano, e sim uma criação cultural. Sendo assim, esta etapa pode ser compreendida de diversas formas dependendo da cultura e da época em que esteja inserida. Nesse sentido, pode-se pensar na ‘Síndrome de Peter Pan’², ou seja, adultos que continuam agindo como adolescentes, que resistem a crescer e amadurecer. Penso também que se pode sugerir que o fenômeno das idas e vindas dos filhos a casa dos pais remete-se a jovens adultos que não tenham completado a fase adolescente de seu próprio ciclo vital junto à família, assim, retornam ao lar parental na busca de cuidados ou até para resolver algo inconclusivo.

3.2 A Fase Madura do Ciclo Vital Familiar

A descrição dessa fase nos faz pensar em maturidade, autonomia, completude. No entanto, é um período de intensas transformações na família. Essa etapa caracteriza-se pela inserção dos filhos na vida adulta, momento que ocorre acrescido de muitas transformações.

Tanto os pais, quanto os filhos agora são adultos, o que leva a uma série de mudanças na relação entre os membros da família, alterando o sistema familiar vigente na fase anterior. “É o momento em que o casal tem duas ou mais gerações necessitando de apoio” (CERVENY, 1997, p.14).

Os pais dos pais estão envelhecendo e precisam de auxílio. Já os filhos dos pais têm seus filhos, os netos, e muitas vezes também precisam de ajuda. Não podemos esquecer de que há filhos adultos que continuam morando com os pais ou

² Síndrome de Peter Pan, um transtorno no qual as pessoas se recusam a aceitar sua idade real, têm uma visão distorcida do que é normal para a sua idade, não conseguindo assumir as obrigações da vida adulta, o que pode resultar num adulto imaturo, narcisista, egoísta e irresponsável. Disponível em: <<http://midiaesaude.bs2.com.br/?action=mais&materia=243>>. Acesso em: 24.02.2012.

que retornam à casa dos mesmos por diversas razões e, às vezes, trazem os netos junto.

Cervený (1997, p.104) descreve as características existentes a essa etapa: “[...] a saída do primeiro filho de casa; a inclusão da terceira geração e parentes por afinidade; os cuidados com a geração mais velha e, em decorrência a mudança no relacionamento; e o significado e função do casamento”.

Carter e McGoldrick (1995) nos chamam atenção em relação ao tema que estamos estudando, sobre o processo emocional de transição da família referente à mudança no status familiar.

Nesse sentido, ocorre uma renegociação do sistema conjugal como díade, o desenvolvimento de relacionamento de adulto-para-adulto entre pais e filhos, o realinhamento dos relacionamentos devido à inclusão dos agregados e netos e, finalmente, lidar com a morte dos pais e avós.

De acordo com as autoras, nessa fase os filhos deveriam sair de casa e o casal deveria reestruturar a relação conjugal. Contudo, esse momento pode não ter êxito e, então, “[...] as dificuldades dessa transição podem levar as famílias a se agarrarem aos filhos ou conduzir a sentimentos paternos de vazio e depressão” (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p.21).

Associando a dificuldade de elaboração da família nessa fase, assim como na fase de aquisição, resultados como o prolongamento ou retorno dos filhos à casa parental acometem a família contemporânea.

A família que está na maturidade provavelmente já cumpriu algumas tarefas do status de adulto, profissionalmente, o sistema de valores, a manutenção do sistema familiar, assim como o papel de provedores, orientadores e acolhedores do lar. Pais e filhos se reconhecem como pares (BERTHOUD E CERVENY, 1997).

3.2.1 Quando o primeiro filho sair...

Os pais deparam-se com o crescimento e amadurecimento dos filhos, assim como com a saída ou tentativas de sair de casa. Tanto os pais quanto os filhos podem apresentar dificuldade em adaptar-se a essa mudança, uma vez que gerará desequilíbrio no sistema familiar, podendo ocorrer de forma conflituosa ou saudável, o que dependerá da maneira como os membros envolvidos se relacionam.

A saída do primeiro filho da casa parental simboliza a independência e autonomia conquistada pelo jovem adulto, o que repercutirá de alguma maneira nos pais. Carbone e Coelho (1997, p.106) fazem um paralelo sobre a autonomia do filho adulto como um segundo parto, porque a criança que vivia na família: “[...] terá que romper seu laço básico para iniciar seu ‘nascimento social’ como adulto na sociedade”.

A saída do primeiro filho de casa já foi nomeada pela literatura mediante o termo “ninho vazio”, originando a chamada síndrome de mesmo nome. De qualquer forma, há que se considerar a importância da cultura na vivência desse processo de separação e no momento em que ele ocorre.

McGoldrick e Carter (1995) discorrem sobre a dificuldade que alguns pais encontram ao libertarem os filhos, reflexo da transição do ‘ninho vazio’, momento que trará à tona a relação conjugal insatisfatória, que é substituída por um grande apego ao filho.

Os pais que desenvolvem a relação de casal em torno dos cuidados dos filhos terão mais dificuldade e sentirão o ninho abandonado. Já os pais suficientemente maduros auxiliam no engajamento do filho para o mundo adulto (CARBONE E COELHO, 1997).

De acordo com Silveira e Wagner (2006), a saída dos filhos de casa tem sido cada vez mais retardada. As autoras consideram que esse adiamento é uma resposta às difíceis condições sociais do momento e apontam a necessidade de tolerância dos pais para suportar fatores como a morosidade na definição da identidade profissional dos filhos, e aceitar a variação de ligações emocionais fora da família.

Consideram que, para isso, “[...] é fundamental o empenho no cumprimento das tarefas que cada um dos subsistemas deve desempenhar para que o desenvolvimento dos membros da família ocorra sem o acúmulo das mesmas para as fases subsequentes” (SILVEIRA E WAGNER, 2006, p. 452).

Na pesquisa de Silveira e Wagner (2006, p.451) foram encontrados dados que revelam a dificuldade dos membros da família em aceitar as mudanças pertinentes à fase madura do ciclo:

Os casos pesquisados evidenciam que o cumprimento das tarefas evolutivas está sendo arrastado ao longo do ciclo vital. Algumas tarefas da adolescência ainda estão presentes nesses sujeitos, como é o caso da formação da identidade e da busca de autonomia, o que revela que o termo "adulescente" talvez esteja mais apropriado para designar a fase evolutiva em que alguns deles se encontram.

Portanto, a dificuldade em amadurecer de alguns adultos jovens, assim como a dificuldade em deixá-los amadurecer de alguns pais, pode modificar o desenvolvimento do ciclo evolutivo da família e esbarrar na questão da diferenciação entre seus membros, resultando nos fenômenos atuais, um dos quais busco compreender mais profundamente.

Carbone e Coelho (1997) referem-se ao relacionamento entre pais e filhos nessa fase percebendo certa ambiguidade, em que o jovem adulto, ao tentar diferenciar-se da família de origem, aproxima-se e distancia-se do modelo parental, comprovando sua individualidade como pessoa adulta.

O filho adulto, os pais e todo sistema familiar vivenciam esse processo de forma antagônica. Os pais às vezes os tratam como adultos responsáveis e independentes, mas em outros momentos os vigiam e guiam suas vidas.

A família, num interjogo de força, pode ser uma facilitadora ou inibidora na constituição de uma nova família, na medida em que pressupõe a separação do jovem adulto da família nuclear, e a formação o seu próprio núcleo família (CARBONE E COELHO, 1997, p.107).

Além disso, exige dos pais segurança em relação aos valores passados aos filhos, que já tomam suas próprias decisões. Oliveira (2003, p. 31) contribui com a seguinte reflexão: "Esta vivência requer dos pais segurança quanto à bagagem já transmitida e confiança no relacionamento para poder incluir flexibilidade e modificar fronteiras, a fim de incluir as novas aprendizagens adquiridas com os grupos extrafamiliares". Sob outro olhar, Morch e Andersen (2006) averiguaram a questão da individualização no contexto de um novo paradigma de integração social que valoriza os papéis da família e da juventude, esta que se tornou cada vez mais prolongada sob as condições da Modernidade.

Esses autores mencionam que nos modelos atuais é valorizado permanecer-se jovem, o que conduz ao prolongamento indefinido da juventude. Pode-se associar a esse raciocínio a extensão da residência dos filhos adultos e o retorno ao lar parental como uma forma de prolongar essa fase.

Ao se relacionar o pensamento dos autores ao cenário atual, evidencia-se que a pós-modernidade contribui para as mudanças ocasionadas entre os membros da família, desde as condições sociais, econômicas e habitacionais às questões emocionais e psicológicas, reforçando a prorrogada estada dos filhos adultos na casa dos pais.

Além disso, Carbone e Coelho (1997) mencionam que a saída de um filho da casa dos pais também se relaciona a questões não apenas geracionais, mas também multigeracionais. Assim, aspectos inacabados e mal resolvidos com a geração mais velha serão agravados nessa fase.

A dinâmica de como foi a separação emocional dos pais quando esses adultos, agora na meia-idade, estavam na idade de seus filhos, hoje jovens adultos (repetição de padrão de 'ninho vazio'), implicando uma vivência dupla de resoluções de ambiguidades nessa fase da vida, que acaba gerando maior complexidade nas relações dessa etapa do ciclo vital (CARBONE E COELHO, 1997, p.113).

As alterações no período da maturidade, para os filhos e os pais, pode exigir uma revisão de projetos de vida e uma capacidade de se adaptar a mudanças nos campos pessoais e profissionais.

Ao adulto jovem, além da caracterização por meio da idade, há sinais de padrões de desenvolvimento que são esperados. Socialmente, ele deve buscar aperfeiçoar-se nos estudos, em prol de uma oportuna carreira ou deve estar à procura de seu grande amor. Dessa forma, sair de casa para estudar ou casar faz parte do curso esperado aos jovens adultos.

Deixar a casa dos pais em busca de autonomia, individuação ou como parte de um processo normal não parece fazer parte da nossa cultura. O filho geralmente deixa a casa dos pais segundo os estímulos externos mencionados (BERTHOUD E CERVENY, 1997).

Para tornar-se jovem adulto não é preciso estabelecer objetivos de vida pessoais relacionados a se juntar a outra pessoa para constituir família. No entanto, para que isso ocorra é preciso distanciar-se da família de origem e sabemos que esse distanciamento geralmente não ocorre de maneira tranquila, conforme descrito anteriormente.

Carbone e Coelho (1997, p. 118) nos auxiliam a finalizar essa etapa do ciclo vital familiar:

Na fase da maturidade, adultos, pais e filhos desenvolvem suas interações, organizam e desorganizam, integram e desintegram, constroem e desconstroem padrões, normas, regras, valores e crenças familiares. Preenchem lacunas de seu desenvolvimento com fatos que se perpetuam intergeracionalmente, transmitidos pelas lealdades de vínculos, afetos e sangue.

O presente capítulo buscou dialogar sobre as relações do filho adulto, que saiu e retornou ao lar parental, e seus pais ao longo do Ciclo Vital da Família. Para tanto, parti do pressuposto de que a família é lugar de reconhecimento, aprendizado, das primeiras trocas afetivo-emocionais, enfim, da construção de identidade e individuação.

Transitei principalmente entre as fases de aquisição e madura, tendo em vista a relevância das mesmas sobre o retorno dos filhos à casa parental. Busquei apresentar seus significados e suas representações possibilitando a compreensão da temática, bem como a reflexão desse conceito e suas manifestações na sociedade contemporânea.

CAPÍTULO 4 – MÉTODO

Para a caracterização do método, buscando compreender quais fatores motivam o fenômeno do retorno do filho adulto à casa dos pais, realizei uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso. Os instrumentos utilizados foram duas entrevistas semi-estruturadas, uma para filha e outra para os pais, e a construção do genograma da família. A análise do conteúdo das entrevistas foi realizada em torno de dois eixos: diferenciação e aspectos gerais das saídas e retornos do filho à casa dos pais.

4.1 Caracterização da pesquisa

Conforme mencionado acima, esse estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja metodologia compreende os processos e os significados que os participantes atribuem aos fenômenos. Denzin e Lincoln (2006, p.17) caracterizam a pesquisa qualitativa como “[...] uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem”.

O pesquisador qualitativo busca ouvir e interpretar os participantes da pesquisa em torno do fenômeno estudado, ressaltando a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, buscando a significação do fenômeno (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Assim, é permitido ao pesquisador registrar como se revelam os significados trazidos pelos participantes mediante as experiências de vida dos mesmos. “Esse método confiaria nas expressões escritas e verbais subjetivas do significado trazidas pelos indivíduos estudados como janelas que se abrem para a vida íntima dessas pessoas” (DENZIN E LINCOLN, 2006, p.33).

Ao buscar aprofundar-me na análise das informações a respeito do fenômeno que investigo, delinee a pesquisa como Estudo de Caso (STAKE, 1995). A escolha por esse delineamento se deu por evidenciar que um fenômeno é suficiente para realização de uma análise relevante e profunda acerca do tema em questão.

Segundo Stake (1995), o estudo de caso procura analisar o caso a fim de investigar o fenômeno, destacando o que é comum e ordinário, possibilitando ser compreendido em sua complexidade e especificidade. Além disso, esse autor pontua que cabe ao pesquisador buscar as diferentes experiências dos participantes a fim entender como elas são vivenciadas para cada um deles.

4.2 Participantes da pesquisa

Foram convidados a participar dessa pesquisa um casal (pai e a mãe), cuja família estivesse na fase madura do ciclo vital, e o filho adulto que tenha saído e retornado à casa parental por duas vezes, tendo em vista buscar conhecer um fenômeno que se repete. Os participantes poderiam ser de ambos os sexos e ter qualquer nacionalidade/naturalidade, estado civil e credo/religião.

O critério para estabelecer o perfil do filho foi: filho adulto que esteja ou esteve inserido no mercado de trabalho e que tenha saído da casa dos pais e retornado, no mínimo duas vezes, podendo estar, hoje, residindo ou não com eles.

Nesse estudo foi escolhida uma família que descreve por si só o fenômeno que eu quis destacar e rever. A filha adulta saiu de casa por três vezes e retornou duas para morar com os pais, caracterizando os pré-requisitos exigidos para conhecer esse fenômeno de forma mais representativa e elucidativa. Essa família é composta pelo casal e duas filhas.

Vale ressaltar que a viabilidade desse estudo foi analisada aprovada sob o Protocolo de Pesquisa nº 352/2010, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

4.3 Instrumentos

A escolha pela entrevista semi-estruturada deu-se por tratar de uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências dos participantes da pesquisa, buscando compreender a amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. Assim, conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle. Cada questão é

aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade. Já a construção do genograma deu-se para conhecer melhor os aspectos existentes entre os membros do sistema familiar. A partir das ideias de Bowen, as características emocionais de uma pessoa são o resultado também das características emocionais de seus pais, bem como do sistema familiar, mediante uma transmissão multigeracional (BOWEN, 1989). Dessa forma, a representação gráfica da estrutura familiar somada às entrevistas semi-estruturadas puderam nos fornecer dados importantes para análise de dados.

4.3.1 Entrevista semi-estruturada

Foram utilizadas na pesquisa duas entrevistas semi-estruturadas, uma para os pais (Apêndice 1) e outra para a filha (Apêndice 2). Ambas continham sete questões que visavam a obter informações das narrativas dos participantes por meio de uma conversa despretensiosa e neutra de uma realidade evidenciada dos sujeitos-objetos da pesquisa (CRUZ, 1994).

4.3.2 Genograma

O Genograma nos proporciona uma imagem gráfica de estrutura familiar com a finalidade de auxiliar no processo de autoconhecimento da família nuclear e extensa (MCGOLDRICK E GERSON, 1993). No caso dos participantes dessa pesquisa restringi-me a conhecer apenas a família nuclear com intuito de apresentar sucintamente seu contexto familiar.

4.4 Procedimento

A coleta de dados ocorreu em local e horário de acordo com a disponibilidade dos participantes e o convite para participar do estudo foi realizado por meio de contato telefônico. Neste momento, expliquei o propósito do estudo, assim como os

instrumentos a serem utilizados. Foi informado aos participantes que a participação na pesquisa não era obrigatória, que há confidencialidade dos dados coletados e que as entrevistas seriam gravadas e transcritas.

Após a explicação e aceitação da família para participar da pesquisa, foi explicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado em duas vias pelos entrevistados. Nesse documento foram reforçados os cuidados éticos da pesquisa, assim como a autorização da gravação e utilização dos dados coletados através das entrevistas. Uma cópia original do termo ficou em posse dos entrevistados.

As entrevistas foram realizadas em um único encontro, que foi agendado previamente. Vale ressaltar que as entrevistas entre o filho e seus pais foram realizadas separadamente. A aplicação ocorreu em um local adequado, de escolha do participante, onde não ocorreram interrupções.

4.5 Análise dos dados e discussão dos resultados

A compreensão dos dados obtidos deu-se a partir do uso das narrativas colhidas por meio da entrevista e da construção do Genograma. Lira et al. (2003) afirmam que a análise dos dados mediante a narrativa facilita que o pesquisador possa articular a fala do participante, proporcionando um melhor aproveitamento dos dados para se alcançar o objetivo do estudo.

A construção de um novo significado, associado aos já existentes, desenvolve um novo olhar com o auxílio das narrativas da experiência vivida pelos participantes da pesquisa.

Percorrendo o caminho proposto nessa metodologia, a análise dos dados colhidos foi dirigida qualitativamente. Como em qualquer análise qualitativa é necessário, num primeiro momento, possibilitar uma imersão nos dados obtidos, mediante a leitura do material da transcrição das gravações, em seguida relacionando-o à literatura estudada e evidenciada a partir do primeiro contato sistemático com os mesmos.

Tendo em vista as entrevistas realizadas com os participantes desse estudo, os dados foram colhidos por meio de gravações e transcrições na íntegra das entrevistas semi-estruturadas tanto com o filho adulto quanto seus pais. As

transcrições passaram por um processo de interpretação, no qual foram destacadas as narrativas, que resultaram na escolha de dois eixos para análise.

Assim, os dados foram evidenciados a partir da literatura acerca da diferenciação, das fases ciclo vital da família, a realidade da família contemporânea, direcionados aos aspectos relacionados à escolha do filho adulto de voltar à casa dos pais, bem como associados aos temas que emergiram no discurso dos participantes: história de vinculação com os pais (infância, adolescência), desenvolvimento da autonomia (projeto de vida pessoal), diferenciação, momento do ciclo vital familiar, repercussões das saídas e dos retornos.

Nesse sentido, os dados foram trabalhados a partir da análise de conteúdos que para Gomes (1994) é uma técnica que possui duas funções: verificar hipóteses/pressupostos e questões, que se define na possibilidade de encontrar respostas para as reflexões formuladas que confirmem ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação, e descobrir o que está por trás do conteúdo manifesto, buscando ir além das aparências e se preocupando com o que também é comunicado nas entrelinhas.

Portanto, para essa análise estabeleceram-se dois eixos que facilitam o processo de classificação uma vez que agrupam elementos, ideias e expressões em torno de um conceito (GOMES, 1994). Assim, de acordo com os objetivos formulados pude compreender a análise de dados a partir de dois eixos: a diferenciação e os aspectos gerais das saídas e retornos a casa dos pais, bem como conhecer como se perpetuam as relações entre os membros da família na contemporaneidade, principalmente os aspectos relacionados à escolha do filho adulto em voltar à casa dos pais.

A abordagem utilizada foi fundamentada nos pressupostos da Teoria Sistêmica Familiar, referenciada ao suporte teórico de Bowen (1989), em relação aos aspectos da diferenciação, aos conceitos de Berthoud e Cervený (1997) sob os pressupostos do Ciclo Vital da Família e aos aspectos da família contemporânea.

As informações coletadas durante as entrevistas semi-estruturadas foram subdivididas em dois eixos: o primeiro referente à diferenciação e o segundo referente aos aspectos gerais das saídas e retornos a casa dos pais. Esses eixos foram nomeados durante a análise qualitativa, de acordo com as narrativas trazidas pelos participantes e analisadas pela pesquisadora, em conformidade com a literatura contemplada.

Na descrição e discussão das narrativas, devido o compromisso ético de não expor os participantes que colaboraram com nosso trabalho, em todas as referências aos envolvidos foram utilizados **nomes fictícios**. No caso, os nomes escolhidos foram: para a filha, que saiu e retornou à casa dos pais, Sônia, a mãe, Sara, o pai, Geraldo e a filha caçula, Cibeles e P. para a pesquisadora.

Esse estudo foi conduzido por meio da análise das entrevistas semiestruturadas, utilizando critérios que atendessem ao fenômeno estudado, foi selecionada então uma família, cuja filha havia saído e retornado a casa dos pais por duas vezes. Vale ressaltar que ela trabalhava e havia adquirido recursos financeiros próprios, apenas na segunda e terceira saída da casa dos pais. Na primeira saída ela apenas estudava, logo dependia financeiramente dos pais.

Para melhor compreensão desse estudo de caso, apresentarei sucintamente um resumo da história de vida da família dos participantes.

4.5.1 Resumo da história de vida da família

A família que participou desse estudo é composta pelos pais: Sr. Geraldo, 62 anos, Sra. Sara, 57 anos, e duas filhas: a primogênita, Sônia, 32 anos, participante da entrevista, e a caçula, Cibeles, 29 anos. Atualmente, ambas trabalham e não residem mais com os pais.

A família reside em uma cidade de porte médio voltada para o ramo industrial, considerando o contexto econômico, a família pertence à classe média. O pai sempre foi o único provedor, trabalhador de uma empresa de grande porte na cidade. A mãe voltou-se aos cuidados da casa e à educação das filhas.

O pai veio para essa cidade quando jovem, após finalizar a Faculdade de Letras, para trabalhar como tradutor. Poucos anos depois trouxe sua esposa, que conseguiu emprego na mesma empresa. Dois anos mais tarde o casal casou-se e permaneceu na mesma cidade, onde teve a primeira filha, após dois anos de casados. Cabe pontuar que a família de origem de ambos é de uma cidade do interior do Estado, a aproximadamente 400 km de distância da capital.

Quanto ao fenômeno estudado irei direto para a fase das idas e vindas ao lar parental, que foi relatada pela família. Assim, a primogênita saiu de casa pela primeira vez para fazer faculdade, aos dezoito anos. Ao final do curso de graduação,

com durabilidade de cinco anos, retornou a casa dos pais. Nesse momento ela não trabalhava, então estudava para prestar concurso público e fazia pós-graduação com o auxílio financeiro dos pais. Num segundo momento, passou em um concurso da aeronáutica. Logo deixou o lar parental e morou mais três anos fora, nessa fase ela possuía recursos financeiros próprios. Contudo, optou por demitir-se do trabalho e retornar a casa dos pais novamente. Posteriormente, morou com a família durante quatro anos. Nesse período conseguiu um trabalho remunerado em uma empresa, dois anos depois optou por sair da empresa e trabalhar como autônoma. Nesse momento conseguiu um emprego de meio período, vinte horas semanais, conseguindo conciliar com os horários da função que exercia como autônoma, o que faz até hoje. Por fim, em maio de 2011, decidiu sair da casa dos pais novamente e foi morar com a irmã mais nova. A irmã mais nova, por sua vez, saiu de casa duas vezes, a primeira para fazer faculdade, e na segunda, há um ano, para se casar, contudo não deu certo. Então voltou a morar com os pais, dois meses depois. Por fim, junto à irmã, decidiu por morarem juntas no apartamento que adquiriu com a anulação do casamento.

4.5.2 Genograma

A seguir caracterizarei a família por meio do Genograma, a Figura 1 ilustra o relato apresentado anteriormente, sendo que a Figura 2 apresenta as relações emocionais dessa mesma família.

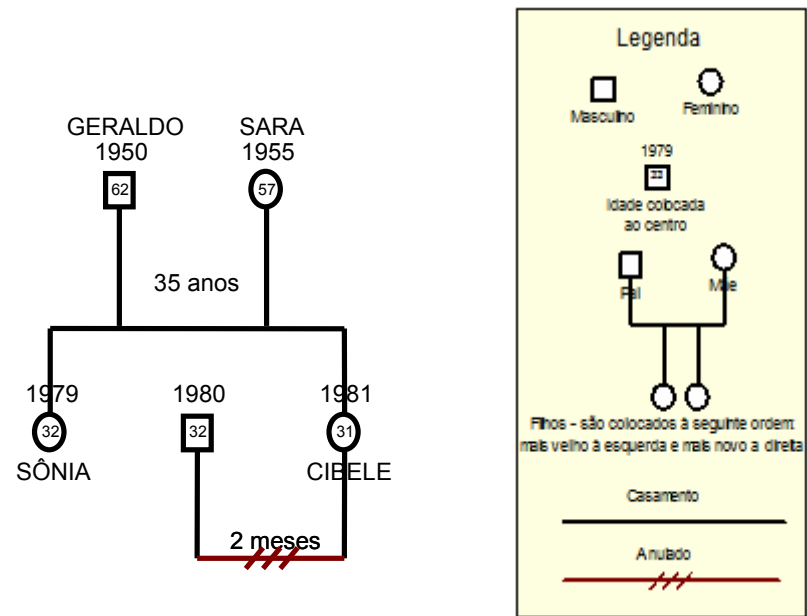


Figura 1 – Genograma da família de Sônia

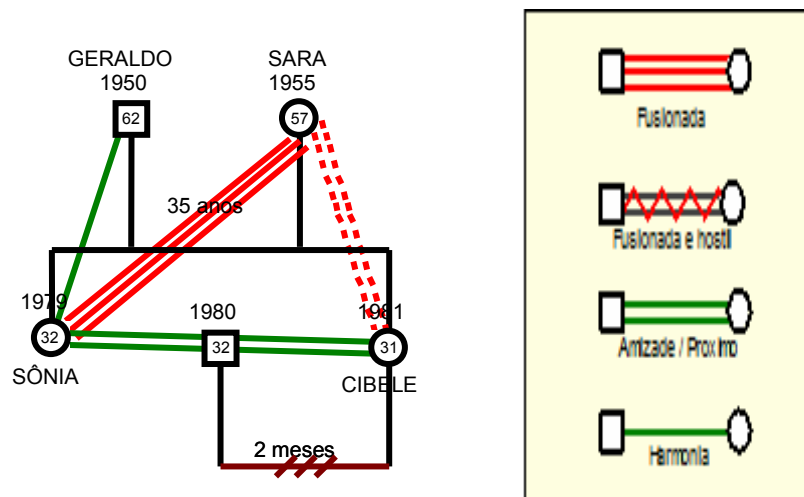


Figura 2 – Genograma do relacionamento emocional da família de Sônia

4.5.3 Eixos

Para análise das entrevistas estabeleci dois eixos, escolhidos de acordo com os objetivos formulados: a diferenciação e os aspectos gerais das saídas e retornos a casa dos pais.

4.5.4 Diferenciação

O conceito da diferenciação foi trabalhado junto às falas dos pais e da filha uma vez que o processo de diferenciação acontece na família de origem (BOWEN, 1989).

Esse conceito refere-se à identidade e a individualidade da pessoa, definindo-as segundo o nível de fusão ou diferenciação que adquiriram em relação à família de origem ao longo da vida, portanto quanto mais diferenciada é a pessoa, menor é seu grau de fusão e maior é sua capacidade de espontaneidade, autonomia e expressão de emoções. Em contrapartida, a pessoa menos diferenciada, possui grau de fusão maior, tem menos autonomia e é mais dependente emocionalmente dos outros (BOWEN, 1989).

Partindo desse pressuposto, elencarei alguns momentos da história de vida dos participantes que apontam para essa direção.

Sônia narra os sentimentos oriundos da primeira saída da casa dos pais:

“[...] ‘só que na época eu não sabia que eu tinha tanto medo de sair de casa, porque eu achava que era o que eu mais queria, eu estava louca para ir para faculdade e tal. Só que eu vi, um pouco antes de eu passar, de sair o resultado, me deu uma crise de choro, que eu não queria mais nada: ‘Nossa como vai ser quando eu sair?’ Fiquei com muito medo, mas eu sempre fui muito de engolir, assim, sabe, engole o choro [risos] e aí, ainda mais naquela época, eu não tinha consciência assim, aí, bobeira, daí eu fui.”

“[...] sabe, que hoje eu também sei que era o meu medo de ficar sozinha”.

Sônia relata a insegurança da segunda saída da casa dos pais:

“[...] Então, em Curitiba eu sofri demais, não dá nem pra saber, se era por causa da cidade, porque o que eu estava vivendo lá. Pra mim era horróroso, então, eu ligava muito chorando, sabe, era desesperador, nunca tinha sentido aquela angústia”.

Penso que essa insegurança e medo de ficar longe dos pais relacionam-se à dificuldade de diferenciação entre a filha e os membros da família de origem (BOWEN, 1989).

Da mesma forma Sônia demonstra insegurança por ocasião da readaptação à casa dos pais, após retornar da faculdade. Inicialmente, a jovem adulta sentia-se insatisfeita na casa dos pais, logo tentou conseguir emprego para sair novamente, contudo ela retrata por intermédio de sua fala alguns elementos que denotam o desejo de permanecer no lar parental:

“[...] Aí eu acabei, comecei a prestar concurso aqui por perto, até aparecer o concurso da aeronáutica e daí foi o que deu certo e eu tinha que ir, eu até queria ficar na época, porque aí você se readapta, você encontra os seus amigos antigos, né?, e eu sempre fui muito apegada à família mesmo, mas também eu fiquei feliz de sair, assim, quando eu prestei o concurso eu fiquei feliz de sair”.

Em relação aos pais, na eminência de deixar a filha sair de casa, Sra. Sara demonstra dificuldade:

“[...] mas eu me senti tão vazia, tão vazia, eu falava: “Ai Meu Deus, elas resolveram sair”. [...] “Mas eu sinto muita falta delas em casa, mas eu já melhorei bem”.

Rosen, Ackerman; Zosky (2002) confirmam na literatura que a forte proximidade entre os membros da família torna mais difícil a saída dos filhos do lar parental.

Essa afirmação das autoras é percebida na fala da Sra. Sara, que demonstra a dificuldade em permitir que a filha vá:

“... já ia sair, eu rezava: “ai tomara que ela não saia”, [risos], sabe aquela coisa? Ah, não, não pelo amor de Deus já não. [risos] Uma saiu deixa a outra quietinha”.

Bem como a satisfação com o retorno de Sônia à sua casa:

“[...] depois eu senti isso, mas eu sentia, eu, ela se sentia assim, que atrapalhava, mas eu gostei de ela ter voltado, apesar de todas essas coisas, que ficou pequeno o apartamento pra muita gente, e assim, não sentir mais a vontade”.

O trecho acima pode ser relacionado às reflexões de Figueiredo (2008) sobre a complementaridade existente nas figuras parentais, que é representada mediante o apego excessivo e dependência dos filhos. Segundo a autora, o sentimento dos pais refere-se ao medo de se sentirem sozinhos, o que acaba contribuindo e dificultando aos filhos atingir um maior grau de diferenciação. Com isso, acabam gerando um empecilho para que eles deixem a casa paterna.

Esse aspecto pode gerar um sentimento de ambiguidade entre o desejo de ficar longe dos pais e querer voltar pra perto deles. Sônia narra:

“[...] foi uma fase estranha, assim, porque parecia que quando eu estava lá, parecia que eu queria estar aqui, e quando eu estava aqui, parecia que eu queria estar lá. Ficava perdida...”

“Isso, isso, então, eu tinha que vir, sabe assim, não gostava de ficar muito tempo sem, mesmo gostando, mesmo tendo amizades, né?”.

Além disso, de acordo com Figueiredo (2008), institui-se uma circularidade no sistema familiar, proveniente dessa complementaridade entre pais e filhos. O filho por sua vez não consegue deixar os pais por temor a fazê-los sofrer, sentirem solidão e até perderem a função materna e paterna que exerceram ao longo da vida.

Baseando-me nessa última afirmação, e no relato da Sra. Sara, que sempre cuidou do lar, deixando de trabalhar em prol da família, penso que o que tenha ocorrido com essa mãe foi o paulatino esvaziamento da função materna, o que a faz, posteriormente, manifestar dificuldade em ficar sem a função que desempenhou a vida toda:

“[...] não que vou falar preencher meu tempo, porque eu que cuido de tudo, então é muita coisa pra fazer, mas não basta, porque falta a presença delas aqui”.

“Eu já estou acostumada assim de fazer, então, tudo diminuiu, eu vou fazer almoço é pouca coisa, eu vou fazer um lanche da tarde é só para o Geraldo e pra mim, então, é assim, eu sinto essa falta, eu sinto muita falta, dessa parte, delas em casa”.

Em outro de seus depoimentos, Sra. Sara que nos aponta sobre seu pensamento de tranquilidade quando as filhas estão próximas, em casa:

“Aí eu falei bom, agora, estamos com as duas ai de novo, bom, agora, aquele sentido assim, eu estou mais tranquila, porque mãe acha assim: se está vendo os filhos, então acha que está tranquilo...”.

Outro aspecto que me chamou atenção foi que a questão do ir e vir refere-se à manutenção do vínculo, tanto por parte da filha quanto dos pais, mesmo após sair da casa parental pela terceira vez. Sr. Geraldo narra suas preocupações e contatos constantes com a filha que morava fora.

P: Com que frequência vocês se falavam quando ela estava longe?

“Bastante, frequentemente, pelo telefone ou por carta, bilhetes e tal, era bem frequente sim”.

P: Vocês se encontravam também?

“Também, sim, sempre que possível, sempre que ela pegava uma carona, qualquer coisa e depois ela comprou o carro e ficou mais fácil”.

P: E a família ia ao encontro dela?

“Também, também, íamos muito. Tanto na época da faculdade como lá, em, na academia, em Santos, a gente foi varias vezes, até dormimos lá, chegamos a ficar num hotel no trânsito”.

Sra. Sara acrescenta:

“Eu ligava, assim não todos os dias, mas sabe quando a gente conversa e daí ela falava aí eu vou ter que fazer e eu tomo cuidado na estrada, e ela nunca gostou que eu fiquei pegando no pé dela. Eu parei com isso, lógico porque aquelas coisas de mãe, assim, muito preocupada”.

Nesse sentido, posso citar o processo de projeção familiar, que é um processo mediante o qual a indiferenciação dos pais é projetada ou transmitida a um ou mais filhos. Esse processo geralmente parte da ansiedade materna devido a seu grau de apego emocional, que acaba sendo correspondido pelo filho. Assim, a mãe mediante esse processo permite baixar sua ansiedade centrando-se em um filho. O pai por sua vez desempenha um papel de apoio nesse processo (BOWEN, 1989).

Penso que também consegui evidenciar a questão da manutenção do vínculo na última saída. Tanto a filha, participante da pesquisa, quanto sua irmã, que foram morar juntas, fora da casa dos pais, deixaram os quartos no lar parental da mesma forma como era anteriormente, inclusive dormem na casa dos pais, almoçam ou tomam lanche da tarde diariamente. Sra. Sara confirma:

“[...] Então, quando eu entrava no quarto, agora eu já me acostumei porque as camas estão aí, porque às vezes elas vem aqui de final de semana ficam aí, às vezes vão embora, às vezes não, mas os armários vazios. Então realmente é difícil...tem dia que elas vem almoçar, tem dias que vem tomar um lanche, final de semana é sagrado”.

Mesmo após a terceira saída, a casa dos pais parece ser uma extensão da casa de Sônia, ainda denotando esse apego e manutenção do vínculo.

Sra. Sara fala sobre a falta que sente da filha quando ela fica alguns dias sem aparecer:

“[...] Falta ainda, sabe, e o dia que não vem, que nem hoje, veio a Sônia almoçar, tem dia que elas vêm almoçar, tem dias que vêm tomar um lanche, final de semana é sagrado, mas durante a semana parece que fica uma eternidade”.

Sr. Geraldo também faz a mesma afirmação, em relação à última saída (terceira):

“[...] Saiu, mas não saiu. Porque ela vem, elas vêm praticamente todo dia almoçar ou até dormir às vezes aqui. Então foi um arranjo interessante pra todas as partes”.

Nichols e Schwartz (2007) fazem menção ao processo de projeção, em que o marido pode relacionar-se de maneira distante da esposa, que por sua vez, concentra-se e apega-se aos filhos. Esse apego geralmente é ansioso e, normalmente, dirige-se a um filho específico.

O distanciamento do marido pode ser percebido por intermédio da fala de Sra. Sara:

“[...] E o Geraldo gosta, ele é muito quieto, meu marido, quando ele chega do trabalho ele vai fazer as atividades físicas dele, todos os dias, porque ele também tem esse hábito, mas depois ele gosta assim ou de ler ou com a gente, assim, fica junto”.

Ao relacionar a posição que essa filha possui no sistema familiar, diante das narrativas encontradas, posso reportar-me ao pensamento de Nichols e Schwartz (2007) que apontam sobre a ansiedade dos pais canalizada no(s) filho (s). O filho eleito que receberá uma ansiedade maior será menos capaz de regular sua própria emotividade e se tornar uma pessoa madura. Já, quanto menos ansiedade for canalizada nos filhos, mais eles poderão crescer de forma autônoma, com maior diferenciação do que os pais.

Essa ansiedade pode ser imposta por meio da imposição de suas preocupações aos filhos, deixando a eles pouca escolha além de se conformar. Assim, ao invés de aprenderem a pensar por si mesmos, eles funcionam em reação aos outros (NICHOLS E SCHWARTZ, 2007).

Novamente, com o auxílio da seguinte fala da mãe que segue, posso inferir que o excesso de zelo, apesar de ser administrado melhor por ela hoje, acrescido ao desejo da filha de retornar à sua casa, podem ter dificultar a saída da jovem adulta, sendo que de alguma forma ela reage a esse sentimento:

“[...] Mas assim, eu ainda passo e-mail para a Sônia, mensagem, se está tudo bem, mas não todo dia, mas já aceitei mais, já, a minha vontade é que elas voltem pra cá, não aqui em casa, morar aqui no apartamento, porque agora eu sei que as duas vai ser difícil voltar, porque cada uma já se estabeleceu com suas coisas, seus costumes, por exemplo, cada uma quer ter seu quarto, é, tudo, né, ter sua casa mesmo, né?”

Portanto, acredito que as preocupações exacerbadas, ou o cuidado excessivo para com os filhos são, na realidade, uma dificuldade dos pais em se diferenciar ou permitir a diferenciação dos filhos. Sr. Geraldo fala:

“[...] Bom, a gente até torcia que ela voltasse porque a gente estava preocupado que ela estava voando por aí...ela pegava carona nos aviões militares pra todo que é lado no Brasil e aquilo não era muito, não deixava a gente muito tranquilo, então a gente até torcia que ela voltasse e foi ótimo, pra nos foi bom, então, a gente não esperava que ela voltasse tão logo, mas achou bom que tenha voltado”.

P: Então como o senhor considerou o retorno?

“Positivo, com certeza”.

Bowen (1989) relata sobre essa cumplicidade implícita estabelecida no sistema familiar. Cervený; Berthoud (1997) também fazem referência a famílias que não favorecem a individuação de seus filhos de forma apropriada, assim acabam reforçando sua dependência emocional, não os libertando, controlando-os e exercendo uma relação de superproteção.

Mais um aspecto evidenciado na literatura da diferenciação que emergiu na fala dos participantes refere-se à identidade emocional aglutinada ou a massa indiferenciada do eu familiar existente em cada família Bowen (1989). Nesse aspecto algumas falas referem-se à mãe:

“E, bom, aí nossa família se uniu mais ainda, porque a gente aqui é unido nessa parte assim, de dividir os problemas, de se apoiar, sabe?”

A filha confirma tal afirmação da mãe:

“Também, principalmente emocional, também físico, mas principalmente emocional, assim, aqui a gente é muito assim [fez um gesto unindo as mãos]...hoje eu estava na terapia e ela disse “mistureba”, porque é assim que eu sinto, a gente é muito assim. Então, minha mãe sabe o que eu faço, o que minha irmã faz, eu sei onde meu pai está, sabe? É tudo muito junto, de um jeito que faz mal, sabe, e aí eu comecei a sentir aquilo, e eu precisava sair de novo, cuidar da minha vida, sabe, eu precisava botar um rumo na minha vida, sabe, vai ficar assim todo mundo junto até quando? Esse bloco, sabe assim”.

Segundo Bowen (1989) a intensidade da aglutinação para cada membro da família depende do nível de compromisso pré-estabelecido na massa do eu familiar e há um processo para se libertar parcialmente da aglutinação emocional da própria família. O termo libertar-se refere à análise feita sobre o próprio papel da pessoa como um participante ativo no sistema de relacionamentos.

Concordo com Bowen (1989) na fala acima de Sônia, que percebe essa união e a percebe como negativa, sentindo necessidade de sair novamente da casa dos pais e/ou desse emaranhado pela terceira vez como ela pontuará:

“[...] o que aconteceu por conta da minha irmã ter voltado, aí teve um dia que me deu um estalo, porque aí, eu estava por aqui, cheia, de estar em casa, porque com a volta da minha irmã piorou. Isso também, porque, assim, minha irmã saiu, a casa se ajustou, minha irmã voltou, parece que a casa ficou aquele monte de gente de novo sabe assim, de novo eu não tinha espaço, e aquilo foi crescendo e foi crescendo”.

Dessa forma, parece-me que houve uma pequena diferenciação devido às idas e vindas à casa dos pais, o que gerou determinado amadurecimento de Sônia, bem como de seus pais, principalmente de sua mãe em relação ao apego excessivo entre elas. Nesse sentido, Sônia manifesta sua percepção atual:

“[...] Às vezes eu fico irritada, às vezes eu fico irritada, assim, às vezes eu fico, ah, essas coisas de cobrar: ‘Porque minha mãe não me empurrou mais para o mundo? Eu sofro tanto por causa disso’. Essas minhas inseguranças mesmo, eu acho que é muito disso de ter sido criada muito assim, sabe? Protegida, é e muitas vezes eu fico porque que não me ajuda.

P: E você sente que é só da sua mãe ou do seu pai também?

“Ah, dos dois, dos dois, com certeza. Os dois...”.

No caso de Sônia, percebo que houve um processo para que ela conseguisse se diferenciar, que é evidenciada pelas saídas e retornos a casa dos pais. Contudo, mesmo nessa terceira saída, ela mantém um vínculo com a casa parental que é estabelecido pela rotina quase que diária em frequentar o ambiente e encontrá-los: de dormir, almoçar e lanchar com eles.

Bowen (1989) pontua que em relação à família e seus membros, o grau de vinculação emocional mal resolvido equivale ao grau de indiferenciação da pessoa. Quanto mais baixo é o nível de diferenciação, mais forte é o vínculo emocional não resolvido com os pais, mais intenso são os mecanismos para enfrentar a indiferenciação.

Nesse sentido Bowen (1989) aponta que a pessoa indiferenciada é guiada pela emotividade e tende a depender do pensamento dos outros, não quer magoá-los. Sônia relata:

“Hum, eu acho que não teve, não teve porque, assim, eu sempre fui muito assim também: filha obediente, sabe? Tem que, aí, na verdade nem pensava, o esquema é esse eu tenho que me adaptar, sabe assim?”

Além disso, a pessoa indiferenciada geralmente possui uma proximidade patológica com um ou mais membros da família, o que gera um apego ansioso entre eles, tornando-os prisioneiros emocionais, resultando em relacionamentos fundidos que levam à falta de autonomia pessoal, bem como dependência uns dos outros (NICHOLS E SCHWARTZ, 2007).

Assim, tanto a filha quanto a mãe demonstram essa relação fundida referindo-se a algumas situações em que sofria pela ausência da filha:

“Mas tem aquela coisa de mãe, aquele aperto no coração, aquela coisa de cortar, aí foi ruim”.

“Nossa, foi uma luta, aí entrou um outro tipo de preocupação, em mim, porque eu falei agora eu sei que ela vai, não vai voltar mais...”

Já Sônia percebe as afirmações feitas pela mãe em prol de sua presença em casa, com os freqüentes convites para que permaneça ali:

“E eles, minha mãe, vira e mexe fala: “Dorme aqui hoje”.

Sobre a questão do aprisionamento emocional, Silveira e Wagner (2006) apontam que em alguns casos há dependência dos filhos pela mãe, pai ou até ambos, revelando uma confusão de papéis familiares e fronteiras difusas entre os seus membros.

Sônia também demonstra sentimentos de apego em relação à mãe:

“Ai até teve um dia que eu estava tomando café de manhã antes de ir para faculdade e eu derrubei um copo, que era um copo que minha mãe tinha comprado, ah, eu derrubei o copo que minha mãe tinha dado, eu comecei a chorar porque era o copo que minha mãe tinha dado”.

P: Com que frequência vocês se falam?

“Ah, todos os dias [risos] então, você vê”.

P: E parte de quem?

“Com certeza de mim e da minha irmã. Porque minha irmã vem almoçar aqui todos os dias, eu assim, quase todo dia eu passo aqui para tomar café, à noite, sabe assim, quase todo final de semana a gente dorme aqui, porque a gente não faz nada lá, então a gente vem sai aqui e fica aqui, sabe assim. Eu gosto também de ficar aqui, mas também gosto de ter o meu canto, sabe. É, mas eu acho que foi mais assim, quando eu digo que valeu pena mais no sentido de eu ter amadurecido, de cuidar das minhas coisas de novo, né, de ter as responsabilidades mesmo”.

Conforme definido por Macedo (1994) a família é constituída pela relação entre seus membros, influenciando uns aos outros de forma contínua, recursiva, complexa e imprevisível.

Cervený (1994) confirma que, na família o comportamento de cada um dos membros do grupo familiar é interdependente do comportamento do outro, logo, “[...] o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas” (CERVENÝ, 1994, p. 31).

O que é evidenciado no diálogo abaixo entre a Sra. Sara e a pesquisadora, apontando sua colaboração ou não em relação às saídas da filha:

“Pra ela sair, eu colaborei, eu colaborei.”

P: E com o retorno?

“Também [risos], eu colaborei no sentido, assim, eu achei bom ela ter voltado já que ela não estava feliz com essa parte, né? Foi o que eu falei, eu favoreci para ela ir e para ela voltar”.

P: De que lado?

“Da presença dela aqui em casa, de ter voltado para o lar, mas não do lado profissional. Porque o lado profissional, eu não queria que ela deixasse, mas queria que ela estivesse aqui.”

Além disso, há entre os membros da família uma circularidade na dinâmica ou estrutura familiar que configura a maneira como as pessoas dessa família se relacionam, definindo papéis e funções dentro da dinâmica estabelecida nesse sistema, que pode ser de intensa proximidade, dificultando a saída dos filhos do lar parental (FIGUEIREDO, 2008; SILVEIRA e WAGNER, 2006).

Nesse aspecto, posso inferir da fala do pai que o mesmo está sempre pronto para receber a filha de volta. Sob esse prisma, me questiono: Seria apenas uma maneira acolhedora de agir ou posso sugerir uma dificuldade de se separar dos filhos, bem como dificultar a diferenciação dos membros da família?

Penso que ao demonstrar alguns aspectos estabelecidos nesse sistema familiar, posso representá-lo com as seguintes palavras “as portas estão sempre abertas”, extraídas do próprio depoimento do pai ao me perguntar: “Você já viu a

placa que ela me trouxe da Itália? Refugio de papai, um lugar quente, seguro, para fazermos sempre uma pausa. Aconselho visitas numerosas e frequentes”.

Essa placa, ou essa postura levam-me a refletir sobre o fato de que existem forças emocionais que se instituem nas relações entre os membros da família constituindo a dinâmica familiar daquele sistema. Assim, o valor atribuído ao *self* dos membros dessa família é conferido por meio dessa união, resultando em viver juntos e responsabilizarem-se uns pelos outros. Bowen (1989, p.211) exemplifica: “[...] caso o outro não esteja feliz, as forças da união fazem o indivíduo sentir-se culpado”.

Essa união pode ser percebida na fala da mãe de Sônia, que se refere à filha como sendo sempre solidária e preocupada em ajudá-los nos problemas da família:

“Depois veio toda aquela decepção, a Sônia ficou mantendo e me apoiando e assim me ajudando muito, ela foi muito solidária com tudo o que nós vivemos aqui, que não foi fácil”.

“A Sônia mais uma vez com a solidariedade dela foi morar com a Cibebe, pra apoiá-la e para poder fazer, levantar de tudo, por que a Cibebe, eu acho, não teria coragem de ir morar sozinha, no apartamento dela”.

Caso um membro de uma família indiferenciada busque sua diferenciação as forças da união o tratarão como se essa pessoa se comportasse de forma egoísta e hostil. Essas forças existentes no sistema familiar buscam o equilíbrio que já foi estabelecido anteriormente (BOWEN, 1989).

Acredito que posso sugerir que esse processo aparece nas saídas e retornos que trazem a filha de volta ao lar paterno, é possível que isso ocorra com o intuito de restabelecer o equilíbrio pré-estabelecido naquele sistema. Talvez, decorra daí a dificuldade de Sônia em simplesmente ir, pois algo sempre a trazia de volta. Ela relata sobre a insegurança que sentia ao ficar longe dos pais:

“Sim, está tudo engrenado, só eu sempre ficava com isso, eu não vou dar conta. Que eu acho que era o que eu sentia em Santos, mas como eu não dava conta? Como se eu não tivesse amigo, como se eu não tivesse família, tem pra quem ligar, mas é um medo assim, como vou dizer, é um medo irracional”.

Existindo qualquer movimento em direção à diferenciação, haverá automaticamente uma tentativa de resgate da dinâmica do sistema familiar anterior

(BOWEN, 1989). Esse aspecto pode ser observado na insegurança e sofrimento que a mãe sentia devido a distância física da filha:

“O sofrimento era aquela saudade, um medo, medo, principalmente, será que ela vai saber se virar sozinha? Será que não vai acontecer nada?”

Sra. Sara também chama minha atenção, sobre esse fator, o do restabelecimento da dinâmica familiar. Isso evidencia-se no fato dela não conversar com filha motivando-a ou fortalecendo-a para permanecer em Santos, no emprego que possuía na aeronáutica:

P: Na hora dela tomar decisão (sobre retornar para casa pela segunda vez e sair do emprego da aeronáutica) você não opinou?

“Não, não opinei, deixa”.

Entretanto, quando a pessoa diferenciada segue em frente sem se defender ou contra-atacar, a reação emocional será breve e o outro, bem como o sistema familiar, expressarão apreciação (BOWEN, 1989). Esse fenômeno aparece, inclusive, no quanto a própria mãe aprendeu com esse esforço da filha em tentar afastar-se nessas saídas:

“E eu aprendi muito com a Sônia, muito, muito, gozado, né, em vez de filho aprender com a mãe, eu aprendi muito com ela... A ser mais firme nas minhas ideias, a crescer mais, a pensar mais em mim, no sentido de não ficar preocupada no que vão falar ou deixar de falar, mas assim ver o meu lado, sentir-se bem, e também acreditar mais, confiar mais.”

P: E você acha que esse processo está relacionado às saídas e retornos?

“Sim, então, porque eu ficava e a Sônia me passa muito exemplo bom, de pessoa que quer, de força, sabe, porque aqui em casa somos só, nós não temos parentes aqui, então eu sempre criei as meninas sozinhas porque nossas famílias são tudo de fora.”

Após as duas saídas e retornos, a mãe consegue aceitar um pouco mais e até consentir que a filha vá embora e concretize a terceira saída de casa:

“Ah, ah, agora, não é que perdi, não se fala perdeu, eu falava eu tenho que aprender a aceitar isso, e porque eu já estava um pouquinho mais madura, assim, mais firme, assim, no meu modo de ver. Porque entender que o filho não é para a mãe, é para o mundo mesmo. Aí entendi, essa parte, aprendi muito com isso, sabe.”

Nesse sentido, penso que as experiências das idas e vindas da filha à casa dos pais, foram importantes para que, a mãe, a filha e/ou, até, o sistema familiar conseguissem libertá-la, permitindo que saísse e cuidasse da própria vida, enfim, diferenciar-se.

Bowen (1989) discorre sobre os ciclos alternados entre proximidade e distância existente no relacionamento entre mãe e filhos, gerando uma alternância entre separação e ansiedade de incorporação nessa dinâmica existente entre ambas.

Ao me basear nessa afirmação de Bowen, acredito que ambas precisaram dessas saídas e retornos, ou seja, desse distanciamento e proximidade para conseguirem separar-se. Sônia relata sobre o tempo que precisou para se diferenciar ou amadurecer, o que se deu apenas na terceira saída:

“Isso e agora eu sinto que eu saí por escolha, não foi por faculdade, porque eu passei num concurso e era lá em outro lugar, não: eu sei porque eu quis ter a minha casa”.

Bowen (1989, p.99) define: “Penso que o nível de diferenciação de uma pessoa está determinado pelo momento em que abandona a família parental e pretende viver sua vida”.

Sônia acrescenta:

“E hoje eu sinto que é uma escolha estar aqui (em sua própria casa). Mas todo esse tempo você viu que eu não sabia, eu ia e voltava, não sabia direito, e as circunstâncias me levavam para algum lugar, hoje, que eu acho que eu tô mais firme”.

Esse relato corrobora com a afirmativa de Carter e McGoldrick (1995) que consideram importante que o jovem adulto consiga diferenciar-se da família de origem de maneira saudável, tranquila, para que possa, então, estabelecer objetivos

peçoais antes de formar um novo subsistema familiar. Sra. Sara pontua sobre o amadurecimento ou diferenciação adquirido pela filha devido as saídas e retornos de casa:

“No sentido assim de amadurecimento? Ah, nossa cem por cento”.

Outro aspecto interessante relacionado ao momento da diferenciação anteriormente apontado, somado a um fator da realidade contemporânea, é que o lar parental tornou-se, em muitos casos, um porto seguro. Henriques, Ferés-Carneiro e Magalhães (2006) pontuam que os jovens adultos demoram mais para deixar a casa dos pais, pois têm que abrir mão da comodidade e conforto oferecidos por eles.

Pude constatar a veracidade dessa afirmação das autoras na seguinte fala de Sônia:

“[...] mas pra mim, foi crucial, me fez muito bem, mesmo indo morar em Atibaia que é um horror, sabe assim, eu não gosto de nada em Atibaia, não gosto de pegar estrada, tudo lá, é muito diferente, mas assim, mesmo abrindo mão vamos dizer de uma coisa melhor, porque aqui eu to muito bem instalada, tudo fácil, não sei o que, mas mesmo assim valeu a pena, sabe”.

Sra. Sara reforça a afirmação de Sônia em relação às portas da casa paterna sempre abertas:

“[...] porque ela sempre achou um porto seguro aqui em casa, mesmo ela tomando a decisão que ela que tomou, mas ela sempre sabia que ela tinha onde voltar, e que ela ia ser bem recebida, né”.

Portanto, na família estudada, pude observar uma forte ligação emocional entre seus membros, bem como uma preocupação ansiosa em torno dos filhos. A cada tentativa de sair e a cada retorno pareceu-me que houve uma tentativa da filha de buscar diferenciar-se dos membros da família. Atualmente, foi atingido um nível maior de diferenciação, contudo alguns elos continuam fortemente enraizados nesse sistema, que é evidenciado a partir das visitas diárias da filha ao lar parental ainda hoje. Contudo, há maiores evidências sublineares na maneira como os pais e a filha relacionam-se.

4.5.5 Aspectos gerais das saídas e retornos dos filhos a casa dos pais

a) Percepções da filha sobre as saídas da casa dos pais

A primeira saída:

A seguir, relato os sentimentos de insegurança e medo, que emergiram na jovem ao se deparar com a primeira saída da casa dos pais, retomando uma fala que já utilizei quando abordei o processo de diferenciação, utilizo-a agora sob a perspectiva dos sentimentos que emergiram numa primeira separação dos pais:

“Então, a primeira foi para fazer faculdade, só que na época eu não sabia que eu tinha tanto medo de sair de casa, porque eu achava que era o que eu mais queria, eu estava louca para ir para faculdade e tal. Só que eu vi, um pouco antes de eu passar, de sair o resultado, me deu uma crise de choro, que eu não queria mais nada: “Nossa como vai ser quando eu sair?” Fiquei com muito medo, mas eu sempre fui muito de engolir, assim, sabe, engole o choro [risos] e aí, ainda mais naquela época, eu não tinha consciência assim, aí, bobeira, daí eu fui.”

A insegurança de ficar longe dos pais é relatada pela jovem numa transposição do medo exacerbado por lagartixas:

“[...] tal, e aí, é muito engraçado, como que aparece, porque eu tenho muito medo de lagartixa e a casa tinha um monte de lagartixa [risos]. Todo dia eu chegava e dava de cara com uma [Risos]. Aí, eu, aquilo do medo assim, que eu tenho medo tal, mas ah, paciência, né, aquilo virou um pavor assim, sabe, que hoje eu também sei que era o meu medo de ficar sozinha. Aí até teve um dia que eu estava tomando café de manhã antes de ir para faculdade e eu derrubei um copo, que era um copo que minha mãe tinha comprado, ah, eu derrubei o copo que minha mãe tinha dado, eu comecei a chorar porque era o copo que minha mãe tinha dado”.

Ao sair de casa, a dependência dos cuidados entre mãe e filha é demonstrada na seguinte fala:

“Eu achava que eu queria morar sozinha, não vou morar em república, e aí eu fui morar sozinha, numa edícula atrás da casa de um casal de idosos. Era um lugar tranquilo, o bairro era bom, aí minha mãe foi ajeitou tudo bonitinho, comprou as coisas diferentes”.

A filha menciona uma grande necessidade de voltar, sempre, que podia, para casa dos pais:

“Daí eu fiquei um mês, mas no final de semana eu ficava desesperada para voltar. Eu gostei da faculdade, gostei muito mais do que eu imaginei, fiz amizade logo, assim, mas eu tinha pavor de ficar naquela casa”.

P: Você diz ficar muito tempo longe da família?

Isso, isso, então, eu tinha que vir, sabe assim, não gostava de ficar muito tempo sem, mesmo gostando, mesmo tendo amizades, né?”

A segunda saída:

A segunda saída da casa paterna deu-se porque Sônia passou em um concurso público, na Aeronáutica. Novamente ela relata sobre os sentimentos de muita dificuldade e insegurança, talvez mais fortes que na primeira vez:

“Então, em Curitiba foi bem difícil porque eu detestava o treinamento, não tinha nada a ver comigo. E eu fui bem de supetão, assim, não tinha idéia do que era. Então, em Curitiba eu sofri demais, não dá nem pra saber, se era por causa da cidade, porque o que eu estava vivendo lá. Pra mim era horrível, então, eu ligava muito chorando, sabe, era desesperador, nunca tinha sentido aquela angústia”.

Sentimentos ambíguos da filha que oscilavam entre o ir e vir:

“[...] foi uma fase estranha, assim, porque parecia que quando eu estava lá, parecia que eu queria estar aqui, e quando eu estava aqui, parecia que eu queria estar lá. Ficava perdida tinha muita coisa, eu gostava muito do meu trabalho lá, tirando a parte militar”.

Já num segundo momento a filha narrou sentimentos positivos, mais adaptáveis a realidade que se encontrava:

“[...] aí eu me surpreendi, porque, aí, foi vida mesmo...Eu senti um pouco o que eu sentia em Sorocaba: que gostoso cuidar das minhas coisas, né, cuidar da vida assim”.

Sônia fala sobre a necessidade intensa de se encontrar com a família, ou ela viajava até a casa dos pais ou eles iam visitá-la, mesmo na segunda vez que morava sozinha:

“Mas aí, assim, tinha fases que eu ficava bem, tinha fases que eu me sentia muito sozinha, e eles iam muito pra lá, meu pai e minha mãe, então tinha algum evento eles iam ou eu vinha pra cá também. E aí era até mais fácil porque eu tinha carro, então eu vinha quando eu quisesse”.

A terceira saída:

Nesse momento Sônia e sua irmã moravam com os pais e devido à oportunidade que surgiu relacionada ao divórcio de Cibele, somado a melhora no aspecto financeiro de Sônia, e ao desejo de morar sozinha, ela conversou com a irmã e, então, ambas decidiram sair da casa dos pais:

“Aí eu falei, a minha irmã tem um apartamento em Jacaré que ela comprou quando ela casou e eu falei assim: “Cibele se eu voltar para o cursinho, que eles ficaram de me dar uma resposta, se eu voltar você deixa eu pagar um valor simbólico e morar na sua casa?”. Ela pensou durante uma semana e depois de uma semana ela falou: “Sônia vamos morar juntas? Nós duas?”. Daí eu falei vamos, daí uma ajuda à outra”.

Na terceira saída, é importante frisar que Sônia escolheu sair da casa dos pais por vontade própria, como relata em suas falas:

“Isso e agora eu sinto que eu saí por escolha, não foi por faculdade, porque eu passei num concurso e era lá em outro lugar, não: eu saí porque eu quis ter a minha casa”.

“E hoje eu sinto que é uma escolha estar aqui. Mas todo esse tempo você viu que eu não sabia, eu ia e voltava, não sabia direito, e as circunstâncias me levavam para algum lugar, hoje, que eu acho que eu tô mais firme”.

“[...] mas pra mim, foi crucial, me fez muito bem, mesmo indo morar em Atibaia que é um horror, sabe assim, eu não gosto de nada em Atibaia, não

gosto de pegar estrada, tudo lá, é muito diferente, mas assim, mesmo abrindo mão vamos dizer de uma coisa melhor, porque aqui eu to muito bem instalada, tudo fácil, não sei o que, mas mesmo assim valeu a pena, sabe”.

Cabe pontuarmos também que ainda na terceira saída de casa houve uma tentativa dos pais de deixá-la próxima, contudo Sônia mostrou-se decidida e relata:

“Vocês vão morar lá? Como assim? Sabe, então eu vi que não foi uma coisa, mas eu também não dei muito espaço não, eu tive a ideia, eu resolvi e falei: “Tô indo”, mas eles falavam: “Tem certeza? Assim?”Então, agora, a gente está querendo sair de lá e eles ficam o tempo todo: “Se precisar a gente ajuda no aluguel aqui em São Paulo”, sabe umas coisas assim, então, acho que dessa vez não. Foi mais estranho pra eles.

b) Percepções dos pais sobre as saídas da casa dos pais

A primeira saída:

A saída do primeiro filho da casa parental assemelha-se a um segundo parto para os pais. O jovem adulto conquista sua independência e autonomia, o que gera repercussões de alguma maneira nos pais (BERTHOUD; CERVENY, 1997).

Sra. Sara relata a dificuldade e tristeza que sentiu ao deixar a filha na cidade que morou durante a faculdade:

“Mas tem aquela coisa de mãe, aquele aperto no coração, aquela coisa de cortar, ai foi ruim. Quando eu deixei ela em Sorocaba, que já foi pra ficar mesmo, no começo das aulas, nossa, eu vim de lá aqui com lágrimas escorrendo e meu marido não podia falar comigo que já dava aquele nó em mim. Mas eu sabia que era para o bem, ela estava feliz, estava felicíssima, ainda mais foi morar sozinha... Eu é que sofri aqui, aquela coisa de mãe, mas pra ela foi ótimo”.

O filho adulto, os pais e todo sistema familiar vivenciam esse processo de forma antagônica. Os pais às vezes os tratam como adultos responsáveis e independentes, mas em outros momentos os vigiam e guiam suas vidas (BERTHOUD; CERVENY, 1997).

Sra. Sara confirma o pressuposto das autoras com a seguinte afirmação:

“O sofrimento era aquela saudade, um medo, medo, principalmente, será que ela vai saber se virar sozinha? Será que não vai acontecer nada? Ela ir de ônibus para faculdade e se, né, medos assim de assalto umas coisas. Não em relação a atitude dela por ela ser madura ser do jeito que ela é assim, responsável, não essa parte, mas as coisas do mundo, sabe? E de se virar assim de comer, de arrumar a casa, arrumar as coisinhas dela, isso eu sei que ela sempre soube fazer, mas é medos em relação às coisas de fora, mas quando foi, foi ótimo porque eu sabia que ela tinha saído consciente, do jeito dela de se virar de responsável . Eu sofria nessa parte”.

McGoldrick e Carter (1995, p.249) discorrem sobre a dificuldade que alguns pais encontram ao libertar os filhos, reflexo da transição do ‘ninho vazio’, momento que trará à tona a relação conjugal insatisfatória, que é substituída por um grande apego ao filho.

No caso estudado, os pais não consideram que houve mudanças em relação à rotina do casal. Berthoud e Cervený (1997) falam sobre a fase madura do ciclo vital e expõe que com a saída dos filhos de casa, os pais tendem a retomar a função de casal, uma vez que, até então, podiam estar voltados apenas a criação dos filhos:

“Só ficar nós dois”? Ah, nós sempre fomos muito amigos, os dois... nossa, é sempre assim, bom, sabe, não mudou em relação, sempre foi igual, não é porque elas não estavam não é porque, sabe.

“Sempre foi igual, sempre a mesma coisa, a gente nunca foi assim, sabe, sempre foi a mesma coisa, acho que não mudou não, mesmo sozinha ou não, continuou, ele vai ler eu vou fazer meu tricô, eu vou ler, porque nós, a gente, gosta então sempre fomos iguais”.

Os pais que desenvolvem a relação de casal em torno dos cuidados dos filhos terão mais dificuldade ao separar deles, e sentirão o ninho abandonado (BERTHOUD E CERVENY, 1997), o que é evidenciado principalmente pelo papel de cuidadora desempenhado pela figura materna:

“Eu já estou acostumada assim de fazer, então, tudo diminuiu, eu vou fazer almoço é pouca coisa, eu vou fazer um lanche da tarde é só para o Geraldo e pra mim, então, é assim, eu sinto essa falta, eu sinto muita falta, dessa parte, delas em casa”.

Já para Sr. Geraldo havia certa previsibilidade de que a primeira saída da filha era algo temporário, ela faria faculdade e retornaria para casa dos pais após concluir o curso. Ele não relatou sentimentos referentes a primeira saída:

“Isso, ela fez a faculdade fora que foram cinco anos, em Sorocaba, voltou e isso era previsto, né?”

A segunda saída:

Sra. Sara relata dificuldade e preocupação semelhantes a primeira saída, contudo com mais aceitação:

“Ah, foi mais madura, eu já estava mais assim, a aceitação foi maior porque eu sei que aí, já é mulher, dona do seu nariz assim, já está profissional, então, eu procurei aceitar, mas aquela coisa aquela saudade, aquela preocupação de coisas, assim que podiam acontecer, ainda mais ela já adquiriu carro. Então pra mãe já é outra preocupação porque sabia que ia estar pra cá e pra lá e fazia curso não sei aonde, e vinha e voltava à noite, então eu ficava sempre pensando, a preocupação de coisas, de acidente, sabe?”

“[...] então a minha preocupação era em relação com essas coisas assim, de ela sair sozinha e acontecer alguma coisa. É esse meu medo. Até entrei na terapia porque eu estava ficando assim, muito preocupada com essa parte, e isso você se torna chata, porque só fica perguntando para o filho: “Ah, você vai sair? Aonde você vai?” Que nem essa semana, ah você vai fazer tal coisa?”

Novamente Sr. Geraldo não esboça sentimentos em relação à saída da filha de casa, apenas menciona a dificuldade que ela apresentava ao estar longe, mas que foi superada. Ainda considerava muito bom o emprego que conseguira, tendo em vista que era praticamente recém-formada:

“[...] às vezes telefonava chorando que não ia aguentar aquilo, mas finalmente ela conseguiu, recebeu a espada e foi uma vitória espetacular, aí ela chorou de alegria porque conseguiu. E era um emprego bom pra quem está iniciando, né?”

O sentimento da mãe de “perdê-la” é evidenciado na seguinte fala de sra. Sara:

“Nossa, foi uma luta, aí entrou um outro tipo de preocupação, em mim, porque eu falei agora eu sei que ela vai, não vai voltar mais, a não ser casada, então pensei comigo assim, né, falei bom, agora já é mais adulta ainda, dona do seu nariz, vai ter o seu dinheiro, o seu, e sei que foi o que aconteceu, daí ela ficou, né, uns três anos, que ela ficou em Pirassununga, é acho que três anos”.

A terceira saída:

Nesse momento as duas filhas haviam retornado ao lar paterno, então, ambas decidiram morar juntas e sair da casa dos pais. Sra. Sara relata:

“Ai eu falei bom, agora, estamos com as duas ai de novo, bom, agora, aquele sentido assim, eu estou mais tranquila, porque mãe acha assim: se está vendo os filhos, então acha que está tranquilo, mas eu me enganei porque depois as duas combinaram de irem morar juntas. Ai, saíram de novo e saíram de uma vez”.

Sr. Geraldo têm a percepção da maturidade atingida pela filha, bem como parece reagir com tranquilidade às saídas. Contudo, ele relata a manutenção do vínculo existente entre eles, mesmo com a filha morando em outro ambiente físico:

“Não, foi tranquilo, a gente sabe que elas preferem ter um espaço, e ficou meio a meio. Saiu, mas não saiu. Porque ela vem, elas vêm, praticamente todo dia almoçar ou até dormir às vezes aqui. Então foi um arranjo interessante pra todas as partes...”.

Carter e McGoldrick (1995) pontuam que no primeiro estágio de ciclo de vida familiar, os jovens adultos têm como princípio emocional de transição a aceitação da responsabilidade emocional e financeira pelo próprio eu.

Na presente pesquisa, pode-se perceber que o processo de individuação da participante protelou-se devido às características emocionais referentes à diferenciação que cerceiam a família, bem como características da contemporaneidade como aspectos econômicos, sociais, culturais. Carter e

McGoldrick (1995) atêm-se à diferenciação do eu em relação à família de origem, somado ao trabalho e a independência financeira do jovem adulto, o que resultarão em modificações no sistema familiar, bem como no relacionamento entre pais e filhos, que será estabelecido de forma madura, como iguais.

Confirmando a observação dessas autoras, porém respeitando as características encontradas, Sônia relata:

“Eu acho que eu voltei a me sentir mais segura, sabe Cinthia, de ver que eu dou conta das coisas, quando eu digo dar conta, é coisa boa, sabe que você acha que não consegue, sabe, eu gosto de ver, por exemplo, que eu consigo dar conta da casa, dar conta de tudo o que tenho pra fazer, de pagar as contas. Pois eu tinha uma fantasia assim, eu não ganho tão bem quanto eu ganhava na Aeronáutica, então não vou conseguir, mas até na profissão eu fiquei mais segura, até por isso eu acho que o consultório deu uma deslanchada, sabe, de estar mais segura, planejar mais as coisas, de fazer planos, então eu acho que nesse sentido assim”.

Sr. Geraldo corrobora com as seguintes colocações:

“Ai já é uma pessoa que tem uma certa autonomia, que as opiniões já são respeitadas de outra forma, são encaradas de outra forma, é, não há duvida, aí é, vamos dizer, é mais um adulto que está fazendo parte do núcleo familiar, nesse aspecto sim, eu acho que ela é vista, depois de outra forma, não há mais desnível de autoridade, nada disso”.

“[...] no sentido de que, é, eu já não sou mais aquela adolescente e tal, então, respeitem, sem expressar dessa forma, mas respeitem a minha autonomia. Isso sim, é, então, às vezes ela deixava isso bem claro, que, é, eu quero ter o meu espaço”.

“É, o que é notório é que sair é bom, até amadurece, isso a gente sempre, sem duvida, é, é interessante pra duas partes, a gente também não fica muito ligado, aprender a respeitar a individualidade e tudo e esse afastamento é interessante para os pais. E para o jovem então, mais ainda aprender a alçar vãos próprios”.

c) Percepções da filha sobre os retornos da casa dos pais

O primeiro retorno:

Sônia relata a dificuldade em voltar para casa dos pais após a faculdade:

“Então, eu saí quando eu me formei e quando eu me formei eu sabia que eu não queria ficar em Sorocaba. Então, eu sai, tentei achar emprego aqui, prestei concurso em Campos do Jordão, um em Ribeirão e eu não passei, também não consegui emprego aqui, eu tive que voltar, pra mim foi um choque, assim, voltar”.

“[...] eu sempre estava irritada, assim irritada de irritada. É acho que eu estava sempre sem paciência, eu sonhava muito que eu não tinha espaço, sabe assim, então pra mim foi complicado. Foi complicado esse ano, bastante...”.

Quanto à rotina da casa dos pais era diferente da que havia constituído em sua própria casa:

“Negativos, é, acho que não ter a casa do meu jeito, meus horários, de não ter também essa coisa de ficar quieta, porque é engraçado isso, eu sou muito quieta, normalmente, eu gosto assim de ficar quieta e minha mãe fala o dia inteiro, assim, é dela. Então eu sentia falta de ter o meu canto. Ah, uma coisa que me irritava assim profundamente, é bobeira, mas me irritava, eu entrava no quarto e tinha coisa que não estava do meu jeito, então, às vezes eu não achava um sapato que eu tinha deixado no chão, sabe, que estava guardado. Então é nesse sentido que eu falo assim, que no físico que a gente se mistura, só que não é só no físico”.

“Olha, eu não sei qual foi o mais difícil, mas eu me senti muito presa aqui quando eu voltei, até por conta disso, assim, porque lá eu tinha liberdade, tinha meu horário, aí você acaba tendo seus hábitos e muda, né, muda tudo de novo, assim. Então, assim, é, por exemplo, lá eu tinha um quarto sozinha, até que eu tive que voltar e dividir quarto com minha irmã, e os horário da minha mãe, que são horários diferentes do meu, e, assim, muita frustração porque você está louca pra trabalhar e eu tinha expectativa: que legal você trabalhar, e além de você querer colocar em pratica, assim vou ter meu dinheiro. E aí além de tudo quando, eu voltei, não tinha dinheiro

pra nada sabe assim, então foi muito complicado esse ano que eu passei aqui”.

A dificuldade financeira e o desejo de exercer a profissão como mencionou na fala anterior:

“Isso, sem um emprego, sem plano, nossa, meu primeiro ano aqui foi um momento difícil”.

Quanto à questão financeira, creio que é preciso levar em consideração as dificuldades contemporâneas em adquirir estabilidade econômica. Biggart e Andreas (2006) atêm-se aos fatores de dependência econômica e habitacional dos jovens adultos em relação aos pais, principalmente em relação às incertezas que esses jovens vivenciam hoje: rotatividade entre emprego e desemprego, morar sozinho e/ou com os pais, entre outros.

Sônia refere-se à dificuldade de sustentar-se e arrumar um emprego:

“[...] mas eu acho que não tinha muita perspectiva pra eu achar algum emprego, que eu ia demorar para eu conseguir eu mesma me sustentar, tal”.

O segundo retorno:

Após retornar para casa dos pais, Sônia sentia vontade de sair novamente, uma terceira vez, contudo uma das questões que “racionalmente” a impediam de morar sozinha, era a questão financeira. Digo “racionalmente” porque ela havia passado em um concurso público, logo possuía um salário que provia seus gastos, mas ela renunciou à carreira militar e voltou para casa dos pais. Assim, a questão financeira tornou-se um empecilho, na segunda vez, mas essa foi uma escolha tomada por ela.

Em relação a essa escolha de deixar um emprego e optar por voltar a morar com os pais, tomo como apoio os estudos de Cairns (2006) que pontua sobre a aparente dificuldade que os jovens possuem hoje de realizar a transição para o mercado de trabalho e para a vida adulta, bem como em estabelecer uma residência independente da família.

Nesse sentido, Sônia relata sobre a facilidade em se readaptar na segunda vez que voltou a morar com a família:

“Ai eu já estava super instalada aqui em casa, de novo e tal e ai eu comecei a trabalhar aqui e sempre com essa coisa, assim, será que eu vou ficar em São Paulo e tal, até que durou uns dois anos que eu falei: “Quero ficar aqui, estou investindo no consultório e tal”.

Nos estudos de Santoro (2006) foi evidenciado que a permanência prolongada dos filhos na casa familiar é justificada por duas razões: fatores culturais e sociais associados a um abrandamento de um processo de abandono da casa dos pais e, pela falta de recursos financeiros. Contudo, tais razões mascaram o fato destes jovens simplesmente não desejarem ser independentes, pois o abandono da casa dos pais não é por eles entendido como um passo necessário e inevitável para se tornarem pessoas autônomas.

Esse fator é percebido no relato de Sônia sobre uma dificuldade maior de aceitação à rotina da casa dos pais por ter experienciado à segunda saída com recursos financeiros próprios, mas, mesmo assim, opta por voltar e abre mão da liberdade que tinha em sua própria casa:

“Então, de novo, quando eu voltei demorou a cair a ficha: “Nossa voltei para casa dos meus pais”, e de novo tudo diferente, e aí a questão financeira era... pesava muito, porque agora não tenho mais salário, eu tinha um dinheiro guardado, por isso eu paguei a pós, e tal mas era assim você não sabe até quando e tal. E ai eu senti de novo bastante essa segunda volta, acho que até um pouco mais, porque ai eu tive uma independência que não tinha tido em Sorocaba, né, ai quando eu comecei na escola, que começou aquela loucura de trabalhar o dia inteiro, dai eu fiquei dois anos sem sentir isso, porque eu estava tão na loucura, de trabalhar tanto, das sete da manhã às dez da noite, que eu nem senti, ai eu fui sentir de novo, começar a pensar de novo, que foi quando eu saí da escola, no final de 2008, que comecei no consultório e as coisas começaram a se ajustar e eu pensei: “Eu quero sair de casa, eu quero sair de casa”. Só que ai, por conta do consultório, eu não tinha coragem. Eu pensava se eu ganhar tanto no consultório daí eu saio, e assim, você nunca consegue administrar desse jeito”.

Um aspecto importante apontado por Romanelli (1998) é que nessa geração há maior proximidade entre pais com os filhos, devido ao aumento de diálogo e negociação, diferente do passado. Conforme relatado pelas preocupações com o bem estar da filha em casa novamente:

“Temos que adaptar novamente toda nossa vida aqui, então eu falava, mas você não quer chamar seus amigos aqui? Então, essa parte parecia que ela, elas, as minhas filhas, nunca quiseram, por exemplo, dar um jantar, nós dois poderíamos sair ou ficar lá para dentro e elas chamarem quem elas quisessem...”

“Eu imaginava que estou mais atrapalhando em falar isso do que, não estou dando nada de positivo pra ela, nada de animo em ficar falando porque você deixou? Deixou porque foi consciente, depois eu senti isso, mas eu sentia, ela se sentia assim, que atrapalhava, mas eu gostei de ela ter voltado, apesar de todas essas coisas, que ficou pequeno o apartamento pra muita gente, e assim, não sentir mais a vontade”.

“Se adaptou. Nossa, se adaptou muito bem, e eu daí vi que ela já estava muito bem aqui”.

Conviver com a família pode gerar sentimento de segurança, diante das inseguranças pertinentes à contemporaneidade, retardando a separação entre os membros da família (HENRIQUES, FÉRES-CARNEIRO E MAGALHÃES, 2006).

A jovem fala sobre essa segurança considerando como aspecto positivo de voltar a morar com os pais:

“E aspectos positivos, eu acho que eu me sentia segura, eu acho que tinha essa coisa assim, é, de me sentir segura mesmo, de saber que eu não precisava me preocupar, que a casa estava aqui, as coisas estavam aqui, é, acho que esse era um aspecto positivo”.

“Aqui, é assim, pra gente é um porto seguro, aqui, então qualquer coisa a gente corre aqui, sabe assim. Até teve um dia que eu fiquei doente, pensei: “Ah, não vou pegar Dutra agora à noite, vou ficar aqui, ou quando a gente sai, sabe assim”.

Sônia ainda relata a dificuldade de ficar sozinha, sem a família:

*“Até por isso que hoje, assim, é, pra mim, eu estava saindo porque eu não gostava do ambiente militar e sim, realmente não tem nada a ver comigo, mas hoje eu vejo que eu não estava conseguindo lidar com esse **“estar sozinha”**, sabe? Então, assim, hoje na minha cabeça é uma coisa, assim, não dei conta de ficar lá mais do que as complicações que tinham, mas não era nada assim. Nunca passei nenhuma coisa grave lá, muito pelo contrario, me dava bem com todo mundo, trabalhava bem, mas aí acabei voltando, assim”.*

“Sim, está tudo engrenado, só eu sempre ficava com isso, eu não vou dar conta. Que eu acho que eu era o que eu sentia em Santos, mas eu não dava conta, como se eu não tivesse amigo, como se eu não tivesse família, tem pra quem ligar, mas é um medo assim, como vou dizer, é um medo irracional...”

Atualmente, o jovem precisa de mais tempo e engenho para se tornar adulto. Um dos fatores desse prolongamento é a dificuldade de planejarem uma vida futura, o que lhes gera sentimentos de insegurança, e conseqüentemente residem mais tempo na casa dos pais (LECCARDI, 2006).

Frente a isso, Sônia relata:

“Pra voltar? Acho que é minha insegurança, eu acho, que é que nem você perguntou, eu estava autônoma, porque você não resolveu ...eu já tinha pensado assim, eu podia ter planejado minha saída de Pirassununga, eu trabalho, deixa eu ver o que dá para fazer, sei lá, é, eu acho que insegurança, acho que por isso que está sendo tão diferente dessa vez porque está mais claro pra mim que eu tenho isso”.

As reflexões acima levantadas também podem ser elucidadas a partir das seguintes falas de Sônia, mesmo na terceira saída da casa dos pais, relacionadas à insegurança:

“Sônia vamos morar juntas? Nós duas?”. Daí eu falei vamos, daí uma ajuda à outra. Porque por mais que eu tivesse isso, sabe, de: “não eu preciso sair, preciso”! Eu estava com muito medo, eu tenho medo até hoje, eu fico achando que eu não dou conta, sabe assim”.

Os jovens adultos possuem um estado de semi-dependência em relação aos pais, pois mesmo com independência financeira, permanecem dependentes do apoio cultural e emocional oferecidos por eles (BIGGART E ANDREAS, 2006). A filha menciona: *“Então, eu sempre pus a culpa no financeiro, mas eu sei que é no emocional”*.

d) Percepções dos pais sobre os retornos à casa dos pais

O primeiro retorno:

Sra. Sara relata a maneira como vivenciou o retorno da filha após o curso de graduação:

“É ficou cinco anos na faculdade aí voltou pra casa, eu achei que ela ia começar a trabalhar aqui, mas daí começou a prestar concursos aí foi quando ela começou a prestar pela Academia da Força Aérea, que eram só três vagas...e foi embora de novo, mas nisso já fazia um ano que ela já estava aqui, que é aquela volta terrível de desemprego que não sabe o que vai fazer e ficou em casa, então foi difícil pra ela, porque ela queria, pensou em ir pra vários lugares, não sabia se abria consultório ou o que fazia, então foi prestar concurso e vários, e nesse ela passou. E acho que passou em outros, mas muito longe daqui, em outros estados, então não foi...”

Chamou-me a atenção o fato do Sr. Geraldo demonstrar certeza sobre o retorno de sua filha em casa após a conclusão do curso de graduação:

“[...] não a gente achava até que se ela fosse fazer uma pós ou alguma coisa, é, isso poderia ser feito estando aqui. Nesse aspecto não, porque a idéia era que ela se formaria e trabalharia aqui, a principio, eu acho”.

Creio que posso inferir que essa certeza do pai, poderia ter influenciado no sentimento de obrigatoriedade de retorno da filha, dificultando o fato dela dar continuidade, sozinha, de sua própria vida.

Outra característica relacionada à fala do pai é a questão cultural de nosso país, em que é esperado que os filhos retornem para casa após os estudos. Sartori e Zilberman (2009) estudaram sobre a Síndrome do Ninho Vazio e relatam que essa questão também está diretamente relacionada à cultura de nosso país. Países onde as pessoas estão acostumadas e preparadas para se separarem dos filhos, a

síndrome parece não trazer grandes mudanças ou conflitos. Já, em culturas em que as pessoas, principalmente as mulheres, se dedicam exclusivamente à criação dos filhos, foi observado que existe sofrimento e sentimento de solidão.

Além disso, Sr. Geraldo não percebe alterações na rotina da casa após o primeiro retorno, muito provavelmente porque passa o dia todo fora de casa, trabalhando:

“Aqui não mudou muito não, porque é sempre a gente teve as portas abertas não alterou quando saiu nem quando voltou. Não. Não alterou a rotina da casa”.

O segundo retorno:

Já no segundo retorno Sr. Geraldo percebe alterações na rotina da casa, diferente do primeiro:

“Sim, o ritmo é outro né, mais...tranquilo”.

Sra. Sara relata as mudanças na rotina da casa com o retorno da filha:

“Ah, muda totalmente...Então, porque ela, já era, assim, morava sozinha, eu não sei se ela, eu não sei te explicar. Temos que adaptar novamente toda nossa vida aqui...”

“[...] e senti que ela já num sentia mais é, como se diz, bem, à vontade, porque parece que as coisas dela já estavam atrapalhando, não cabiam mais aqui em casa. Porque você vê, você tem dois, três quartos, aí você se adapta aquilo, aí vêm uma mudança, não tinha um lugar para colocar toda, aonde colocar, tanto é que ela alugou um lugar para colocar todas as coisas dela, armário, já não cabia mais. Atrapalhando, eu sentia que ela sentia, que ela estava demais, e começou a ter aquele problema, ela queria trabalhar e não tinha emprego, daí começou tudo novamente, aquela espera do consultório, aquela espera de aparecer alguma coisa, o que fazer se abria consultório ou se ..o que fazer? E sei que ela ficou um tempo aqui e eu tive que curtir com ela as tristezas, sem poder falar: “está vendo? Porque você deixou aquele emprego?”, mas que vinha toda hora aquilo em mim vinha, mas eu não podia falar porque eu estaria só ao invés de ajudar. Eu imaginava que estou mais atrapalhando em falar isso do que, não estou

dando nada de positivo pra ela, nada de animo em ficar falando porque você deixou? Deixou porque foi consciente, depois eu senti isso, mas eu sentia eu ela se sentia assim, que atrapalhava, mas eu gostei de ela ter voltado, apesar de todas essas coisas, que ficou pequeno o apartamento pra muita gente, e assim, não sentir mais a vontade”.

“A reestruturação da rotina diária e a maneira como a mãe se organizava: “Assim, eu gosto das coisas um pouco em ordem, e se ficasse coisa para o meio, eu sei que ela ia fazer, mas cada um tem seu horário, e eu não aceitava isso, tinha que ser o horário que eu queria, não sentido assim, então, vamos arrumar isso agora, vamos arrumar o quarto agora, vamos arrumar a área de serviço, coisas assim do dia a dia, só que cada um tem o seu tempo, né, e não era no meu tempo, então eu comecei assim a falar, eu já estou, passando a incomodar. E são coisas que me ajudaram a crescer também, porque quando é criança você que domina tudo, né, depois que tem suas idéias próprias, que faz isso e faz aquilo você tem que aprender a separar. Então também me ajudou, no crescimento, no convívio, e entender que cada um tem seu tempo das coisas, então, não sei se eu respondi”.

Sra. Sara fala sobre a tristeza que sentiu com a escolha da filha de abrir mão de um emprego como funcionaria publica, mas não fez menção em nenhum momento que era contra essa ideia:

“Ah, quando ela voltou, eu fiquei muito chateada dela ter deixado a carreira dela, foi difícil aceitar sem falar...como ela vai arrumar outro trabalho aqui em São Paulo, começar tudo do zero, do nada, né, até fazer seu nome como psicóloga ou então em algum firma. Eu sei que ela não ia trabalhar porque ela não tem jeito de trabalhar em firma, assim com horário, tudo certinho, de entrar e sair, eu tenho certeza, e não era o ramo dela, porque eu sei que ela queria clinica, né, que sempre gostou disso, então pra mim foi muito triste ela ter saído de lá”.

“Depois eu falei pra ela que ela não devia ter deixado, que essa era minha opinião, que ela não deveria ter deixado por isso e por aquilo pelos motivos do salário e da vida dela, depois...”

P: Na hora dela tomar decisão você não opinou?

“ Não, não opinei, deixa. Meu marido também ficou muito triste, mas não pudemos falar, porque era o que ela queria fazer, né? Em deixar, foi triste sabe, arrumar as coisas dela pra voltar, a mudança toda, realmente foi muito triste”.

Sra. Sara relata as mudanças em sua vida pessoal devido a preocupação com os sentimentos que a filha demonstrava ao voltar para casa dos pais:

“Pra mim principalmente porque eu é que ficava mais com ela, porque ai eu tive que, assim, além de preocupar, entender o que se passava com ela, o que ela queria da vida, né, os altos e baixos, porque ai começou dois meses, três meses ai tudo bem, a partir desse tempo eu me lembro que ela começou a ficar mais irritada, então tinha que ter muita psicologia no modo de falar com a Sônia, qualquer coisinha que já parece que ofendia. Então foi uma parte delicada na minha vida, eu ficava pensando comigo, nossa o que é que eu vou fazer agora? Porque a Sônia já é uma mulher, com todas as suas vontade, de sair, de receber, de fazer isso e fazer aquilo, e aqui, parece que ficou um pouco amarrada, às vezes a gente falava qualquer coisa e ela não gostava, eu falava qualquer coisa e ela não gostava, então eu fui assim, me calando, parei de falar, falei assim, tenho que deixar a vontade”.

Sob a ótica dos pais, de acordo com a ótica de Figueiredo (2008), esses oferecem aos filhos, em casa, um lugar acolhedor, democrático, com mais negociações e liberdade. Sra. Sara relata sobre essa liberdade que é oferecida à filha em sua casa durante os retornos:

“Tinha liberdade total, porque aí, nossa, só no começo que quando ela voltou da faculdade que aí tinha aqueles negócios, que ela tinha o tempo dela de fazer as coisas, da rotina da casa, mas nas outras coisas: total liberdade”.

Por fim, Sra. Sara fala sobre a readaptação da filha, o que nos faz refletir sobre todo um recomeço de vida e adaptação de todos as pessoas que moram no mesmo ambiente físico:

“Ela, eu achei que ela não sentia mais a vontade, aqui em casa, ela queria ter o espaço dela, mas as condições, o que tinha, de voltar para casa. E ela

foi muito bem acolhida. Depois apareceu o trabalho numa escola, né, depois ela começou com consultório, depois foi melhorando, foi melhorando ate que... Se adaptou. Nossa, se adaptou muito bem, e eu daí vi que ela já estava muito bem aqui”.

No segundo retorno, Sr. Geraldo deixa mais evidente do que no primeiro, que se referia à previsibilidade imposta para que aquele retorno ocorresse, sobre o desejo de que ela voltasse:

“Bom, a gente até torcia que ela voltasse porque a gente estava preocupado que ela estava voando por aí”.

P: Havia algum indicio se ela retornaria?

“É, a gente nunca sentiu que havia firmeza de propósito, sempre havia essa possibilidade, a gente contava com essa possibilidade, a gente sempre quer o melhor, né, então às vezes, o tempo, com todas as coisas, e as vezes deixa claro que não é por aí”.

No que se refere ao diálogo acima, novamente, faço uma reflexão em relação à cultura do país, baseada nos estudos de Berthoud e Cervený (1997) concluindo que, em nossa cultura, a saída dos filhos da casa dos pais não é vista como algo natural, geralmente ocorre devido a brigas ou casamentos prematuros. Além disso, é acompanhada por mudanças em relação aos papéis dos membros da família.

Em relação a essa última colocação das autoras, outro fator que emergiu das falas dessa família foi que ao retornar para casa dos pais, Sônia assume o mesmo papel que lhe cabia anteriormente: o papel de filha. Essa questão foi percebida porque ela não precisava auxiliar com os gastos da casa.

P: Quando ela voltou tanto na primeira quanto na segunda, já estava trabalhando, ela auxiliava na questão financeira?

Sr. Geraldo narra:

“Ela sempre foi generosa, assim, mas a gente também não, graças a Deus, não precisava nada assim, então a gente falava compre seu carro, compre

suas coisas, deixava pra ela administrar o dinheiro dela que ainda tem muita coisa pra frente para construir”.

De acordo com Bowen (1989) as forças da união existente na dinâmica familiar daquele sistema trabalham para que haja um resgate da dinâmica instituída inicialmente, antes da mudança, como a diferenciação de um membro da família. Assim, essas forças farão com que os membros assumam as posições e papéis que já tinham definidos anteriormente restabelecendo o equilíbrio do sistema.

Sônia, em relação à questão financeira, confirma que ao voltar à casa dos pais assume o papel de filha, dependente, mesmo trabalhando e possuindo recursos financeiros próprios. Ela relata:

“Não, nunca ajudei financeiramente, da casa sim, eu cuidava da minha roupa, na época que eu trabalhei na escola não, depois eu comecei a cuidar da minha roupa, arrumava cozinha, isso eu fazia sempre, e o resto é tudo minha mãe, minha irmã nunca fez nada”.

Referente a esse aspecto, apoiando-me no pensamento de Silveira e Wagner (2006) observo a dificuldade dos membros da família em aceitar as mudanças pertinentes à fase madura do ciclo que vivenciam. Algumas tarefas da adolescência são arrastadas e continuam presentes nessas pessoas, como a formação da identidade e a busca de autonomia. Assim, é necessário que cada um dos membros da família desempenhe seu papel e cumpra das tarefas de acordo com a fase de desenvolvimento que vivenciam no ciclo vital.

Sra. Sara complementa:

“Então, quando ela não trabalhava, ela me ajudava, porque eu não tenho empregada, só tenho diarista e sempre foi nesse esquema aqui em casa, então na parte assim de dividir tarefas, ela fazia alguma coisa, porque ela passou a estudar bastante pra prestar concurso, pra fazer isso e aquilo. Então, e ela era voluntária mais vezes no C., então eu sei que ela pegou várias tarefas, mas no tempo livre dela, ela sempre dava uma ajudada em alguma coisa, ou na cozinha, sempre ela foi me ajudar em alguma coisa, lavar uma louça, a roupa dela ela que cuidava, a cama dela, e agora limpeza, é a mulher que sempre, né. E na parte de dinheiro meu marido

que sempre, ela nunca fez nada mesmo, imagina, absolutamente nada, de ninguém, das duas jamais inclusive ele fala se precisa pede, se quiser alguma coisa a gente ajuda no que precisar, mas nessa parte, não”.

Ao analisar os dados sobre essa participante, percebi que Sônia mostrou-se bastante vinculada e preocupada com os todos os membros da família, principalmente com a figura materna. Esta por sua vez, também se demonstrou fortemente vinculada e apegada às filhas, principalmente à Sonia. Bem como todos os membros desse sistema familiar são bastante próximos e fusionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o fenômeno das saídas e retornos dos jovens adultos ao lar parental foi desde o início um desafio para mim por duas razões. Inicialmente por se tratar de uma questão a qual eu vivenciei por três vezes: após o curso de graduação por cinco anos; após ter trabalhado numa empresa privada, em outra cidade, por seis meses, e após ter morado, trabalhado e estudado, no exterior, por oito meses. Além disso, trata-se de um fenômeno contemporâneo, que permeia as famílias atualmente e vem crescendo, no Brasil e no mundo, diante os novos arranjos familiares.

Apesar desse fenômeno estar crescendo, trata-se de um tema ainda pouco estudado, principalmente no que se refere aos aspectos psicológicos que o permeiam. Além disso, ter um olhar da perspectiva do filho e dos pais ao mesmo tempo, é um universo ainda pouco captado pelos pesquisadores.

No decorrer do processo de construção dessa pesquisa, cujo propósito foi compreender as saídas e retornos dos filhos adultos à casa dos pais, sob o olhar da diferenciação e dos aspectos gerais – sociais, culturais, econômicos, emocionais – que circulam tal fenômeno na contemporaneidade, os desafios foram enfrentados, vencidos e enfim os resultados obtidos.

Considero acertada a escolha metodológica, a pesquisa qualitativa, na qual aprofundei e contextualizei o fenômeno estudado, conhecendo os significados vivenciados tanto pelos pais, quanto pelo filho. Tendo em vista a ferramenta que utilizei, o estudo de caso, procurei uma família que atendesse aos requisitos do fenômeno, destacando o que é comum e ordinário, possibilitando compreendê-lo em sua complexidade e especificidade.

O trabalho metodológico, desde o resgate da literatura pertinente até as entrevistas, a construção da história de vida da família, o Genograma e análise dos dados evidenciam alguns aspectos gerais a partir do conceito de diferenciação que descrevi anteriormente.

Ao findar o processo de análise das falas dos participantes desse estudo, penso que um dos elementos que perpassa a questão das idas e vindas de uma pessoa para o lar parental é a transição para a vida adulta.

Sob meu ponto de vista o papel da família nesse período é fundamental para os filhos, pois a maneira como os filhos conduzem a vida reflete em muito a relação que mantêm com os pais, muito embora essa passagem também seja marcada por fatores culturais, sociais, econômicos, entre outros aspectos que influenciam tanto a vida da sociedade quanto a da família.

Não se pode negar a existência, nas últimas décadas, de novas formas do indivíduo transitar entre a adolescência e a vida adulta. Hoje, o jovem adulto (tanto homem quanto mulher) se depara com uma série de incertezas em relação a seu futuro, o que de certa forma, lhe possibilita sempre dar um passo atrás, revertendo decisões que pareciam inabaláveis, como é o caso de muitos jovens que saem e depois retornam à casa paterna.

Entender que a saída de casa envolve muito mais que uma simples troca de endereço, essa saída também está atrelada a uma série de responsabilidades para as quais o jovem, às vezes, não se encontra preparado como desemprego, baixos salários e até mesmo situações de risco e de precariedade que se concentram de forma desproporcional, entre homens e mulheres quanto ao mercado de trabalho.

Associada a todas essas interferências que o jovem pode se deparar em sua vida fora do lar paterno existe a influência dos próprios pais. Alguns casais preferem que os filhos residam em suas casas e até os incentivam a não saírem ou a retornarem, pois isso lhes permite administrar mais de perto a vida dos filhos. Se por um lado existem pais que incentivam a seus filhos que não saiam de casa ou que retornem após a saída, por outro, também existem filhos que optam convenientemente por uma vida familiar mais próxima, justificando tal proximidade pela possibilidade de um maior diálogo, liberdade e companheirismo, o que a meu ver trata-se de um interjogo de conveniências que revela baixa diferenciação entre pais e filhos.

Outro aspecto que também pode se pensar em relação a filhos que saem e retornam à casa dos pais é um prolongamento da “leveza”, do “descompromisso” da adolescência estendido à vida adulta, o que também denota imaturidade para assumir compromissos mais sérios.

Supostamente, o jovem adulto ao sair de casa teria a possibilidade de vivenciar uma fase de maiores responsabilidades, o que favoreceria seu processo de individuação. Usualmente, o adulto jovem não se apoia mais nos pais para

orientação, manutenção de suas necessidades, porém, às vezes, ainda não está envolvido com novos vínculos intensos que substituem os paternos, como é o caso da união com um(a) parceiro(a), que levaria esse adulto jovem ao estabelecimento de uma nova família e ao favorecimento de uma maior elaboração do self e diferenciação. Assim, o adulto jovem usaria sua maturidade física e sua crescente capacidade de intimidade para criar uma nova vida e assumir o papel parental no processo de diferenciação e individuação, o que não foi o caso da participante desse estudo e de muitos outros jovens que retornam à casa dos pais.

A vivência da parentalidade permite a reelaboração de temas e de relações infantis, pois, como pais, os adultos reeditam com o filho a situação de intimidade que tiveram com seus próprios pais na infância, e assim reconhecem no que se parecem com eles (na capacidade de se cuidar, de amar física e emocionalmente e de procriar) e também no que se diferenciam deles. Tal situação estimula a individuação e, ao mesmo tempo, reforça a continuidade e a conexão entre as gerações.

Sob outro prisma, se tomarmos a saída e o retorno à casa paterna justificada pela insegurança econômica, talvez não estejamos sendo fiéis à realidade, em primeiro lugar porque é necessário olhar para todo esse processo de idas e vindas como um todo que vai além de dificuldades financeiras.

A meu ver as saídas e os retornos não ocorrem tanto por contingências econômicas, haja vista que num passado não tão remoto, para muitos jovens o desconforto relativo que teriam que enfrentar por um determinado período, não os impedia de assumirem a vida adulta, pois sabiam que valia à pena trocarem muitas vezes o conforto e a segurança do lar paterno pela liberdade de ter uma vida independente.

As constantes transformações sociais, econômicas e culturais geram mudanças nos contornos das famílias contemporâneas. A força do desemprego no mundo, bem como as exigências educacionais, haja vista que apenas o curso de graduação não é suficiente, nem garantia de inserção no mercado de trabalho, transformaram as relações familiares e o tempo necessário para a saída do lar parental, tornando comum sair e voltar à casa dos pais quando necessário.

Aliado as características atuais, foi possível identificar elementos complexos para os pais e filhos na medida em que o contexto socioeconômico atual dificulta ao

jovem adulto dar passos maiores e mais confiantes em busca de autonomia e independência. Dessa forma, a casa dos pais ainda é um porto seguro.

Além disso, o fenômeno de saídas e retornos ao lar parental sob o olhar da diferenciação, expressa, de forma geral, tanto aos pais quanto aos filhos, que é preciso vivenciar tais experiências para realizarem de forma positiva ou saudável o processo de diferenciação com a família de origem.

Somado aos fatores contemporâneos a família pode reforçar a dependência emocional dos filhos, não os libertando e exercendo uma relação de superproteção. Assim, a forte proximidade existente entre os membros familiares também torna mais difícil a saída dos filhos do lar parental.

Diante do contexto apresentado, vale ressaltar que os jovens adultos precisam de mais tempo e engenho para adquirir autonomia emocional e financeira para morarem sozinhos, o que acaba por prolongar a fase adolescente, buscando, quando necessário um lugar de acolhimento, conforto e segurança, que não encontram no mundo atual, fora do lar parental.

Portanto, as idas e vindas relacionam-se aos aspectos da dinâmica familiar, ligados ao vínculo e relacionamento estabelecidos entre pais e filhos, e as características do contexto socioeconômico da contemporaneidade.

Dessa forma, aproveito para propor futuras pesquisas em torno do fenômeno estudado, tendo em vista que se trata de um fenômeno que vem se tornando, cada vez mais corriqueiro e crescente nas famílias, em diversos países, na atualidade.

Penso que o presente estudo possa contribuir para a compreensão de um fenômeno atual e das transformações pelas quais vem passando as relações entre os membros das famílias, bem como pode colaborar com os profissionais de Psicologia e áreas afins sobre como trabalharem com a nova realidade que se apresenta.

Finalizo esse trabalho reconhecendo a importância sobre ouvir os membros da família e contribuir para a formação de contextos que permitam a cada indivíduo e a cada família respeitar seu tempo, principalmente diante do cenário contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. **Re-significando a parentalidade: os desafios de ser pais na atualidade**. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2002.

_____, e BERGAMI, Nancy Benedita Berruezo. **Família em fase de aquisição**. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira e BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. e cols. *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p.45.

BIGGART, Andy e WALTHER, Andreas. **Coping with yo-yo transitions. Young adult's struggle for support, between family and state in comparative perspective**. In: LECCARDI Carmen e RUSPINI Elisabetta (eds) *A new youth? Young people, generations and family life*. Ashgate: Aldershot, 2006.

BOWEN, Murray (1978) In: **La terapia familiar em la practica clinica**. vol. I/II. Bilbao - Espanha: Editorial Desclee de Brouwer, S.A., 1989.

CAIRNS, David. **A New Youth? Young People, Generations and Family Life**. *Anál. Social*. [online]. 2006, no.181 [citado 21 Novembro 2010], p.1257-1264. Disponível: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732006000400019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: Nov.2010.

CANGELLI, Raphael e LUISI, Liz Verônica Vercillo. **A família em fase adolescente**. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira e BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. e cols. *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p.73.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

_____, Fritjof. **O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982, p. 154-179.

CARBONE, Adriana e COELHO, Maria Renata Machado. **A família em fase madura**. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira e BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. e cols. *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p.99.

CARTER, Betty e MCGOLDRICK, Monica (1988). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTRO, Maria Cristina d'Ávila de. **Configurações familiares atuais**. In: MACEDO, Rosa Maria S. *Terapia Familiar no Brasil na última década*, São Paulo: Roca, 2008. p. 419-427.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A família como modelo. Desconstruindo a patologia**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 1994.

_____, Ceneide Maria de Oliveira. **Intergeracionalidade. Heranças na produção do conhecimento**. São Paulo: Editora Roca, 2011.

_____, BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. e cols. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____, **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

COELHO, Vera e DINIZ, Gláucia. **A História e as histórias de mulheres sobre o casamento e a família**. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. (org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005, p. 138-157.

CRUZ, N.O. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. e col. (Org) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.51-66.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução Sandra Regina Netz. – Porto Alegre: Artmed, 2006, p.16-41.

DINIZ, Gláucia. **Homens e Mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira**. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. (org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU, 1999, p. 31-54.

DOHERTY, Willian J. **The Intentional Family**. New York: Avon Books, 1997.

FIGUEIREDO, Mariana Grasel. **Ninho cheio, geração canguru: a permanência do filho adulto em casa segundo a perspectiva dos pais**. São Paulo, 2008, 193p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

GOMES, R. **A análise de dados em pesquisa qualitativa.** In: In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. e col. (Org) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.67-80.

GUANAES, Carla e JAPUR, Marisa. **Construcionismo Social e Metapsicologia: Um Diálogo sobre o Conceito de Self.** Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Mai-Ago 2003, Vol. 19 n. 2, pp. 135-143.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 4 ed., 1994.

HENRIQUES, Célia R.; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha e MAGALHÃES, Andrea S. **Trabalho e Família: o Prolongamento da Convivência Familiar em Questão.** Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. vol.16, n.35, 2006, pp. 327-336.

HOBDY, Juliann. **The role of individuation processes in the launching of children into adulthood..** Dissertation Abstracts International. Section B. Sciences and Engineering, 60, (9-B). 2000, 4929 p.

_____, et al. **The role of attachment style in coping with job loss and the empty nest in adulthood.** The International Journal of Aging and Human Development. Dallas: Texas, vol. 65, n4, 2007, p. 335-371.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Comunicação Social - 09 de outubro de 2009. SIS 2009.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 16 de junho, 2011.

_____, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2001/2009.** Até 1999 tabela extraída de Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Diversas tabelas. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1476&id_pagina=1. Acesso em: 16 de junho, 2011.

KLEIN, Melaine. **O início do desenvolvimento da consciência na criança.** In: M. KLEIN et al. A psicanálise hoje: aproximação moderna aos problemas humanos. (pp. 01-15). (Elisa Dias Velloso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1944).

LECCARDI, Carmen e RUSPINI, Elisabetta (ed.) **A new youth? Young people, generations and family life.** University of Milano-Bicocca. Ashgate: Aldershot, 2006.

LIRA, Geison Vasconcelos; CATRIB, Ana Maria Fontenelle; NATIONS, Marilyn. A narrativa na pesquisa social em saúde: perspectiva e método. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*. Universidade de Fortaleza: Fortaleza, ano/vol. 16, número 1-2 p. 59-66.

MACEDO, Rosa Maria S. **A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?** *Cad. Pesq.*, São Paulo, n91, nov. 1994, p.62-68.

MATURAMA, H. R. et al. **A Ontologia da Realidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997, p. 52-209.

MEDEIROS, Maria das Graças L. **Família, gênero e sexualidade: um olhar pós-moderno.** Publicado em 8 de dezembro de 2008. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Família; sexualidade; gênero ST 50 – Gênero, Direito e Psicanálise. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST50/Maria_das_Gracas_L_de_Medeiros_50.pdf> Acesso em: ago. 2011.

MCGOLDRICK, M.; GERSON, R. **Genogramas en la evaluación familiar.** Barcelona: Gedisa, 1993.

MINUCHIN, Salvador; NICHOLS, Michael P. **Family healing: tales of hope and renewal from family therapy.** New York: The Free Press, 1993.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias, funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 1982.

MORCH, Sven e ANDERSEN, Helle. **Individualization and the Changing Youth Life.** In: LECCARDI, Carmen e RUSPINI Elisabetta (eds) *A new Youth? Young People, Generations and Family Life.* Ashgate: Aldershot, 2006.

MORICI, Ana Carolina. **Pós-modernidade: novos conflitos e novos arranjos familiares.** In: MACEDO, Rosa Maria S. *Terapia Familiar no Brasil na última década*, p. 64-71. São Paulo: Roca, 2008.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 1990, p.13-34.

NASCIMENTO, A. M. **Transição para a Vida Adulta: Situação dos filhos adultos brasileiros no período 1970-2000**. 243f. Dissertação de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, 2006.

NASCIMENTO, Arlindo Mello. **População e família brasileira: ontem e hoje**. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú - MG – Brasil, de 18 - 22 de Setembro de 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_476.pdf> Acesso em ago. 2011.

NICHOLS, Michael P. e SCHWARTZ, Richard C. Terapia familiar. **Conceitos e métodos**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Sônia Maria de. **A reconstituição da família: um estudo das famílias que voltaram a viver juntas após um período de institucionalização dos filhos**. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIVEIRA, Janaina. **Complexo de canguru: Filho se agarra aos pais até os 40**. Jornal Hoje em Dia. São Paulo. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/v2/ind.php?sessao=6&ver=1¬icia=5180?>>>. Acesso em: 04 maio 2009.

PEREIRA, Paula. **A Nova Família**. Revista Época (Editora Globo). Rio de Janeiro, RJ (Brasil), n. 293, 29 dez. 2003, p.82-89.

ROMANELLI, Geraldo **O Relacionamento Entre Pais E Filhos Em Famílias De Camadas Médias**. Paidéia (Ribeirão Preto) [online]. vol.8, n.14-15, 1998, pp. 123-136.

ROSEN, Emily; ACKERMAN, Lynn e ZOSKY, Diane. **The sibling empty nest syndrome: the experience of sadness as siblings leave the family home**. Journal of Human Behavior in the Social Environment, Londres, 6:1, 65-80, 2002.

SANTORO, Monica. Living with Parents. **A Research Study on Italian Young People and their Mothers**. In: LECCARDI, Carmen e RUSPINI, Elisabetta (eds) A new Youth? Young People, Generations and Family Life. Ashgate: Aldershot, 2006.

SARTORI, Adriana C. R.; ZILBERMAN, Monica L.. **Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 36, n. 3, 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832009000300005&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Jan. 2012.

SILVEIRA, Paula Grazziotin; WAGNER, Adriana. **Ninho Cheio: a Permanência do Adulto Jovem em sua Família de Origem.** Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 23, n. 4, Dec. 2006 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2006000400012&lng=en&nrm=iso>. Access on 21 Nov. 2010.

STIERLIN, H. SIMON, F. B. e WYNNE, L. C. **Vocabulário de Terapia Familiar.** Barcelona: Gedisa. 1993

STRAUSS, Anselm e CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research.** Newbury Park: Sage, 1990.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

VASCONCELOS, Maria José Esteves. **Pensamento Sistêmico: O Novo Paradigma das Ciências.** São Paulo: Papyrus, 2005. [4ª edição]

_____, **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais.** Belo Horizonte: Oficina de Arte & Proza, 2005, p. 77-90.

WINNICOTT, D.W. **A Criança e o seu Mundo.** (Álvaro Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. (Originalmente publicado em 1957).

APÊNDICE 1

Entrevista 1: Para os pais.

1. Vocês imaginavam que seu filho retornaria para casa? Se sim, como e quando houve algum indício dessa situação?
2. Qual sua percepção sobre o retorno de seu filho ao lar?
3. Vocês consideram que, de alguma forma, contribuíram para o retorno do filho para casa?
4. Como era e como é hoje o papel de cada um na vida desse filho adulto que retornou para casa?
5. Como eram e como são hoje as negociações com esse filho em relação à autonomia, independência e responsabilidade?
6. Como foi a saída de vocês da casa de seus pais. Vocês percebem alguma semelhança ou diferença?
7. O que mudou na vida do casal enquanto esse filho não morava mais com vocês. E, agora, com o retorno do filho?

APÊNDICE 2

Entrevista 2: Para a filha.

1. Quando saiu da casa de seus pais? Por que e como foi à saída da casa deles?
2. Você imaginava voltar a morar com eles?
3. Quais os fatores que motivaram seu retorno à casa de seus pais?
4. Quais aspectos positivos e negativos ao voltar a morar com seus pais?
5. Como eram e como é, hoje, o papel dos seus pais na sua vida?
6. Como eram e como são hoje as negociações com seus pais em relação à sua autonomia, independência e responsabilidade?
7. O que mudou na sua vida enquanto não morava mais com seus pais? E, agora, com o retorno à casa dos seus pais?

APÊNDICE 3

ENTREVISTA COM FILHA

Começando nossa entrevista sobre as saídas e retornos da sua casa conforme explicado anteriormente. Eu gostaria que você me contasse um pouquinho como foi a primeira saída, qual foi o motivo? Como foi o retorno? E depois falaremos na segunda vez.

Então, a primeira foi para fazer faculdade, só que na época eu não sabia que eu tinha tanto medo de sair de casa, porque eu achava que era o que eu mais queria, eu estava louca para ir para faculdade e tal. Só que eu vi, um pouco antes de eu passar, de sair o resultado, me deu uma crise de choro, que eu não queria mais nada: “Nossa como vai ser quando eu sair?”. Fiquei com muito medo, mas eu sempre fui muito de engolir, assim, sabe, engole o choro [risos] e aí, ainda mais naquela época, eu não tinha consciência assim, aí, bobeira, daí eu fui. Eu achava que eu queria morar sozinha, não vou morar em república, e aí eu fui morar sozinha, numa edícula atrás da casa de um casal de idosos. É um lugar tranquilo, o bairro era bom, aí minha mãe foi ajeitou tudo bonitinho, comprou as coisas diferentes.

E era aonde?

Era em Sorocaba. E eu não conhecia, quando eu fui fazer matrícula achei a cidade horrorosa.

Você teve um pouco de dificuldade pra ir?

Sim, tive, mas tudo isso eu só sei hoje, na época não, estava tudo bem pra mim mesmo. Ai minha mãe montou a casa tudo bonitinho, tal, e aí, é muito engraçado, como que aparece, porque eu tenho muito medo de lagartixa e a casa tinha um monte de lagartixa [risos]. Todo dia eu chegava e dava de cara com uma [Risos]. Ai, eu, aquilo do medo assim, que eu tenho medo tal, mas ah, paciência, né, aquilo virou um pavor assim, sabe, que hoje eu também sei que era o meu medo de ficar sozinha. Ai até teve um dia que eu estava tomando café de manha antes de ir para faculdade e eu derrubei um copo, que era um copo que minha mãe tinha comprado, ah, eu derrubei o copo que minha mãe tinha dado, eu comecei a chorar porque era o copo que minha mãe tinha dado. Daí eu fiquei um mês, mas no final de semana eu ficava desesperada para voltar. Eu gostei da faculdade, gostei muito mais do que eu imaginei, fiz amizade logo, assim, mas eu tinha pavor de ficar naquela casa. Ai deu um mês a minha faculdade entrou em greve, e aí entrou em greve, e ia ficou três meses, aí nesse tempo vim pra cá, voltei pra cá e tal, e aí como eu tinha feito amizade com uma menina lá da faculdade, que estava morando em um pensionado e estava detestando, aí ela foi vendo e a gente acabou indo morar juntas. Daí a gente fez a república, eu ela e uma amiga dela e daí eu adorei. Eu gostei do apartamento, mas mesmo gostando muito eu tinha muita dificuldade de ficar muito tempo lá, eu tinha que vir.

Você diz ficar muito tempo longe da família?

Isso, isso, então, eu tinha que vir, sabe assim, não gostava de ficar muito tempo sem, mesmo gostando, mesmo tendo amizades, né?

Como era a rotina de vida lá? Você era autônoma, independente?

Era, sim, era a gente fazia comida em casa, a gente às vezes levava alguma coisa daqui, comida de domingo que minha mãe fazia e eu almoçava segunda, mas a gente cozinhava que dava tempo, a gente fazia todo dia. É, aí, no começo da faculdade a gente tinha aula tarde e noite, que o curso era vespertino noturno, aí depois a gente já começou a fazer estagio, daí ficava, mas a gente ia muito pra casa, assim, até as meninas falavam: “Nossa república é uma casa”, porque a gente gostava de ficar lá e as pessoas vinham, então era a casa que o pessoal ia pra se encontrar, assim, sabe. Então trabalho a gente sempre fazia lá em casa ou às vezes terminava a aula mais cedo e tinha algum

trabalho pra fazer, era tudo em casa, sabe, assim, e a gente ficava lá então eu gostava muito, nossa adora assim, até foi, aí foi muito difícil eu sair de lá.

Você saiu quando?

Então, eu sai quando eu me formei e quando eu me formei eu sabia que eu não queria ficar em Sorocaba. Então, eu sai, tentei achar emprego aqui, prestei concurso em Campos do Jordão, um em Ribeirão e eu não passei também não consegui emprego aqui, eu tive que voltar, pra mim foi um choque, assim, voltar.

Para casa dos pais?

Isso, sem um emprego, sem plano, nossa Cinthia, meu primeiro ano aqui foi um momento difícil.

E o que foi mais difícil de ter voltado?

Olha, eu não sei qual foi o mais difícil, mas eu me senti muito presa aqui quando eu voltei, até por conta disso, assim, porque lá eu tinha liberdade, tinha meu horário, aí você acaba tendo seus hábitos e muda, né, muda tudo de novo, assim. Então, assim, é, por exemplo, lá eu tinha um quarto sozinha, até que eu tive que voltar e dividir quarto com minha irmã, e os horário da minha mãe, que são horário s diferentes do meu, e, assim, muita frustração porque você está louca pra trabalhar e eu tinha expectativa: que legal você trabalhar, e além de você querer colocar em pratica, assim vou ter meu dinheiro. E aí além de tudo quando, eu voltei, não tinha dinheiro pra nada sabe assim, então foi muito complicado esse ano que eu passei aqui.

E nesse sentido como quando você voltou, as negociações com seus pais, com eram?

Hum, eu acho que não teve Cinthia, não teve porque, assim, eu sempre fui muito assim também: filha obediente, sabe? Tem que, aí, na verdade nem pensava, o esquema é esse eu tenho que me adaptar, sabe assim? Então acho que não tinha muita adaptação, eu acho que eu também estava muito difícil nessa época, eu me lembro que eu estava muito mal, então acho que eu ficava sempre muito nervosa, então não sei também se eles tinham muita paciência.

No sentido de irritada?

É irritada, assim, eu lembro que eu sempre estava irritada, assim irritada de irritada. É acho que eu estava sempre sem paciência, eu sonhava muito que eu não tinha espaço, sabe assim, então pra mim foi complicado. Foi complicado esse ano, bastante,

E a rotina então mudou muito ou ficou igual de quando você havia saído e voltado?

Eu acho que permaneceu igual, assim, permaneceu igual porque depois de um tempo daí eu comecei a estudar pra prestar concurso, daí eu já me situei bem assim, né? Acordava cedo pra estudar e fazia um curso em São Paulo, então uma vez por semana eu ia. Mas é, acho que a rotina ficou igual do que era assim.

E sobre a questão da liberdade, como você fazia para lidar com isso quando você voltou?

Como eu fazia, eu lembro que quando eu cheguei eu saia que nem uma louca, assim, eu não trabalha, não consegui nada, então eu saia de segunda a segunda. E aí a minha mãe começou a falar, não proibir, porque na verdade eles nunca foram assim, sempre conversaram e deixavam a gente assim, nunca foram muito assim. Só que minha mãe falou: "O que é isso? Você sai a semana inteira", sabe assim, e aí eu ficava irritada, na verdade eu não estava feliz também, estava saindo todo dia, mas não era o que eu queria porque sair aqui não era a mesma coisa que sair em Sorocaba, mas depois eu fiquei incomodada: o que é isso? Esta cuidando da minha vida agora? Como se eu já não soubesse cuidar da minha vida e não tenho que ficar falando, sabe assim? Só que

foi uma crise que eu também não estava bem comigo, e aí eu comecei a estudar e tal e foi entrando nos eixos, assim, mas eu sentia muito, assim, não por conta disso de Sorocaba, mas porque todo mundo ia lá em casa e tal então eu senti falta disso. E era, é, engraçado que era disso que eu sentia falta, nem assim de sair, era de ficar até tarde conversando, de ter essas coisas assim, que aqui com meus pais, eles sempre deixaram, mas é diferente, se seu fico conversando aqui, eu fico preocupada de estar incomodando, é diferente, né. Então foi assim, acabei entrando no esquema.

E quando você voltou, você tinha um desejo de sair de novo?

Eu achava que eu queria ficar em São Paulo e achava que eu ia ficar em São Paulo mesmo. Eu agora não lembro se quando eu vim, eu não lembro se eu, acho que eu tinha sim, vontade de morar fora, mas aqui em São Paulo, mas eu acho que não tinha muita perspectiva pra eu achar algum emprego, que eu ia demorar para eu conseguir eu mesma me sustentar, tal. Aí eu acabei, comecei a prestar concurso aqui por perto, até aparecer o concurso da aeronáutica e daí foi o que deu certo e eu tinha que ir, eu até queria ficar na época, porque aí você se readapta você encontra os seus amigos antigos, né, e eu sempre fui muito apegada a família mesmo, mas também eu fiquei feliz de sair, assim, quando eu prestei o concurso eu fiquei feliz de sair.

E quando você prestou o concurso você foi morar aonde?

Então, primeiro eu fui morar em Curitiba, no começo do ano seguinte para fazer o treinamento. Aí eu fiquei quatro meses lá, depois eu fui para Santos, onde era minha vaga, aí lá eu fiquei mais três anos.

E como foram esses três anos, você saiu de casa de novo e como foi essa readaptação? Você chegou a ter um relacionamento mais serio? Como foi sua história lá?

Então, em Curitiba foi bem difícil porque eu detestava o treinamento, não tinha nada haver comigo. E eu fui bem de supetão, assim, não tinha idéia do que era. Então, em Curitiba eu sofri demais, não dá nem pra saber, se era por causa da cidade, porque o que eu estava vivendo lá. Pra mim era horrível, então, eu ligava muito chorando, sabe, era desesperador, nunca tinha sentido aquela angústia.

Nem na primeira vez da faculdade?

Não, de jeito nenhum, e aí os meus pais me ajudaram muito: “Não, agüenta, você vai ver que quando você for para Santos vai ser bom”, e tal e as minhas amigas daqui escreviam pra caramba, porque na época não tinha muito e-mail, né, daí elas mandavam cartas e eu ficava super feliz porque era alojamento, e as meninas ficavam assim: “Só a Sonia que recebe carta”, então eu ficava toda feliz. Aí isso foi ajudando. Aí quando eu fui para Santos, aí eu me surpreendi, porque, aí, foi vida mesmo, porque lá em Curitiba foi treinamento militar, e aí em Santos, eu achava que ainda ia ser e não, você ainda tem que cumprir as regras e tal mas você faz seu trabalho: eu ia para o hospital atendia e ia pra casa. Eu senti um pouco o que eu sentia em Sorocaba: que gostoso cuidar das minhas coisas, né, cuidar da vida assim. E aí eu tive um relacionamento serio, a gente quase casou e tal e aí acabou não dando certo.

Você chegou a morar junto?

A gente morou um tempo.

Como foi essa fase também?

De estar junto?

É.

Então foi muito gostoso, mas assim foi muito difícil quando terminou, assim, eu tive muita dificuldade de ficar lá depois.

Como assim?

É porque foi assim, logo que eu cheguei a gente começou a namorar e fomos morar junto e isso me dava muita força. Eu gostava de chegar em casa, ter alguém e a gente conversava e tal. E aí quando não deu certo, que eu fui morar sozinha, eu mudei de apartamento, fui morar sozinha, tal, é, eu sentia muita falta, eu me sentia muito sozinha.

E esse relacionamento durou quanto tempo?

Ah, foi muito, muito rápido, foram seis meses, foi muito rápido, assim, mas eu baqueei. E aí era muito difícil ficar sozinha, aí eu pensei em colocar alguém pra morar junto, pra dividir, mas aí também pensei e não quis colocar uma pessoa estranha sabe? Mas aí, assim, tinha fases que eu ficava bem, tinha fases que eu me sentia muito sozinha, e eles iam muito pra lá, meu pai e minha mãe, então tinha algum evento eles iam ou eu vinha pra cá também. E aí era até mais fácil porque eu tinha carro, então eu vinha quando eu quisesse.

Porque você já tinha autonomia financeira?

Isso, também, mas foi uma fase estranha, assim, porque parecia que quando eu estava lá, parecia que eu queria estar aqui, e quando eu estava aqui, parecia que eu queria estar lá. Ficava perdida tinha muita coisa, eu gostava muito do meu trabalho lá, tirando a parte militar. Meu trabalho no hospital eu gostava muito e tinha um pessoal bem legal, eu fiz amizade, assim, então eu gostava, mas eu acho que eu fiquei muito perdida depois desse relacionamento, do término.

E quando tempo você morou lá?

Sozinha?

É.

Depois disso, uns dois anos morando sozinha. Daí eu não namorei serio depois desse tempo. E aí eu fiquei assim, tinha sábado que eu ficava sábado inteiro em casa, até as meninas me ligavam, vamos fazer alguma coisa, mas eu tinha essas fases, assim, que eu não ficava bem e até que eu resolvi: “Chega eu vou voltar”. Até por isso que hoje, assim, é, pra mim, eu estava saindo porque eu não gostava do ambiente militar e sim, realmente não tem nada haver comigo, mas hoje eu vejo que eu não estava conseguindo lidar com esse “estar sozinha”, sabe? Então, assim, hoje na minha cabeça é uma coisa, assim, não dei conta de ficar lá mais do que as complicações que tinham, mas não era nada assim. Nunca passei nenhuma coisa grave lá, muito pelo contrario, me dava bem com todo mundo, trabalhava bem, mas aí acabei voltando, assim. E lá eu tinha um prazo só podia pedir baixar no final de abril, então se eu não pedisse naquele abril, eu ia ter que esperar mais um ano pra sair, se não eu ia ter que devolver todo meu salário, tudo o que eu tinha ganho até aquele dia, daí tem que ficar mesmo. Aí eu passei em um concurso na prefeitura de Paulínia, então eu falei: “Ah, eu passei vão me chamar”, só que nunca me chamaram para esse concurso. Então, eu pedi baixa e voltei para casa dos meus pais. Aí, olha só, como eu voltei querendo sair, eu guardei tudo, todos os móveis num guarda móveis, e assim, todo mundo falava Sonia vende, eu : “Não imagina, daqui a pouco eu vou sair, né, daqui a pouco eu vou para Paulínia ou vou achar alguma coisa, e vou mudar”. Nisso eu fiquei um ano aqui em São Paulo de novo, aí eu estava terminando uma pós e comecei, aí, voltei, fui para o Crescere [instituição de atendimento psicológico voluntário], vou sublocar um horário em um consultório e foi assim, meio assim, tal, dias depois que apareceu uma escola. Aí eu já estava super instalada aqui em casa, de novo e tal e aí eu comecei a trabalhar aqui e sempre com essa coisa, assim, será que eu vou ficar em São Paulo e tal, até que durou uns dois anos que eu falei: “Quero ficar aqui, estou investindo no consultório e tal”. E hoje eu sinto que é uma escolha estar aqui. Mas

todo esse tempo você viu que eu não sabia, eu ia e voltava, não sabia direito, e as circunstancias me levavam para algum lugar, hoje, que eu acho que eu tô mais firme.

E como é estar aqui de volta?

Depois que eu trabalhei?

É, os fatores que te motivaram a voltar para casa dos pais, porque uma vez autônoma novamente, porque optar por voltar a casa dos pais ao invés de morar sozinha, como se deu tudo essa escolha?

Então, de novo, quando eu voltei demorou a cair a ficha: “Nossa voltei para casa dos meus pais”, e de novo tudo diferente, e aí a questão financeira era pesava muito, porque agora não tenho mais salário, eu tinha um dinheiro guardado, por isso eu paguei a pós, e tal mas era assim você não sabe até quando e tal. E aí eu senti de novo bastante essa segunda volta, acho que até um pouco mais, porque aí eu tive uma independência que não tinha tido em Sorocaba, né, aí quando eu comecei na escola, que começou aquela loucura de trabalhar o dia inteiro, daí eu fiquei dois anos sem sentir isso, porque eu estava tão na loucura, de trabalhar tanto, das sete da manhã às dez da noite, que eu nem senti, aí eu fui sentir de novo, começar a pensar de novo, que foi quando eu sai da escola, no final de 2008, que comecei no consultório e as coisas começaram a se ajustar e eu pensei: “Eu quero sair de casa, eu quero sair de casa”. Só que aí, por conta do consultório, eu não tinha coragem. Eu pensava se eu ganhar tanto no consultório daí eu saio, e assim, você nunca consegue administrar desse jeito. Aí teve uma reviravolta na minha vida no ano passado, porque, assim, a minha irmã se casou no ano passado, em marco de 2010 e aí aconteceu uma coisa muito seria, que ela se separou um mês depois. Colocou a família inteira de cabeça para baixo, assim, e aí nossa, eu revi muita coisa, muita coisa da minha família e tal e aí foi uma época muito difícil Cinthia, nossa foi uma fase...

Ela voltou a morar com vocês?

Voltou, ela voltou pra cá [estávamos na casa da mãe dela].

Hoje ela está aqui?

Então, vou chegar aí [risos]. E aí foi difícil e tal e apareceu uma proposta de trabalho para voltar para o cursinho meio período. E eu tinha muito medo de voltar, pois eu pensei: “Gente vou ficar doente de novo, vai ser aquela loucura de novo, não sei o que”, mas pensava: “Meio período Sonia será que você não da conta?” Porque meio período ia ser o dinheiro que eu preciso do aluguel, sabe assim, né, e aí quando apareceu a proposta eu falei quando ele me contratar eu vou dar um jeito nem que todo dinheiro que eu ganhe no cursinho eu pague as contas e o resto eu me viro.

Então você tinha intenção de sair de novo?

Tinha, tinha, e aí o que aconteceu por conta da minha irmã ter voltado, aí teve um dia que me deu um estalo, porque aí, eu estava por aqui [cheia] de estar em casa, porque com a volta da minha irmã piorou. Isso também, porque, assim, minha irmã saiu, a casa se ajustou, minha irmã voltou, parece que a casa ficou aquele monte de gente de novo sabe assim, de novo eu não tinha espaço, e aquilo foi crescendo e foi crescendo.

E esse espaço você diz em espaço físico mesmo ou em espaço emocional?

Também, principalmente emocional, também físico, mas principalmente emocional, assim, aqui a gente é muito assim [fez um gesto unindo as mãos]

Unidos?

Isso, hoje eu estava na terapia e ela disse “mistureba”, porque é assim que eu sinto, a gente é muito assim. Então, minha mãe sabe o que eu faço, o que minha irmã faz, eu sei onde meu pai está, sabe?

É tudo muito junto, de um jeito que faz mal, sabe, e aí eu comecei a sentir aquilo, e eu precisava sair de novo, cuidar da minha vida, sabe, eu precisava botar um rumo na minha vida, sabe, vai ficar assim todo mundo junto até quando? Esse bloco, sabe assim. Aí eu falei, a minha irmã tem um apartamento em Jacareí que ela comprou quando ela casou e eu falei assim: “Cibele se eu voltar para o cursinho, que eles ficaram de me dar uma resposta, se eu voltar você deixar eu pagar um valor simbólico e morar na sua casa?”. Ela pensou durante uma semana e depois de uma semana ela falou: “Sonia vamos morar juntas? Nós duas?”. Daí eu falei vamos, daí uma ajuda à outra. Porque por mais que eu tivesse isso, sabe, de não eu preciso sair, preciso, eu estava com muito medo, eu tenho medo até hoje, eu fico achando que eu não dou conta, sabe assim.

Mas você acha que você não dá conta em que sentido financeiro ou emocional?

Então, eu sempre pus a culpa no financeiro, mas eu sei que é no emocional.

Porque pelo o que você falou você tem um trabalhando fixo de vinte horas e mais consultório.

Sim, está tudo engrenado, só eu sempre ficava com isso, eu não vou dar conta. Que eu acho que eu era o que eu sentia em Santos, mas eu não dava conta, como se eu não tivesse amigo, como se eu não tivesse família, tem pra quem ligar, mas é um medo assim, como vou dizer, é um medo irracional. E eu sei que foi ótimo porque a gente está morando lá faz um ano.

Ah, então vocês não estão morando aqui? Então você saiu de novo? [risos] pela terceira vez!

Então, e pelo o que a gente vem conversando, até na minha terapia, assim, acho que é definitivo, acho que agora a gente saiu de vez.

E saiu você e sua irmã?

Isso e agora eu sinto que eu sai por escolha, não foi por faculdade, porque eu passei num concurso e era lá em outro lugar, não eu sai porque eu quis ter a minha casa.

E como está sendo porque você acabou levando um pedacinho da sua família junto? Faz um ano agora?

É verdade, né, Cinthia. [risos]

As negociações entre vocês, e aqui agora com seus pais, como está a relação?

Então, no começo, assim, eu e minha irmã a gente se estranhou um pouco porque acho que as duas queriam mandar na casa, assim, mas um dia a gente conversou, foi aquela choradeira, aquela roupa suja. Daí a gente conversou e tal e eu acho que a gente está muito entrosada assim, até em questão de dividir as coisas, se uma não faz a outra faz, então está tudo bem porque a outra sabe que vai fazer, então tá bem assim. E é engraçado porque uma ou duas noites, eu não lembro se foram duas, mas acho que pelo menos uma noite da semana minha irmã dormia aqui [estamos na casa dos pais] porque ela não dirige e tal, então ela tinha que, sair muito tarde do Instituto e ia muito cedo então ela ficava aqui. E eu adorava: “Aí que delícia, a casa só pra mim, que gostoso e tal”, só que agora ela está dormindo a semana inteira mesmo lá e eu sinto falta quando ela não está. Eu fico bem, gosto também, mas assim, eu até pensei nisso eu queria tanto ficar sozinha e eu tô gostando quando ela está. Aqui, é assim, pra gente é um porto seguro, aqui, então qualquer coisa a gente corre aqui, sabe assim. Até teve um dia que eu fiquei doente, pensei: “Ah, não vou pegar estrada agora, a noite, vou ficar aqui, ou quando a gente sai, sabe assim. Mas é, eu sinto, a gente, nós duas, eu e minha irmã, que para eles acho que foi muito mais difícil dessa vez, porque parece que eles querem saber mais e cuidar mais, porque acho que eles viram mesmo que agora foi definitivo, né, assim pelo menos foi diferente, assim, eu vejo que, as vezes, a gente chega e eles querem fazer e querem saber. E eles, minha mãe, vira e mexe fala: “Dorme aqui hoje”. [risos]

E como você lida com isso?

Às vezes eu fico irritada, às vezes eu fico irritada, assim, às vezes eu fico, ah, essas coisas de cobrar: “Porque minha mãe não me empurrou mais para o mundo? Eu sofro tanto por causa disso”. Essas minhas inseguranças mesmo, eu acho que é muito disso de ser sido criada muito assim, sabe?

Assim?

Protegida, é e muitas vezes eu fico porque que não me ajuda?

E você sente que é só da sua mãe ou do seu pai também?

Ah, dos dois, dos dois, com certeza. Os dois, mas hoje eu acho que eu fico menos irritada.

E você expressa essa irritação pra eles?

Expresso, eu falo assim: “Mãe a gente saiu de casa”. Às vezes quando eu to mais tranquila eu brinco: “Ai mãe, você tá sentindo muita saudade das filhinhas?”, sabe assim, meio brincando, mas às vezes eu falo: “Mãe, não é mais assim e tal”. Mas eu acho que eles também respeitam muito o espaço, então, é, não ficam invadindo, indo lá, sabe? Então, acho que eles também dão espaço. Acho que eles sofrem, mas eles também conseguem dar o espaço. E aí é engraçado algumas coisas, a minha mãe fala, porque a minha mãe fala bem mais que o meu pai, ela fala alguma coisa assim: “Sonia como você consegue resolver as coisa, né?”, por conta de ver isso, querendo dizer assim: “Oh, você está conseguindo, você está dando conta”, então as vezes ela fala umas coisas assim, as vezes ela fala assim: “Nossa como você está passando bem suas roupas”, sabe umas coisas assim. [risos] Acho que eles também acabam vendo, acho que minha mãe acaba vendo mais a necessidade do que o meu pai, mas pra mim, Cinthia foi crucial, me fez muito bem, mesmo indo morar em Atibaia que é um horror, sabe assim, eu não gosto de nada em Jacareí, não gosto de pegar estrada, tudo lá, é muito diferente, mas assim, mesmo abrindo mão vamos dizer de uma coisa melhor, porque aqui eu to muito bem instalada, tudo fácil, não sei o que, mas mesmo assim valeu a pena, sabe.

O que você sente? O que é esse valer a pena?

Eu acho que eu voltei a me sentir mais segura, sabe Cinthia, de ver que eu dou conta das coisas, quando eu digo dar conta, é coisa boa, sabe que você acha que não consegue, sabe, eu gosto de ver, por exemplo, que eu consigo dar conta da casa, dar conta de tudo o que tenho pra fazer, de pagar as contas. Pois eu tinha uma fantasia assim, eu não ganho tão bem quanto eu ganhava na aeronáutica, então não vou conseguir, mas até na profissão eu fiquei mais segura, até por isso eu acho que o consultório deu uma deslanchada, sabe, de estar mais segura, planejar mais as coisas, de fazer planos, então eu acho que nesse sentido assim, acho que.

E a relação agora ficou menos “aglutinada” ou mantém esse vínculo?

Eu acho que a gente mantém. Acho que essa coisa assim de almoçar, eu ia falar de almoçar domingo, mas acho que isso é normal, mas eu acho que todo mundo continua sabendo o que todo mundo está fazendo, todo mundo fica sabendo da vida de todo mundo, é...

Com que frequência vocês se falam?

Ah, todos os dias [risos] então, você vê.

E parte de quem?

Com certeza de mim e da minha irmã. Porque minha irmã vem almoçar aqui todos os dias, eu assim, quase todo dia eu passo aqui para tomar café, a noite, sabe assim, quase todo final de semana a gente dorme aqui, porque a gente não faz nada lá, então a gente vem sai aqui e fica aqui, sabe

assim. Eu gosto também de ficar aqui, mas também gosto de ter o meu canto, sabe. É, mas eu acho que foi mais assim, quando eu digo que valeu pena mais no sentido de eu ter amadurecido, de cuidar das suas coisas de novo, né, de ter as responsabilidades mesmo.

E só para eu focar no tempo que você tinha voltado, quanto tempo você ficou aqui na época da aeronáutica?

Quatro anos.

E durante esse tempo aqui, quais eram os aspectos positivos e negativos de estar aqui para você?

Negativos, é, acho que não ter a casa do meu jeito, meus horários, de não ter também essa coisa de ficar quieta, porque é engraçado isso, eu sou muito quieta, normalmente, eu gosto assim de ficar quieta e minha mãe fala o dia inteiro, assim, é dela. Então eu sentia falta de ter o meu canto. Ah, uma coisa que me irritava assim profundamente, é bobeira, mas me irritava, eu entrava no quarto e tinha coisa que não estava do meu jeito, então, às vezes eu não achava um sapato que eu tinha deixado no chão, sabe, que estava guardado. Então é nesse sentido que eu falo assim, que no físico que a gente se mistura, só que não é só no físico. E aspectos positivos, eu acho que eu me sentia segura, eu acho que tinha essa coisa assim, é, de me sentir segura mesmo, de saber que eu não precisava me preocupar, que a casa estava aqui, as coisas estavam aqui, é, acho que esse era um aspecto positivo.

Enquanto você estava aqui, você ajudava com alguma despesa, com as questões da casa? Como eram as divisões?

Não, nunca ajudei financeiramente, da casa sim, eu cuidava da minha roupa, na época que eu trabalhei na escola não, depois eu comecei a cuidar da minha roupa, arrumava cozinha, isso eu fazia sempre, e o resto é tudo minha mãe, minha irmã nunca fez nada.

Sua irmã é mais nova?

É. Então, assim, mais a parte das minhas coisas que eu cuidava e da louça que ficava por minha conta.

E você percebia dos seus pais, as vezes que você saiu, se eles favoreceram essas saídas ou não?

Hum, se eles favoreciam? Eu acho que sim. A faculdade desde criança meu pai falava, quando você crescer você vai fazer faculdade fora, então eu já cresci sabendo que eu ia fazer faculdade fora. E acho que eles incentivavam sim, de eu estar lá, em Pirassununga também, eles ficaram muito felizes quando eu passei no concurso, acho que a mais difícil mesmo foi essa saída, essa de agora.

Por quê?

Então, então, não sei se, não sei o que eles pensavam no sentido, hoje, eu penso isso, eu acho que por eles serem mais tradicionais eles tinham uma coisa assim: filha só sai de casa se casar. A não ser que tenha que estudar, pra trabalhar, mas pra que na mesma cidade? Sabe assim, então, ainda mais por ser Atibaia, por toda história que aconteceu. Vocês vão morar lá? Como assim? Sabe, então eu vi que não foi uma coisa, mas eu também não dei muito espaço não, eu tive a idéia, eu resolvi e falei: "Tô indo", mas eles falavam: "Tem certeza? Assim?". Então, agora a gente está querendo sair de lá e eles ficam o tempo todo: "Se precisar a gente ajuda no aluguel aqui em São Paulo", sabe umas coisas assim, então, acho que dessa vez não. Foi mais estranho pra eles.

E pra você, quais foram as vezes mais favorecidas e as menos? Como você sentiu?

Então, as outras, acho que eu não sofria muito na saída não, acho que ia caindo a ficha depois, mas eu nunca me arrependo, eu sou muito assim, depois eu sofro. Deixa eu fazer o que eu tenho que

fazer e depois... A de Sorocaba talvez um pouco mais, na primeira semana, que eu estranhei mais, fiquei com muito medo de ficar ali sozinha, mas as outras, eu acho que sempre assim, com uma expectativa boa, com será que vai ser em tal lugar, né, vida nova. Então acho que sempre foi assim, a saída.

Para fecharmos, de uma forma mais global, que fator mais te motivou para voltar?

Pra voltar? Acho que é minha insegurança Cinthia, eu acho, que é que nem você perguntou, eu estava autônoma, porque você não resolveu ...eu já tinha pensado assim, eu podia ter planejado minha saída de Pirassununga, eu trabalho, deixa eu ver o que dá para fazer, sei lá, é, eu acho que insegurança, acho que por isso que está sendo tão diferente dessa vez porque está mais claro pra mim que eu tenho isso.

Que bom. Tem mais alguma coisa que você ache relevante.

Acho que não eu já falei tanto! [risos]

Obrigada.

Obrigada você Cinthia.

ENTREVISTA COM A MÃE

Começando nossa entrevista, eu gostaria de saber a configuração da família, quem são os membros, as idades? Só para eu entender porque na hora que eu estava conversando com a Sonia eu não perguntei.

Ah, sim, o Geraldo, o pai, tem sessenta e um, e eu, tenho cinquenta e seis, Cibele, com vinte e oito e a Sonia com trinta.

Vamos focar na Sonia devido às idas e retornos a casa dos pais, quando ela saiu pela primeira, segunda ou terceira vez vocês imaginavam que ela sairia e voltaria? Como foi essa primeira saída, depois falamos das outras.

Sim, o vestibular e ir para faculdade, ah, imagina porque era um sonho dela sair, é o que ela mais queria era sair e estudar fora e tanto é que já passou da primeira vez, né? E ficou muito feliz, nós ficamos felizes, felicíssimos porque era uma faculdade ótima, né? Mas tem aquela coisa de mãe, aquele aperto no coração, aquela coisa de cortar, aí foi ruim. Quando eu deixei ela em Sorocaba, que já foi pra ficar mesmo, no começo das aulas, nossa, eu vim de lá aqui com lágrimas escorrendo e meu marido não podia falar comigo que já dava aquele nó em mim. Mas eu sabia que era para o bem, ela estava feliz, estava felicíssima, ainda mais foi morar sozinha. Depois que foi assim, fez amizade, montaram a república lá, o apartamento delas, que moravam em três, aí foi uma beleza, mas ela morou uns seis meses sozinha numa edícula, sabe, então a minha preocupação era essa de ficar sozinha, mas ela se dava tão bem, se deu tão bem. Eu é que sofri aqui, aquela coisa de mãe, mas pra ela foi ótimo.

E esse sofrimento era o que, por exemplo?

O sofrimento era aquela saudade, um medo, medo, principalmente, será que ela vai saber se virar sozinha? Será que não vai acontecer nada? Ela ir de ônibus para faculdade e se, né, medos assim de assalto umas coisas. Não em relação a atitude dela por ela ser madura ser do jeito que ela é assim, responsável, não essa parte, mas as coisas do mundo, sabe? E de se virar assim de comer, de arrumar a casa, arrumar as coisinhas dela, isso eu sei que ela sempre soube fazer, mas é medos em

relação às coisas de fora, mas quando foi, foi ótimo porque eu sabia que ela tinha saído consciente, do jeito dela de se virar de responsável . Eu sofria nessa parte.

Com que idade ela saiu pela primeira vez?

Terminou o colegial, uns dezoito.

E depois ela voltou?

É ficou cinco anos na faculdade ai voltou pra casa, eu achei que ela ia começar a trabalhar aqui, mas daí começou a prestar concursos ai foi quando ela começou a prestar pela academia da força aérea, que eram só três vagas. E lá inclusive entrou em Santos e foi embora de novo, mas nisso já fazia um ano que ela já estava aqui, que é aquela volta terrível de desemprego que não sabe o que vai fazer e ficou em casa, então foi difícil pra ela, porque ela queria, pensou em ir pra vários lugares, não sabia se abria consultório ou o que fazia, então foi prestar concurso e vários, e nesse ela passou. E acho que passou em outros, mas muito longe daqui, em outros estados, então não foi e eu sei que quando ela foi para a academia que ela foi, né, fazer aquele curso em Curitiba de aperfeiçoamento pra depois ir pegar a vaga dela em Pirassununga. Nossa, foi uma luta, ai entrou um outro tipo de preocupação, em mim, porque eu falei agora eu sei que ela vai, não vai voltar mais, a não ser casada, então pensei comigo assim, né, falei bom, agora já é mais adulta ainda, dona do seu nariz, vai ter o seu dinheiro, o seu, e sei que foi o que aconteceu, daí ela ficou, né, uns três anos, que ela ficou em Pirassununga, é acho que três anos.

E nessa ida dela como foi pra você? Já foi diferente o fato dela ir?

Ah, foi mais madura, eu já estava mais assim, a aceitação foi maior porque eu sei que ai, já é mulher, dona do seu nariz assim, já esta profissional, então, eu procurei aceitar, mas aquela coisa aquela saudade, aquela preocupação de coisas, assim que podiam acontecer, ainda mais ela já adquiriu carro. Então pra mãe já é outra preocupação porque sabia que ia estar pra cá e pra lá e fazia curso não sei aonde, e vinha e voltava à noite, então eu ficava sempre pensando, a preocupação de coisas, de acidente, sabe?

E você manifestava essa preocupação com ela?

Manifestava.

De que forma?

Ah, às vezes eu falava, com perguntas, mas nunca fui assim é direta, sabe, pra não ficar amolando, eu sei que ela nunca gostou de ficar perguntando. Então, no final ela parava até de falar que fazia um curso em outra cidade porque eu sempre ficava com aquela antena ligada, será que ela está na estrada, será que ela está naquela cidade, sempre a noite, isso eu sabia, porque durante o dia ela trabalhava então a minha preocupação era em relação com essas coisas assim, de ela sair sozinha e acontecer alguma coisa. É esse meu medo. Até entrei na terapia porque eu estava ficando assim, muito preocupada com essa parte, e isso você se torna chata, porque só fica perguntando para o filho: “ah, você vai sair? Aonde você vai?”. Que nem essa semana, ah você vai fazer tal coisa?

Mas mesmo a distancia você perguntava?

A distância eu ficava perguntando.

Você ligava?

Eu ligava, assim não todos os dias, mas sabe quando a gente conversa e daí ela falava ai eu vou ter que fazer e eu toma cuidado na estrada, e ela nunca gostou que eu fiquei pegando no pé dela. Eu parei com isso, lógico porque aquelas coisas de mãe, assim, muito preocupada. Mas pra ela foi ótimo

tudo isso que ela fez, eu senti que ela ficou muito melhor, porque a Sonia sempre foi muito carinhosa, muito atenciosa, não que a Cibeles não seja, mas a Sonia porque filho, um é diferente do outro, né, eu que tenho dois, imagina quem tem mais, né, é a Sonia tem um lado muito diferente do que a Cibeles. A Sonia é assim comigo e com o pai dela muito carinhosa, muito atenciosa, tem um lado assim diferente, a Cibeles já é mais seca. Não que nos ame, mas ela é aquele jeito que não gosta nem de que de beijo sabe, porque eu sou muito beijeira, então eu chego e já ai vai dar beijinho, abraço, ela, mas é meu hábito, e a Sonia assim aceita, sempre gosta ou parece, gosta, sempre viaja mais comigo, a Cibeles já não gosta muito de viajar, gosta de ir sozinha, mas não assim mais com a família, sabe, a Sonia não a gente convida pra ela, vamos passar um final de semana em algum lugar? A Sonia aceita, a Cibeles, ai eu não posso, sempre tem uma desculpa. Mas a Sonia sempre foi assim, desde adolescência, a Cibeles já era mais rebelde, a Sonia era mais doce. Então eu sempre tive, não que eu não tenha preocupação com Cibeles em relação a essas coisas que eu estou te falando porque a Cibeles fora também, viaja todo dia, mora em Jacaré, e pra cá e pra lá, mas eu não sei eu tenho uma coisa assim, um pouco mais diferente, um pouco mais com a Sonia.

E continuando...

Eu não sei se eu estou respondendo, estou falando o que vem no meu coração.

Isso, mas é essa mesma a intenção e se eu precisar eu vou direcionando algumas perguntas. Continuando, então, ela foi para Santos e voltou e como foi esse retorno?

Ah, quando ela voltou, eu fiquei muito chateada dela ter deixado a carreira dela, foi difícil Cinthia aceitar sem falar.

Mas você não falou?

Não, depois de muito tempo, quando ela tomou a decisão que ela ia abandonar a carreira, porque não era o que ela estava, não estava satisfeita, da psicologia ela ama, mas o modo de trabalhar com os militares e toda aquela coisa lá o regime interno da academia, da aeronáutica, essa parte ela nunca estava bem. E como ela já tinha alugado aparentemente, seria nove anos. Estava tudo tão bonitinho, tudo arrumadinho, eu tinha sonhos que tudo aquilo ia permanecer os nove anos, que já estão, se ela estivesse lá, já estariam para terminar, parece que esse...

Porque nove anos, o que seria?

Ela passou nesse concurso, mas é aquele temporário, de nove anos.

E após os nove anos o que acontece?

Ai você teria curso, ou você tem que pedir baixa, como ela fez, no terceiro ou no segundo ano, que ela saiu de lá e terminou esse prazo do concurso, ou você prestaria um novo concurso ou então você sai, igual muitas colegas dela, a Fernanda que já estão saindo também porque já estão pra terminar os nove anos. E eu assim sentia, nossa um emprego daquele, pensei assim uma carreira muito boa, ficamos muito felizes e acho que ela ficava maravilhosa naquelas fardas, e me dava aquela coisa, linda mesmo, e pensei nos talvez apareça o príncipe da Sonia, sabe aquele sonho, quem sabe, né. Enfim, realmente apareceu um namorado, mas realmente não deu certo, tudo bem com essa parte, mas quando ela falou em voltar eu fiquei assim, muito triste, porque eu falei como ela vai arrumar outro trabalho aqui em São Paulo, começar tudo do zero, do nada, né, até fazer seu nome como psicóloga ou então algum firma. Eu sei que ela não ia trabalhar porque ela não tem jeito de trabalhar em firma, assim com horário, tudo certinho, de entrar e sair, eu tenho certeza, e não era o ramo dela, porque eu sei que ela queria clínica, né, que sempre gostou disso, então pra mim foi muito triste ela ter saído de lá.

E você chegou a opinar?

Depois eu falei pra ela que ela não devia ter deixado, que essa era minha opinião, que ela não deveria ter deixado por isso e por aquilo pelos motivos do salário e da vida dela, depois...

Na hora dela tomar decisão você não opinou?

Não, não opinei, deixa. Meu marido também ficou muito triste, mas não pudemos falar, porque era o que ela queria fazer, né? Em deixar, foi triste sabe, arrumar as coisas dela pra voltar, a mudança toda, realmente foi muito triste.

E como foi essa chegada dela aqui, porque com a saída, ela ficou vários anos fora, e daí de retorna, volta um filho. Como é para o casal?

Ah, muda totalmente.

Isso que eu gostaria de conhecer um pouco o que muda?

Então, porque ela, já era, assim, morava sozinha, eu não sei se ela, eu não sei te explicar. Temos que adaptar novamente toda nossa vida aqui, então eu falava, mas você não quer chamar seus amigos aqui? Então, essa parte parecia que ela, elas, as minhas filhas, nunca quiseram, por exemplo, dar um jantar, nós dois poderíamos sair ou ficar lá para dentro e elas chamarem quem elas quisessem, então essa parte elas nunca fizeram porque parece que elas não tem essa liberdade. Não sei, é uma coisa que a gente sempre ofereceu, mas elas nunca quiseram, e assim, essa parte da recepção dos colegas, não vou dizer que não vêm, quando elas estavam morando aqui, agora não estão mais, mas eu senti essa falta, e senti que ela já num sentia mais é, como se diz, bem, a vontade, porque parece que as coisas dela já estavam atrapalhando, não cabiam mais aqui em casa. Porque você vê, você tem dois, três quartos, aí você se adapta aquilo, aí vêm uma mudança, não tinha um lugar para colocar toda, aonde colocar, tanto é que ela alugou um lugar para colocar todas as coisas dela, armário, já não cabia mais. Atrapalhando, eu sentia que ela sentia, que ela estava demais, e começou a ter aquele problema, ela queria trabalhar e não tinha emprego, daí começou tudo novamente, aquela espera do consultório, aquela espera de aparecer alguma coisa, o que fazer se abria consultório ou se ..o que fazer? E sei que ela ficou um tempo aqui e eu tive que curtir com ela as tristezas, sem poder falar: “está vendo? Porque você deixou aquele emprego?”, mas que vinha toda hora aquilo em min vinha, mas eu não podia falar porque eu estaria só ao invés de ajudar. Eu imaginava que estou mais atrapalhando em falar isso do que, não estou dando nada de positivo pra ela, nada de animo em ficar falando porque você deixou? Deixou porque foi consciente, depois eu senti isso, mas eu sentia eu ela se sentia assim, que atrapalhava, mas eu gostei de ela ter voltado, apesar de todas essas coisas, que ficou pequeno o apartamento pra muita gente, e assim, não sentir mais a vontade.

Você não sentia?

Ela, eu achei que ela não sentia mais a vontade, aqui em casa, ela queria ter o espaço dela, mas as condições, o que tinha, de voltar para casa. E ela foi muito bem acolhida. Depois apareceu o trabalho numa escola, né, depois ela começou com consultório, depois foi melhorando, foi melhorando ate que...

Daí ela se adaptou?

Se adaptou. Nossa, se adaptou muito bem, e eu daí vi que ela já estava muito bem aqui.

E como eram as negociações, porque ela já era uma pessoa autônoma, vocês dividiam as coisas da casa?

Ah, sim, da parte financeira?

Financeira e do dia a dia também, enfim, num geral.

Então, quando ela não trabalhava, ela me ajudava, porque eu não tenho empregada, só tenho diarista e sempre foi nesse esquema aqui em casa, então na parte assim de dividir tarefas, ela fazia alguma coisa, porque ela passou a estudar bastante pra prestar concurso, pra fazer isso e aquilo. Então, e ela era voluntária mais vezes no Crescere, então eu sei que ela pegou varias tarefas, mas no tempo livre dela, ela sempre dava uma ajudada em alguma coisa, ou na cozinha, sempre ela foi me ajudar em alguma coisa, lavar uma louça, a roupa dela ela que cuidava, a cama dela, e agora limpeza, é a mulher que sempre, né. E na parte de dinheiro meu marido que sempre, ela nunca fez nada mesmo, imagina, absolutamente nada, de ninguém, das duas jamais inclusive ele fala se precisa pede, se quiser alguma coisa a gente ajuda no que precisar, mas nessa parte, não.

O seu marido faz o que?

Ele é tradutor numa Empresa.

E você?

Eu fui professora e desde que a Sonia nasceu eu nunca mais voltei a trabalhar, deixei assim de uma vez, sabe, mas eu sou voluntária, missionária na oficina de oração, há muitos anos. Então eu também tenho as minhas coisas durante a semana, mas assim remunerado não, só pra pessoas mesmos.

Então você acha que nesse retorno mudou a rotina de vocês, mas depois vocês acabaram se adaptando?

Pra mim principalmente porque eu é que ficava mais com ela, porque ai eu tive que, assim, além de preocupar, entender o que se passava com ela, o que ela queria da vida, né, os altos e baixos, porque ai começou dois meses, três meses ai tudo bem, a partir desse tempo eu me lembro que ela começou a ficar mais irritada, então tinha que ter muita psicologia no modo de falar com a Sonia, qualquer coisinha que já parece que ofendia. Então foi uma parte delicada na minha vida, eu ficava pensando comigo, nossa o que é que eu vou fazer agora? Porque a Sônia já é uma mulher, com todas as suas vontade, de sair, de receber, de fazer isso e fazer aquilo, e aqui, parece que ficou um pouco amarrada, às vezes a gente falava qualquer coisa e ela não gostava, eu falava qualquer coisa e ela não gostava, então eu fui assim, me calando, parei de falar, falei assim, tenho que deixar a vontade.

O que você falava, por exemplo, que incomodava?

Assim, eu gosto das coisas um pouco em ordem, e se ficasse coisa para o meio, eu sei que ela ia fazer, mas cada um tem seu horário, e eu não aceitava isso, tinha que ser o horário que eu queria, não sentido assim, então, vamos arrumar isso agora, vamos arrumar o quarto agora, vamos arrumar a área de serviço, coisas assim do dia a dia, só que cada um tem o seu tempo, né, e não era no meu tempo, então eu comecei assim a falar, eu já estou, passando a incomodar. E são coisas que me ajudaram a crescer também, porque quando é criança você que domina tudo, né, depois que tem suas idéias próprias, que faz isso e faz aquilo você tem que aprender a separar. Então também me ajudou, no crescimento, no convívio, e entender que cada um tem seu tempo das coisas, então, não sei se eu respondi Cinthia.

Ai ela ficou quatro anos aqui e agora ela mencionou que saiu de novo.

Saiu de novo, nossa...

E como foi essa historia?

Então, primeiro saiu a Cibele que se casou, casou e depois não deu certo, você já sabe, né? E quando a Cibele saiu foi assim, nossa aquela coisa mesma de mãe quando o filho já vai embora. Ai foi pior porque ai eu falei agora casou, então é uma coisa muito diferente do que ir estudar fora, e trabalhar agora é definitivo mesmo, né. Depois veio toda aquela decepção, a Sonia ficou mantendo e

me apoiando e assim me ajudando muito, ela foi muito solidária com tudo o que nós vivemos aqui, que não foi fácil. E eu sei que depois que aconteceu tudo isso, depois que a Cibeles voltou pra casa, imagina só uma coisa, aí a Cibeles volta, a Sonia já estava com o quarto só pra ela. Nós temos três quartos, mas um é sala de televisão, as duas dividiam o quarto, quando a Cibeles se casou a Sonia ficou e falou que logo também ia já, dependendo da situação dela, já ia sair, eu rezava: “ai tomara que ela não saia”, [risos], sabe aquela coisa? Ah, não, não pelo amor de Deus já não. [risos] Uma saiu deixa a outra quietinha. Falei, bom, agora tem espaço no armário. Bom, aí ficou rapidinho e logo acontece tudo de novo, aí a Cibeles volta pra casa. Daí eu falo, Meu Deus do céu o que é que vai acontecer, até a nova se adaptar aquela situação, aquela coisa horrível, aquele trauma, vergonha, decepção, assim, parece que a gente está lá, no fundo do poço. E, bom, aí nossa família se uniu mais ainda, porque a gente aqui é unido nessa parte assim, de dividir os problemas, de se apoiar, sabe? Pode superar tudo junto. Aí eu falei bom, agora, estamos com as duas aí de novo, bom, agora, aquele sentido assim, eu estou mais tranquila, porque mãe acha assim: se está vendo os filhos, então acha que está tranquilo, mas eu me enganei porque depois as duas combinaram de ir morar juntas. Aí, saíram de novo e saíram de uma vez.

E você?

Gente, mas eu me senti tão vazia, tão vazia, eu falava: “Ai Meu Deus, elas resolveram”. Uma, a Sonia mais uma vez com a solidariedade dela foi morar com a Cibeles, pra apoiá-la e para poder fazer, levantar de tudo, por que a Cibeles, eu acho, não teria coragem de ir morar sozinha, no apartamento dela. Aí a Sonia foi, né, aí agora foram de uma vez, assim. Então, quando eu entrava no quarto, agora eu já me acostumei porque as camas estão aí, porque às vezes elas vem aqui de final de semana ficam aí, às vezes vão embora, as vezes não, mas os armários vazios. Então realmente é difícil.

Como foi esse impacto?

Ah, ah, agora, não é que perdi, não se fala perdeu, eu falava eu tenho que aprender a aceitar isso, e porque eu já estava um pouquinho mais madura, assim, mais firme, assim, no meu modo de ver. Porque entender que o filho não é para a mãe, é para o mundo mesmo. Aí entendi, essa parte, aprendi muito com isso, sabe Cinthia, juntou tudo, assim, eu entrando na menopausa, porque já é um problema na vida da gente porque existem essas alterações hormonais que você sabe, né, já estudou também. É muito difícil, então, vivendo a menopausa você fica assim, parece que mais aérea, mas eu procurei, assim, é, fazer mais coisas assim, atividade física bem mais, estou fazendo um monte de coisas. Já, é, sempre fui ligada a parte física, mas agora podendo fazer amizades, é, não que vou falar preencher meu tempo, porque eu que cuido de tudo, então é muita coisa pra fazer, mas não basta, porque falta a presença delas aqui. Falta ainda, sabe, e o dia que não vem, que nem hoje, veio a Sonia almoçar, tem dia que elas vem almoçar, tem dias que vem tomar um lanche, final de semana é sagrado, mas durante a semana parece que fica uma eternidade. Eu já estou acostumada assim de fazer, então, tudo diminuiu, eu vou fazer almoço é pouca coisa, eu vou fazer um lanche da tarde é só para o Geraldo e pra mim, então, é assim, eu sinto essa falta, eu sinto muita falta, dessa parte, delas em casa.

Faz quanto tempo essa saída?

Então, vai fazer um ano agora em agosto, que elas foram mesmo, que foi em maio, agosto, final de julho, comecinho de agosto elas já estavam lá, que foram definitivo. Mas eu sinto muita falta delas em casa.

E como você estabelece essa ligação agora que elas saíram?

A ligação em que sentido? De ligar?

De estar sempre ligando para elas?

Não eu já estou mais assim, mais segura, sabe?

Você no estava?

No começo não, porque entrava uma outra preocupação: do ex da Cibele, de achar que ela estava provocando, fazendo alguma coisa, então eu tinha assim um cuidado, é, com as duas, com a Cibele por ser a envolvida e a Sonia por que ele não gostava da Sonia, aliás ele não gostava de ninguém de nós, mas a Sonia ele sempre teve uma implicância porque ela desde o começo tinha percebido que ele não era boa pessoa. Então, aí, aceitou, tolerou porque a irmã diz que amava e eles iam se casar, tanto é que ficaram juntos o tempo todo, os dois três anos que ficaram juntos. Então tinha essa coisa de 'pé atrás', não vou me estender porque é muito longo, mas então eu tinha preocupações porque morando no mesmo apartamento que, né, e a Sonia junto, então eu ficava com, cuidado, às vezes eu ligava a noite pra saber se a Sonia já chegou? Porque passava mil coisas ruins na minha cabeça, mas aí, agora, a coisa já deu uma maneirada. Mas assim, eu ainda passo e-mail para a Sonia, mensagem, se está tudo bem, mas não todo dia, mas já aceitei mais, já, a minha vontade é que elas voltem pra cá, não aqui em casa, morar aqui no apartamento, porque agora eu sei que as duas vai ser difícil voltar, porque cada uma já se estabeleceu com suas coisas, seus costumes, por exemplo, cada uma quer ter seu quarto, é, tudo, né, ter sua casa mesmo, né? E eu acho que elas estão felizes lá, porque lá elas fazem, assim, as coisas com as amigas, vai alguém lá à noite, é gostoso, né? Pra elas receberem e aqui acho que não sei, que iam tirar a liberdade minha e do Geraldo ou não iam ficar a vontade sabe, quando junta as amigas ou ficam até mais tarde, ou tem sempre uma 'baguncinha' gostosa, né, então é diferente, mas eu já melhorei bem.

E como casal, como foi essa mudança?

Só ficar nós dois? Ah, nós sempre fomos muito amigos, os dois. E o Geraldo gosta, ele é muito quieto, meu marido, quando ele chega do trabalho ele vai fazer as atividades físicas dele, todos os dias, porque ele também tem esse hábito, mas depois ele gosta assim ou de ler ou com a gente, assim, fica junto. Nós saímos, assim, uma vez, todo final de semana, vamos a missa ou vamos às vezes ao cinema, mas nós somos muito caseiros, mas o diálogo, nossa, é sempre assim, bom, sabe, não mudou em relação, sempre foi igual, não é porque elas não estavam não é porque, sabe.

E mesmo com os retornos da Sonia o relacionamento não mudou?

Sempre foi igual, sempre a mesma coisa, a gente nunca foi assim, sabe, sempre foi a mesma coisa, acho que não mudou não, mesmo sozinha ou não, continuou, ele vai ler eu vou fazer meu tricô, eu vou ler, porque nós, a gente, gosta então sempre fomos iguais.

E em relação às meninas como é o papel dele, principalmente em relação à Sonia que é nosso foco sobre as saídas e os retornos.

Sim, sim, o Geraldo ele sempre aceitou muito mais as coisas do que eu, eu sempre percebi isso, eu não sei pelo fato dele ser muito fechado, mas ele pra ele está tudo bom, estar aqui está uma maravilha, se ela está morando lá ele ficava super feliz, então eu já tenho mais mania de falar de reclamar, ah porque que saudade, ah porque isso e aquilo, mas meu marido não, nunca falou essas coisas. Ele é diferente assim no relacionamento, pra ele está tudo bom, ele aceita com facilidade ele é muito mais aberto às coisas do que eu e eu achava antes que eu era mas moderna assim, mas ele é muito mais do que eu.

Como você descobriu isso? Com as idas e vindas?

Isso, vem muito assim delas, do modo delas, na vida mesmo de morar fora. Sabe porque vem tudo da educação, eu tive uma educação muito rígida sabe, muito rígida, assim, tudo era pecado, tudo era assim proibido tudo não podia fazer, os outros iam falar, sabe, então isso foi muito difícil. A terapia que me ajudou bastante sabe Cinthia, porque eu era pior ainda, então uma coisa muito estranha.

E pior ainda em que aspecto?

Assim de achar não pode fazer tal coisa que vão falar, sabe esse negócio, que os outros.

E você cobrava isso delas?

Cobrava, então depois eu fui caindo em mim mesmo e dizendo nossa tenho que mudar, tenho que procurar ver. Eu meu marido já não meu marido já é bem diferente teve uma educação diferente, aceita com mais facilidade as coisas, não que eu não aceite, mas, agora, mas eu aprendi bastante. E eu e aprendi muito com a Sonia, muito, muito, gozado, né, em vez de filho aprender com a mãe, eu aprendi muito com ela.

Você diria que aprendeu o que?

A ser mais firme nas minhas idéias, a crescer mais, a pensar mais em mim, no sentido de não ficar preocupada no que vão falar ou deixar de falar, mas assim ver o meu lado, sentir-se bem, e também acreditar mais, confirmam mais.

E você acha que esse processo esta relacionado às saídas e retornos?

Sim, então, porque eu ficava e a Sonia me passa muito exemplo bom, de pessoa que quer, de força, sabe, porque aqui em casa somos só, nós não temos parentes aqui, então eu sempre criei as meninas sozinhas porque nossas famílias soa tudo de fora, então assim, só com amigos, mas a família, meus pais, irmãos, tanto dele quanto meu, é tudo de Minas, então só que não, a gente ia pra lá, mas na convivência do dia a dia é somente nós mesmo.

Você acha que contribuiu de alguma forma com o retorno ou alguns dos retornos da Sonia para casa ou seu marido?

Ah, eu acho que sim, porque ela sempre achou um porto seguro aqui em casa, mesmo ela tomando a decisões, que ela que tomou, mas ela sempre sabia que ela tinha onde voltar, e que ela ia ser bem recebida, né. Eu acho que sim.

E o papel dela antes de sair, como filha, e depois do retorno você acha que ela mudou muito?

No sentido assim de amadurecimento? Ah, nossa cem por cento.

E de negociações, autonomia, independência dela como se deram essas negociações? Tinha que ter horário para voltar? Ela tinha liberdade?

Tinha liberdade total, porque aí, nossa, só no começo que quando ela voltou da faculdade que aí tinha aqueles negócios, que ela tinha o tempo dela de fazer as coisas, da rotina da casa, mas nas outras coisas: total liberdade.

E comparando como foi a sua saída ou até se você quiser mencionar do seu marido da casa dos pais de vocês? Como, porque você saiu?

Pra mim foi um passo muito grande sabe, porque eu tinha acabado de me formar no magistério e fiquei dois anos lá, não conseguia, assim, trabalhar porque eu tinha que ir para outra cidade. Nossa cidade era pequena, então não tinha recurso nenhum e meu pai falava assim: "Vai sair de casa só se for pra casar", e minha mãe também, vai ficar aqui. Daí eu fiquei fazendo enxoval, fazendo coisas, mas eu me sentia assim, um zero sabe, uma coisa, porque eu sempre tive vontade de fazer alguma coisa diferente das minhas outras irmãs, eu sou a mais velha, mas as minhas idéias era querer trabalhar, sair fora, pra fora de casa, mas eu tinha um regime ali, você mora aqui, você depende daqui, você tem que e ficar aqui até você casar. Então foi uma luta. Quando eu fiquei noiva, né,

depois de três anos fiquei noiva do meu marido e ele arrumou trabalho aqui pra mim, e pra eu sair e pra eu falar para o meu pai?

Antes de casar?

Antes de casar, deixar eu vir pra cá, nossa foi uma luta.

E como foi?

Ai de tanta conversação deixou e eu fiquei morando na casa de uma família, que foi o primeiro lugar que eu morei, o Geraldo morava em outro bairro na casa de um amigo, porque ele morava nesse lugar, e como pra mim tinha que ser um lugar na casa de uma família que meu pai conhecia. Já essa gente, que tinha parente, aquelas coisas, ai eu peguei e vim, vim fazer o teste e passei. E ai, marcaram o dia para eu começar a trabalhar. O Geraldo teve que arrumar um lugar pra ele ficar, então ele arrumou uma edícula na casa de um amigo que trabalhava com ele na mesma sessão. E eu vim pra cá, pra mim foi o corte aquela vez, corte do cordão umbilical porque eu sofria, eu tinha tanta vontade de voltar pra minha casa, porque eu tinha muita saudade do meu pai, da minha mãe, da minha vidinha, mas ai foi só no começo, porque depois eu me adaptei tão bem, porque ai que eu comecei a crescer aqui, na distância e trabalhando, porque daí eu trabalhei na empresa e tudo, nossa, e eu me senti livre. Tive uma liberdade, de poder assim, nossa, eu tomar minhas decisões, então pra mim foi muito bom.

Mas você chegou a voltar pra casa dos seus pais?

Não, não, daqui mesmo eu me casei, inclusive eu e ele já compramos apartamento e ficamos aqui mesmo.

Vocês casaram rápido?

Não, eu morei aqui dois anos depois que eu me casei. É, em setenta e cinco que eu vim, e me casei em setenta e sete. E ai já fui pra minha casa mesmo, que era um apartamento aqui perto e sei que a gente comprou junto, nós dois, mas pra mim foi uma liberdade, mudei assim muito. Pra mim foi uma experiência muito grande, muito boa, forte, porque eu acho que se eu tivesse ficado em casa sair de lá só pra casar, eu ficaria assim, tipo das minhas irmãs. Elas agora estão trabalhando, mas até antes delas começarem, delas, né, terem saído e terem essa experiência de ter seu dinheiro, eu só não, só me arrependo de não ter feito uma faculdade porque quando eu vim pra cá, nesse tempo que eu fiquei, nossa, o dia todo trabalhava e a noite estudar, então eu achava que era muita coisa, então pensei depois eu faço. Fiquei dois anos sem filho, porque a Sonia nasceu dois anos e nove meses que eu fiquei sem filho. A Sonia nasceu depois desse tempo, então eu me arrependo de não ter feito faculdade, porque eu só tenho o magistério e especialização de pré-primário, mas uma faculdade e eu não tenho, então, é uma coisa que até hoje eu falo porque que eu não fiz, e foi deixando, fui deixando, fui me envolvendo com o crescimento delas, ai parei de trabalhar, depois veio a Cibele, e assim o tempo vai passando, mas na outra parte de eu ter saído da minha casa foi muito bom.

E o vínculo com a sua família, apesar da distancia física, como é esse vínculo?

Nós íamos pra lá praticamente quase todos os meses até as meninas serem pequenas. Depois na adolescência, já começou assim, uma não querendo ir, a outra, sabe, porque ah, tinha as amigas aqui, sempre final de semana tinham as coisas, mas em festas religiosas, natal, ano novo, páscoa, sempre, férias. Temos um vínculo até hoje, minha mãe é idosa, então, a gente conversa muito por telefone, em casa é direto, ligo para minha mãe um dia sim um dia não pra saber como ela está. Assim, com os irmãos, sempre a gente está se falando, mas a nossa infância, assim, adolescência dela, até criança, brincava todo mundo junto assim, era sempre uma bagunça verdadeira.

E do seu marido você saberia dizer resumidamente como foi a saída dele?

Ele, a dele, ai não sei, porque, deixa eu ver, ele trabalha lá quando a gente namorava, né? É muitos anos, que meu pai também trabalhou lá, se aposentou lá, depois ele veio direto para cá, falaram que tinha uma vaga de tradutor em setenta e três, ficamos namorando a distância e depois noivamos e ai que eu vim pra cá.

Ele também tem bastante contato com a família de origem?

Tem, tem bastante sim, nossa ele ainda tem tias de noventa e tantos anos que é um contato direto, só não tem mais mãe e pai, né, mas as tias que restaram os irmãos, então, é direto. Ah, família graças a Deus é assim, só num estamos com o corpo, mas assim estamos sempre mente presença.

Só para finalizar você acha que você colaborou ou não com as saídas da Sonia de casa, você fez algo?

Pra ela sair, eu colaborei, eu colaborei.

E com o retorno?

Também [risos]. Não no retorno, eu ia dizer, então, eu colaborei com presente, passou na faculdade foi um presente, depois foi trabalhar fiquei super feliz na profissão que ela ia assumir em Santos, mas ela não estava satisfeita lá. Ai quando falou em voltar, fiquei triste no sentido assim, do cargo, mas do estado emocional dela, da saúde dela, fazer o que ela gosta, eu colaborei no sentido, assim, eu achei bom ela ter voltado já que ela não estava feliz com essa parte, né?

E você diria, que tem identificação mais com ela, como você falou que as duas são diferentes, que passa um pouco isso pra ela?

Olha, eu acho que é visível viu, porque assim, a Cibele, sabe aquele 'ciuminho': "ah, mãe tudo é a Sônia, se é a Sônia você concorda", então eu falo, mas não sei, eu procuro não fazer distinção, mas como eu já falei pra você parece que a gente fica mais do lado da pessoa que é mais doce com a gente, né, a Cibele é bem mais seca, não sentido, assim, é, seca mesmo, sabe, mas não que a gente deixe de amar, é lógico, né?

Mas a Sonia você acha que cabe mais o papel de ficar próxima, de cuidadora de vocês?

Eu acho.

E o que denunciaria isso, por exemplo? Por ela tem esse papel?

Não consigo enxergar, não sei, por causa da identificação. Porque olha, é assim, ela não é áspera, então, eu também não sou com ela, e eu aceito muito as coisas, eu acato muito o que ela me fala, e ela também, vice e versa, né, e não sei se dizer.

Está ótimo, você me ajudou muito. Muito obrigada! Você acha que tem mais alguma coisa que gostaria de mencionar sobre as idas e vindas dos filhos, no caso dela?

Foi o que eu falei, eu favoreci para ela ir e para ela voltar. Eu não sei se eu pude passar esse sim da volta, de ter voltado, que eu favoreci, mas acho que eu vi um outro lado, eu te respondi que sim, mas de um outro lado.

De que lado?

Da presença dela aqui em casa, de ter voltado para o lar, mas não do lado profissional. Porque o lado profissional, eu não queria que ela deixasse, mas queria que ela estivesse aqui. Às vezes a gente esta falando uma coisa e não sabe passar.

Muito obrigada pela colaboração.

ENTREVISTA COM O PAI

Sr. Geraldo eu gostaria que o senhor contasse um pouquinho sobre a saída da sua filha. O senhor imaginava que ela voltaria para casa, na primeira ou na segunda vez?

Isso, ela fez a faculdade fora que foram cinco anos, em Sorocaba, voltou e isso era previsto, né? Depois com a ida para aeronáutica, para Santos, a gente achava que ela ia ficar mais tempo porque era um contrato longo e no fim ela resolveu abortar aquele processo. Bom, a gente até torcia que ela voltasse porque a gente estava preocupado que ela estava voando por aí.

Voando?

Exatamente, ela pegava carona nos aviões militares pra todo que é lado no Brasil e aquilo não era muito, não deixava a gente muito tranqüilo, então a gente até torcia que ela voltasse e foi ótimo, pra nos foi bom, então, a gente não esperava que ela voltasse tão logo, mas achou bom que tenha voltado.

Então o senhor considerou positivo o retorno?

Positivo, com certeza.

E quando ela saiu, ela demonstrou algum indicio de retorno?

Foi porque ela teve que fazer um treinamento muito puxado em Curitiba para se tornar uma oficial em três meses [risos] então realmente é uma coisa muito puxada e sacrificada e ela mesmo às vezes telefonava chorando que não ia agüentar aquilo, mas finalmente ela conseguiu, recebeu a espada e foi uma vitória espetacular, aí ela chorou de alegria porque conseguiu. E era um emprego bom pra quem está iniciando, né? Então nesse aspecto. A pergunta é se...

Havia algum indicio se ela retornaria?

É, a gente nunca sentiu que havia firmeza de propósito, sempre havia essa possibilidade, a gente contava com essa possibilidade, a gente sempre quer o melhor, né, então às vezes o tempo a com todas as coisas e as vezes deixa claro que não é por aí.

O senhor mencionou que da primeira vez já era esperado que ela voltasse por quê?

Então, nesse aspecto então a primeira vez foi à saída pra universidade, não, isso a gente sabia que ela iria até o fim, mas nessa segunda retirada, saída, ficou morando fora lá na academia de aeronáutica, da força aérea, né? É...já, como eu disse, a partir do treinamento, a gente via que era uma barra muito pesada pra ela e depois quando iniciou lá havia conflitos de opinião, de ambiente, de mentalidade, né. Então a gente sabia, percebia, que poderia haver uma mudança a qualquer hora.

E como era, o senhor considera que motivou ou não esse retorno para casa?

Eu acho que o filho percebe se a gente está aprovando uma coisa ou não, mas a gente, todos os aspectos da vida a gente procura dar plena liberdade para os filhos e não influenciar. Então, eu acredito que a gente, em nenhum momento, tenha passado algum estímulo pra ela voltar ou não.

Acredita que não?

Que não. Então é isso, eu não acho que a decisão dela tenha dependido ou tenha sido influenciada pela nossa posição, pelo nosso modo de ver as coisas, mesmo porque a gente não sabe o que que é

melhor, qual alternativa que ela vai achar, é, não sabíamos se ela iria, por exemplo, ter meios de montar consultório, é uma coisa, né?

O senhor diz se ela retornasse?

É, então, se você não pode dar uma alternativa interessante é importante que ela continue onde está, que não era ruim, absolutamente.

E quando ela voltou, tanto da primeira como da segunda vez, como foi? Porque uma vez que o filho saia acredito que mude a estrutura da casa...

Aqui não mudou muito não, porque é sempre a gente teve as portas abertas não alterou quando saiu nem quando voltou.

Nem da primeira, nem da segunda vez?

Não. Não alterou a rotina da casa.

O senhor considera que ficou a mesma coisa?

Ficou, lógico que, é, é, a nossa vida sem os filhos tem um ritmo diferente e tal, mas não que tenha impactado de alguma forma não, não vejo assim.

E os papéis, mudaram? Amadurecimento dela?

Ai já é uma pessoa que tem uma certa autonomia, que as opiniões já são respeitadas de outra forma, são encaradas de outra forma, é, não há dúvida, aí é, vamos dizer, é mais um adulto que está fazendo parte do núcleo familiar, nesse aspecto sim, eu acho que ela é vista, depois de outra forma, não há mais desnível de autoridade, nada disso.

E como se deram as negociações, principalmente nesse segundo retorno, que como o senhor mesmo mencionou já adulta, como foram às negociações?

Ela é muito responsável, é, ela sempre procurou não incomodar e sempre teve esse cuidado com a gente de nos manter sempre bem informado, de onde está, o que está fazendo, sem, não teve nenhum problema assim não. Lógico, ela marcou, não sei, marcou território no sentido de que, é, eu já não sou mais aquela adolescente e tal, então, respeitem, sem expressar dessa forma, mas respeitem a minha autonomia. Isso sim, é, então às vezes ela deixava isso bem claro, que, é, eu quero ter o meu espaço.

Como o senhor se decresceria nesse papel de pai, acho que até antes das saídas.

É, então, é, eu não me considero uma pessoa autoritária nada disso, eu procuro sempre me colocar no papel do filho e tal, e, mas é lógico, a gente tinha preocupações de estabelecer regras, mas nada rígido, né, só, deixa a gente bem informado, né, traçava algumas diretrizes, mas sem ser rígido. E depois disso deixou de ser necessário porque aí a gente respeita o que ela acha melhor e confia muito, confia plenamente no discernimento dela.

O senhor mencionou que depois que ela voltou houve essa mudança e quando ela estava longe, o senhor também se preocupava, queria saber onde ela estava?

Não, não, não, não havia essa, esse controle remoto não, não tinha isso não.

Com que frequência vocês se falavam quando ela estava longe?

Bastante, freqüentemente, pelo telefone ou te carta, bilhetes e tal, era bem freqüente sim.

Vocês se encontravam também?

Também, sim, sempre que possível, sempre que ela pegava uma carona, qualquer coisa e depois ela comprou o carro e ficou mais fácil.

Vocês não iam até lá?

Também, também, íamos muito. Tanto na época da faculdade como lá, em, na academia, em Santos, a gente foi varias vezes, até dormimos lá, chegamos a ficar num hotel no transito.

E na questão preocupação como senhor era e como é?

Hum, bom, a gente sempre fica torcendo pelo melhor, fica sempre nessa expectativa que se encaminhe bem na vida, que seja feliz, é, é uma preocupação subjacente na nossa vida o tempo todo, isso ai não tem como.

E nessa segunda, quando ela foi sair novamente, que o senhor mencionou sobre a carreira militar, teve alguma influência do senhor?

Não, foi ela que descobriu o concurso, ela que se lançou, apesar do sobrenome militar temos, de um coronel do exercito, mas não teve nada, não. Absolutamente. Nem o sobrenome não quis dizer nada. Ela, a gente jamais, foi uma surpresa, porque é uma coisa inesperada, né.

Nessa segunda vez o senhor imaginava que ela estava buscando sair novamente?

Não, é, ela tinha tentado outros concursos e tal ela já tinha falado sobre isso, que é uma coisa interessante, eu sempre achei, achei até que ela deveria investir mais nisso, mas não que fosse acabar sendo militar isso não.

(Mostrou a foto da família com a filha de uniforme da aeronáutica).

Puxa, que beleza! E faz quantos anos isso?

Já faz uns oito anos, por ai.

E quando ela voltou, ela ficou bastante tempo em casa?

Ficou, ficou, ela só saiu novamente pra ficar com a irmã, isso foi o ano passado, né? Que foi em Atibaia pra dar um apoio pra irmã.

E essa saída, como foi? Por que agora saíram as duas, né?

Não, foi tranquilo, a gente sabe que elas preferem ter um espaço, e ficou meio a meio. Saiu, mas não saiu. Porque ela vem, elas vêm, praticamente todo dia almoçar ou até dormir às vezes aqui. Então foi um arranjo interessante pra todas as partes.

E era esperado?

É, sim, sim, é, elas se incomodam mais do que a gente, acham que a gente tem que sair pra dar liberdade pra vocês, mas, jamais teve, jamais a gente teve essa esse enfoque.

O senhor sente falta delas estarem aqui?

Não porque eu fico muito fora e a gente sempre está se reencontrando, a mãe principalmente, as vê, praticamente diariamente, né? Então não afetou nada...

E agora que elas saíram, mudou bem a estrutura da casa?

Sim, o ritmo é outro né, mais...tranquilo.

Gostaria que você me contasse um pouco sobre a sua saída da casa dos seus pais, como foi?

Bom, bom, eu fui muito ausente agora depois quando eu me aposentar eu quero até construir alguma coisa lá pra gente poder passar mais tempo por lá com os irmãos porque minha esposa também é da região, da mesma cidade, porque eu fui muito ausente da vida dos meus irmãos porque eu entrei, eu fui para o seminário com onze anos, fiquei um ano, depois fiquei sete anos no seminário em outra cidade, um método franciscano.

Era colégio interno, morava lá?

É, interno, direto, então lógico eu fui achando que eu tinha vocação pra aquilo e tal, então foi voluntariamente, sem, e, mas teve esse lado que eu me ausentei muito da família, muita coisa eu perdi, né?

Você estudou nesse colégio e depois já veio para São Paulo?

Ah, sim, aí, quando eu sai, que eu terminei o seminário menor, que era na verdade o preparatório, que depois eu fiz o antigo ginásio e colegial lá, aí terminei quando a gente teria que tomar uma decisão daí eu sai.

Saiu do seminário?

É do seminário, não quis continuar. Pela minha formação eu optei pelo curso de letras, daí eu fiquei trabalhando numa empresa, em Minas mesmo, fiquei quatro anos lá ao mesmo tempo que eu fiz a faculdade em Resende, de letras, quando eu terminei, é, eu tinha, tem até hoje, primos que moram aqui, que falaram que em São Paulo tinha mais campo, porque eu não queria ser professor e tal, eu queria trabalhar com inglês e tal e de fato foi o que eu consegui, estou até hoje lá como tradutor. Então foi isso.

E você veio pra cá cedo, você era jovem?

Eu vim com vinte quatro anos.

Formou e veio?

É.

E como foi esse desligamento dos pais?

Então como eu já tinha 'knowhow' disso, desde 'pichotinho', pra mim foi tranquilo, não sei pra minha mãe, né, que...mas como são cinco irmãos, não é uma coisa assim, que ela, também sempre apoiou muito. É, foi assim, não foi nada, foi tudo, tranquilo.

Você mantinha contato com eles com frequência?

Ah, sim, antigamente ainda que eu era só namorado, depois noivo, eu ia pra lá praticamente todo final de semana estava lá ou no máximo quinze dias eu estava lá.

Aqui você tinha família?

Não, tinha esses primos de segundo grau, mas não tinha intimidade. Então foi assim. Eu ia muito freqüentemente, depois que meus pais faleceram aí a gente começou a espaçar mais. Minha sogra é viva ainda e minha esposa está sempre no telefone com ela e tal, não vê necessidade de estar lá toda hora.

É longe?

É longe, são quatrocentos quilômetros.

Quando as crianças eram pequenas vocês iam com mais frequência?

Íamos, porque nos falávamos vamos para Minas, não tinha, depois que começaram a falar não, não vamos, aí,....precisava negociar e ficava mais difícil.

O senhor vê alguma semelhança com a sua saída e a saída da sua filha?

Eu acho que sim, no sentido de autonomia e de procurar o que a pessoa acha que é interessante pra ela. A gente acaba buscando o que a gente acha que é melhor. Você não tem aqui, você busca lá e pronto, né?

Eu gostaria de focar algo na primeira saída dela, quando ela foi para faculdade, como o senhor falou, era esperado que ela tinha ido só pra estudar, mas em nenhum momento lhe ocorreu que ela poderia ficar por lá e fazer a carreira lá?

Olha, tinha até, você esta falando da primeira...não a gente achava até que se ela fosse fazer uma pôs ou alguma coisa, é, isso poderia ser feito estando aqui. Nesse aspecto não, porque a idéia era que ela se formaria e trabalharia aqui, a principio, eu acho.

E na saída da faculdade o senhor achou, contribui pela escolha de estudar fora de São Paulo ou não?

Como o curso dela, a gente não tinha, é, assim, não tínhamos os detalhes de onde era melhor e tal, ela achava em principio que Ribeirão era bom, então, tanto é que ela fez duas vezes o vestibular, ela passou tinha nota para ter entrado o primeiro ano, mas ela queria, estava batalhando para ir pra Ribeirão. [ou seja, ficou mais um ano fazendo cursinho em casa mesmo tendo pontuação para ter feito o curso em outra faculdade] Depois, durante esse intervalo, entre um vestibular e outro, ela ficou sabendo que era uma faculdade muito boa também, Sorocaba, então, a gente torcia, pela melhor pra ela, a que ela estava querendo, e ela falando que estava bom, então a gente torceu.

Só para finalizarmos eu deveria ter perguntando no momento apropriado, mas gostaria de saber, quando ela voltou tanto na primeira quanto na segunda, que ela já estava trabalhando, ela auxiliava na questão financeira?

Ela sempre foi generosa, assim, mas a gente também não, graças a deus, não precisava nada assim, então a gente falava compre seu carro, compre suas coisas, deixava pra ela administrar o dinheiro dela que ainda tem muita coisa pra frente para construir.

O senhor acha que tem algo relevante para falar sobre as idas e vindas dos filhos tanto para eles como para os pais...

É, o que é notório é que sair é bom, até amadurece, isso a gente sempre, sem duvida, é, é interessante pra duas partes, a gente também não fica muito ligado, aprender a respeitar a individualidade e tudo e esse afastamento é interessante para os pais. E par o jovem então, mais ainda aprender a alçar vãos próprios.

O senhor considera que ela era muito apegada?

Sim, mas é, desde 'pixotinha' ela era, ela tinha mais facilidade de sair do que a irmã, assim dormir fora, essas coisa, ela não tinha problema não. A outra já era mais rabo de saia da mãe.

E em relação aos retornos o senhor não se incomoda?

Não, as portas sempre abertas. Você já viu a placa que ela me trouxe da Itália?

Não.

Deixa eu ver, está aqui, ela tinha posto do lado de lá da porta, mas agora está aqui pra dentro: “Refugio de papai, um lugar quente, seguro, para fazermos sempre uma pausa. Aconselho visitas numerosas e freqüentes”. [risos]

Está dizendo tudo?

Está dizendo tudo.

Então, se houver agora o terceiro retorno?

Ah, sim.

Vai ser positivo?

Lógico!

E dentre todos os fatores que a trouxeram de volta qual o senhor considera o mais forte? Emocional, financeiro? O que mais motiva o retorno dos filhos?

Eu acho que tudo, a parte pratica e também se não se sentisse bem não voltaria ia partir para outra coisa, então acho que é um conjunto, né? Você sempre procura o melhor.

Está ótimo. Muito obrigada!